

SOLANGE MARIA DO CARMO

## **JESUS: BOA-NOVA UNIVERSAL DE DEUS**

**Estudo bíblico-catequético a partir de At 10,1–11,18**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings, SJ

BELO HORIZONTE

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2008

## **Agradecimentos**

*Deus convida e dá forças: 'Vamos, homem amado, tu não estás só!' (Schillebeeckx)*

Àquele que, desde o princípio, me amou e me chamou para o seu serviço.

Ao Pe. Geraldo Orione Silva, pela amizade incondicional.

A todos aqueles que persistem e lutam, agarrados à certeza de que “com Deus faremos proezas” (Sl 60,13).

## **Homenagem**

Ao Pe. Antônio Mendes (*in memoriam*), que sempre incentivou a trajetória de leigos na teologia.

## RESUMO

A perícope de Pedro na casa de Cornélio (At 10,1–11,18) é um típico exemplo de catequese narrativa. Desejoso de legitimar a prática evangelizadora de Paulo entre os gentios, Lucas elabora uma bela história, mostrando como Deus se antecipa às iniciativas da Igreja nascente e viola as leis judaicas. Fica patente a *teologia da ruptura* elaborada por Lucas, que tem relevo especial nesta perícope. A tensão entre o velho e o novo, presente nos Atos dos Apóstolos, perdura na Igreja, que vive hoje momentos de necessária superação de paradigmas: modelos catequéticos que não falam mais ao sujeito eclesial. Tomando como fonte o texto de At 10,1–11,18, este trabalho busca luzes para a catequese atual. Jesus, centro articulador da pregação de Pedro e motivo da superação das prescrições antigas, continua sendo a boa-nova universal de Deus que todos esperam.

## PALAVRAS-CHAVES

Catequese, Evangelização, Pastoral, Atos dos Apóstolos, Ruptura, Sinais dos tempos, Dinamicidade da fé, Igreja, Querigma, Leis judaicas, Boa-nova, Catecismo.

## ABSTRACT

The pericope about Peter in Cornelius' house (Acts 10,1–11,18) is a typical example of narrative catechesis. Wishing to legitimate Paul's way of evangelizing among the gentiles, Luke works out a nice story, showing how God steps in before the initiatives of the early Church, and infringes on Jewish laws. This pericope not only materializes lukan *rupture theology*, but even gives it special emphasis. The tension between old and new, present in Acts of the Apostles, persists in the Church now coping with moments of pressing superation of paradigms -- catechetical models today meaningless to the ecclesial subject. This paper takes Acts 10,1-11--11,18 as a source to shed light on present-day catechesis. Jesus, articulating centre of Peter's preaching, and reason for superation of ancient prescriptions, abides as God's universal Good News all are looking forward to.

## KEY-WORDS

Catechesis, Evangelization, Pastoral, Acts of the Apostles, Rupture, Signs of the times, Dynamicity of faith, Church, Kerygma, Jewish laws, Good News, Catechism.

# SUMÁRIO

SIGLAS DE DOCUMENTOS .....	5
ABREVIACÕES .....	5
INTRODUÇÃO .....	9
1 VISÃO HISTÓRICA E ESTADO DA QUESTÃO .....	13
1.1 Repercussões do Concílio de Trento.....	15
1.1.1 A Reforma Protestante.....	15
1.1.2 O Concílio de Trento e os catecismos .....	18
1.1.3 A importância das missões populares.....	20
1.1.4 Balanço geral.....	23
1.2 Repercussões do Concílio Vaticano II .....	24
1.2.1 A convocação do Concílio .....	24
1.2.2 O Concílio (1962-1965).....	26
1.2.3 Interpretações do Concílio .....	27
1.3 Modelos de catequese.....	31
1.3.1 Catequese centrada na doutrina.....	32
1.3.2 Catequese centrada na mudança social.....	35
1.3.3 Catequese centrada na conversão pessoal.....	38
1.4 Perplexidade pastoral .....	40
1.5 Conclusão .....	48
2 CASO EXEMPLAR: At 10,1–11,18 .....	50
2.1 Lucas e sua obra.....	50
2.1.1 O Evangelho de Lucas .....	51

2.1.2 Os Atos dos Apóstolos .....	52
2.2 Atos 10,1–11,18.....	54
2.2.1 Lugar nos Atos dos Apóstolos .....	54
2.2.2 Composição do texto .....	56
2.2.3 Divisão da perícopes .....	58
2.2.4 Recursos literários .....	59
2.3 Elementos de exegese de At 10,34-43 .....	60
2.3.1 Determinação do texto.....	61
2.3.2 Tradução de trabalho .....	61
2.3.3 Crítica textual.....	62
2.3.4 Lugar composicional de At 10,34-43 .....	62
2.3.5 Estrutura interna .....	73
2.3.6 Temas principais .....	74
2.4 Leitura de conjunto .....	78
2.5 Conclusão .....	81
3 ATOS 10,1–11,18 COMO CATEQUESE NARRATIVA.....	82
3.1 O problema de fundo de At 10,1–11,18.....	83
3.1.1 A acolhida dos pagãos na comunidade cristã .....	83
3.1.2 A comensalidade com os pagãos.....	84
3.2 A narrativa de At 10,1–11,18 como resposta .....	85
3.2.1 Os pagãos têm sede de Deus .....	86
3.2.2 Ouvir o Senhor é a maior lei .....	86
3.2.3 Os pagãos vão em busca da palavra prometida.....	88
3.2.4 Os pagãos estão prontos para acolher a Palavra de Deus .....	89
3.2.6 O Espírito rompe as barreiras da lei .....	90
3.2.7 A Igreja acolhe a orientação divina .....	92

3.3 O querigma de Jesus: núcleo da mensagem e da prática cristã .....	92
3.3.1 At 10,34-43 e outros esquemas do querigma.....	93
3.3.2 At 10,34-43 e os discursos querigmáticos de Atos .....	95
3.4 A teologia de Lucas e a pregação de Jesus.....	98
3.4.1 O discurso de Jesus na sinagoga (Lc 4,14-30).....	99
3.4.2 Jesus Cristo suplanta a lei judaica .....	103
3.5 Conclusão .....	106
4 LUCAS: A TEOLOGIA DA RUPTURA .....	110
4.1 Lucas lê os sinais dos tempos .....	111
4.1.1 Compreendendo a categoria dos sinais dos tempos .....	112
4.1.2 Dois grandes sinais dos tempos no começo do cristianismo .....	116
4.1.3 Uma necessária releitura da história.....	119
4.1.4 De olhos bem abertos para perceber os sinais dos tempos .....	119
4.2 Lucas compreende a dinâmica da fé .....	121
4.2.1 Compreendendo a dinamicidade da fé.....	122
4.2.2 Considerações importantes sobre os dogmas.....	124
4.2.3 Uma necessária releitura do dogma.....	125
4.2.4 De coração bem aberto para dialogar com o mundo .....	126
4.3 Conclusão .....	127
5 CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS .....	128
5.1 Uma catequese ousada .....	128
5.1.1 Para o tempo de Lucas.....	128
5.1.2 Para os tempos atuais.....	130
5.2 Uma pastoral ousada .....	134
5.2.1 Para o tempo de Lucas.....	135

5.2.2 Para os tempos atuais.....	137
5.3 Conclusão .....	140
CONCLUSÃO GERAL.....	141
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	144

## SIGLAS DE DOCUMENTOS

AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
CR	Catequese Renovada – Documentos da CNBB n. 26
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DH	Denzinger
DNC	Diretório Nacional da Catequese
Doc. CNBB	Documento da CNBB
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> do Vaticano II
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> do Vaticano II
MEDELLÍN	Documento de Medellín
PUEBLA	Documento de Puebla
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
RMi	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SDom	Documento de Santo Domingo

## ABREVIACÕES

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
aC	Antes de Cristo
dC	Depois de Cristo
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CELAM	Conferência Episcopal da América Latina
MS	<i>Mysterium Salutis</i>
CEBs	Comunidades Esclesiais de Base
MST	Movimento dos Sem-Terra
v, vv.	Versículo, versículos

As abreviações bíblicas seguem a tradução da CNBB. Não são referidas as abreviaturas da ABNT.

# INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu de um certo mal-estar e de um sonho.

Mal-estar causado por uma realidade facilmente observável: cresce assustadoramente a dificuldade de a Igreja falar uma linguagem acessível ao cristão atual. Além da multidão de vozes que ecoam aos ouvidos do católico, competindo com a palavra da Igreja, agrava-se ainda mais a situação se se pensa que o discurso católico não é coeso: são tantas vertentes teológicas que se abrem num mar de possibilidades, causando no crente despreparado um enorme medo de naufragar. Proliferam-se as tentativas de acertar, de achar o caminho. Surge no cenário católico uma porção variada de opções: movimentos diversos, espiritualidades específicas, modelos catequéticos distintos, celebrações e vivências da fé dantes nem imaginadas... Despontam discursos de toda forma, cada qual acentuando um foco, um traço marcante da fé, por vezes um detalhe importante que dá sentido ao conjunto. Basta uma rápida passada pela densa floresta católica e a biodiversidade da fé é detectada, revelando uma complexa teia de relações.

Neste quadro, preocupam bastante os modelos catequéticos que têm sobrevivido às intempéries da modernidade e pós-modernidade. Tendo caducado a identidade tridentina que manteve a Igreja como corpo distinto no meio da sociedade durante tanto tempo, urge buscar um novo jeito de ser Igreja: uma identidade<sup>1</sup> harmoniosa com o momento presente, com as demandas do homem e da mulher modernos, sem, no entanto, abrir mão do que é mais próprio do ser cristão. Assim, a evangelização na Igreja busca caminhos. Rompe novas picadas como um bandeirante à procura de um tesouro precioso. Mas este processo é duro e causa angústias. Falar uma linguagem acessível ao homem e à mulher de hoje, tão ávidos de novidades – num tempo em que tudo é breve, passageiro, *on-line*, imediato –, constitui verdadeiro desafio. A Igreja, com seus dois mil anos de história, tem ritmo próprio: o sistema *on-line* não faz parte de seus métodos. É preciso tempo para assimilar novidades. É preciso cautela para mudar posturas. É preciso coragem para transformar o velho – tão seguro e estabilizado! – em algo novo – tão desinstalador e desconfortante!

---

<sup>1</sup> “A pergunta sobre a identidade cristã é a pergunta sobre o ser cristão hoje” (FLORISTÁN SAMANES, Cassiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 342).

Então, o que fazer? Como dialogar com o novo sujeito eclesial que se apresenta, sem desdenhar tantos anos de experiência, sabedoria e presença de Deus na história da Igreja? O católico de hoje – por mais diversificado que seja seu perfil – raramente se identifica com o discurso da Igreja. A evangelização atualmente se apresenta sem a força transformadora originária que cativou tanta gente e fez muitos deixarem tudo por causa de Jesus. Será que o evangelho não fala mais ao coração da humanidade? Terá a Palavra de Deus perdido seu vigor ou seus mensageiros estão falando uma linguagem incompreensível na Babel da modernidade?

Em meio a tribulações e perseguições sem fim, o cristão das origens não perdeu seu ânimo. Encontrou na linguagem apocalíptica um jeito de falar de sua esperança, de manter vivo seu sonho de ver o céu descer à terra, num encontro singular. Também nos tempos hodiernos, não seria razoável ao cristão perder as esperanças. Um desejo enorme de ver a Igreja anunciando com clareza e coerência sua mensagem tão antiga e tão nova fez este trabalho surgir. Ainda que ele não tenha a pretensão de resolver problema tão complexo, tem, com certeza, o desejo de pensar os caminhos da evangelização na Igreja, com base na Escritura Sagrada que a ilumina e orienta.

Para tal reflexão, será tomado como ponto de partida o texto de At 10,1–11,18: Pedro na casa de Cornélio. Essa escolha não foi aleatória. A perícopes em questão tem como pano de fundo uma complexa situação eclesial que faz lembrar o tempo presente: cristãos de origem judaica e cristãos vindos do paganismo se encontram desafiados a superar suas barreiras e a falar a linguagem da unidade. Não bastam mais os pressupostos judaicos anteriores. Faz-se mister uma singular compreensão da realidade: novos sinais dos tempos se mostram no céu da fé e os dogmas antigos carecem de nova compreensão, uma vez que outros elementos entraram em cena. A identidade judaica de antes não dá mais suportes suficientes para o público-alvo daquele momento. Lucas, preocupado com esse novo quadro, elabora uma narrativa brilhante. Junta diversas tradições e compõe um quadro iluminador, cujo centro é o discurso querigmático, anunciado na casa de Cornélio. A evangelização tomará outro caminho a partir de então, legitimando a pregação de Paulo aos gentios e a comensalidade entre judeus e pagãos nas comunidades primitivas.

Tendo escolhido o texto bíblico, torna-se importante fazer um levantamento do cenário catequético: *visão histórica e estado da questão*. É o capítulo primeiro. O fenômeno

diversificado da catequese ou evangelização atual tem suas bases nos dois concílios mais marcantes dos últimos tempos: o de Trento e o Vaticano II. A identidade da Igreja foi fortemente marcada por Trento. Ele definiu as cores da evangelização, especialmente por meio de seus catecismos e das missões populares. Mas o Vaticano II chegou rasgando o véu do santuário tridentino. Desarrumou a casa, deixou suas digitais. Duas identidades distintas disputavam – e ainda disputam – o papel de protagonista da Igreja, ora prevalecendo um, ora outro, ora os dois atuando ao mesmo tempo. Surgem alguns modelos de catequese, que se firmam a partir desse quadro complexo. Estarrecidos, os cristãos buscam maneiras de evangelizar, de continuar anunciando a Palavra de Deus. Mas é grande a perplexidade, pois o ritmo da modernidade sugere iniciativas diversificadas na pastoral. Em meio a tal feira de ofertas, o católico fica perplexo. É a perplexidade pastoral! Parece, então, importante resgatar alguns valores antigos, refontalizar a evangelização: voltar à narrativa e ao querigma cristão, núcleo do discurso de Pedro na casa de Cornélio.

O *segundo capítulo* toma At 10,1–11,18 como *caso exemplar*. Para isso, será preciso conhecer a obra lucana: o Evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos, onde se situa a perícopé estudada. Como um cineasta que usa uma filmadora, ajustando o foco conforme pede a cena, o método adotado é o *zoom* de aproximação concêntrica. Começa-se pelo ambiente geral – a obra lucana – e, pouco a pouco, a lente da máquina vai sendo ajustada de forma a colocar seu foco em At 10,1–11,18, dando um *close* no discurso de Pedro, que se encontra em At 10,34-43, pois alguns detalhes devem ser realçados. Depois, importa reajustar o foco e ver o discurso na sua totalidade outra vez: uma leitura de conjunto se faz necessária para não ficar perdida a harmonia do corpo.

O *terceiro capítulo* se detém em Atos 10,1–11,18 como *catequese narrativa*. Primeiramente, dedica-se a entender o problema de fundo do texto: a acolhida dos pagãos na comunidade judeo-cristã e a comensalidade dos judeus com os pagãos. Depois, o que se quer é compreender como Lucas responde a esses problemas com a perícopé de Pedro na casa de Cornélio, colocando o querigma como núcleo da narrativa. Para maior clareza, é importante relacionar o discurso de Pedro com os demais discursos querigmáticos da Escritura, especialmente os discursos dos Atos dos Apóstolos. Mas não seria o bastante este passeio pela Escritura, sem dar relevo à relação da teologia lucana com a pregação de Jesus, presente no Evangelho. Lucas articula sua prática pastoral com pressupostos nas inovações trazidas pelo Nazareno e isso fica visível no discurso inaugural na sinagoga em Lc 4 e na práxis pastoral de

Jesus, que suplanta a lei judaica.

O *quarto* capítulo explora a teologia lucana pela vertente da *ruptura*. Esta característica salta aos olhos do leitor de At 10,1–11,18. Certamente, outro enfoque seria possível, mas é esse que interessa à reflexão presente<sup>2</sup>. Para melhor compreender a teologia da ruptura presente na obra lucana, duas categorias teológicas serão de grande importância: os *sinais dos tempos* e a *dinâmica da fé*, que levam a repensar os dogmas e a situar a revelação divina, num constante diálogo com o mundo.

O *capítulo quinto* traz algumas *considerações teológico-pastorais* que são resultado do estudo de Lucas e da catequese atual. Lucas ousa não só apresentar um discurso inovador na casa de Cornélio, frisando que Deus e Jesus Cristo não fazem acepção de pessoas, mas também se atreve a estabelecer novas posturas pastorais que decorrem das afirmações presentes no discurso petrino. Assim, o esquema catequético básico contido em At 10,1–11,18 ilumina a catequese e a práxis pastoral atuais.

Este trabalho cumprirá seu objetivo se, ao final do texto, o leitor se sentir incentivado a buscar caminhos para a catequese e a práxis evangelizadora da Igreja. Ou – quem sabe! – se ele servir de ponto de partida para outros teólogos levarem a cabo essa problemática, ainda que para contradizer o ponto de vista aqui defendido. De toda forma, será uma busca de caminhos, e isto é que importa.

Deus, que sempre tomou a iniciativa na narrativa de At 10,1–11,18 e derramou seu Espírito sobre os pagãos, abençoe este projeto!

---

<sup>2</sup> A proposta inicial deste trabalho é perceber o esquema catequético básico contido em At 10,1–11,18. A ruptura ganha singular importância nesse quadro evangelizador, pois Lucas trabalha com uma teologia inovadora, que justifica os Atos de Paulo e sua missão. Para dar razão à atividade paulina, Lucas tem de romper com antigas formulações da lei judaica, resignificando-as. Nesse sentido, torna-se urgente tratar da relação entre o novo e o velho na Igreja, a ruptura e a continuidade, a estrutura da Igreja e a leveza do Espírito: binômios que vão orientar todo o trabalho. Outras leituras seriam possíveis, mas essa será priorizada neste trabalho.

# 1 VISÃO HISTÓRICA E ESTADO DA QUESTÃO

*Sabeis avaliar o aspecto da terra e do céu.  
Como é que não sabeis avaliar o tempo presente?  
(Lc 12,56)*

A evangelização<sup>1</sup> sempre foi uma característica da Igreja, que nasceu do anúncio da Palavra e para este fim sempre viveu<sup>2</sup>. Os evangelistas deixam clara essa missão dos apóstolos (Mt 28,28; Mc 16,16), e o livro dos Atos dos Apóstolos (1,8) confirma essa necessidade de expandir a boa-nova para além das fronteiras de Jerusalém e até os confins do mundo. Em torno desse eixo orientador, o livro dos Atos dos Apóstolos se desenrola, tendo a Palavra de Deus – viva e atuante na pessoa do Ressuscitado – como protagonista dos eventos que mostram como a Igreja nascente vai crescendo e se organizando.

Com o passar do tempo, a compreensão dessa missão de evangelizar tomou nuances diferentes. A Igreja – no dinamismo que lhe é próprio – encontrou caminhos alternativos para anunciar a boa-nova de Jesus. Em cada momento, a visão que a Igreja tinha de si mesma se tornou o principal fator de mudanças neste quadro evangelizador. Assim, a mensagem cristã passou por evoluções, tomou novas formas até chegar ao que se tem hoje.

Atualmente, percebe-se na prática pastoral a carência de um discurso coerente. O pressuposto da cristandade – o qual ainda perdura – falsifica o discurso catequético, pois o mundo hodierno não respira mais o ar sacralizante – ou sacralizado! – da Idade Média. A Igreja se defronta com uma realidade complexa<sup>3</sup>: católicos tradicionais que querem manter os

---

<sup>1</sup> Muitos gostam de estabelecer uma diferença entre catequese e evangelização. Dizem que evangelização é um processo mais querigmático. Seria o primeiro anúncio da fé para pessoas que não fizeram ainda a experiência de Deus. E a catequese seria mais doutrinária e significaria o aprofundamento do primeiro anúncio. A Igreja precisaria primeiro evangelizar para depois catequizar. Mas hoje já se diz que a própria catequese deve ser querigmática, apresentando seus conteúdos de modo a aprofundar não um conhecimento, mas uma experiência de Deus. Então, tudo se mistura. Por isso, a palavra “formação” tem sido retomada na Igreja para falar do que diz respeito ao discurso, à linguagem evangelizadora. A Igreja, muitas vezes, tem preferido usar a palavra formação para designar o que se acostuma chamar de catequese ou evangelização. Neste trabalho, esses termos serão usados em seu sentido amplo, sendo tomados como sinônimos.

<sup>2</sup> “A Igreja nada tem de mais importante e de mais próprio do que despertar em todos [...] aquela fé verdadeira e ativa, pela qual, dando sua adesão a Cristo, iniciam ou confirmam o pacto da nova aliança” (RITUAL da Iniciação Cristã de Adultos. São Paulo: Paulinas, 2003. n. 3). Ou ainda: “A missão dos cristãos e da Igreja toda continua sendo a mesma: ajudar os outros a se aproximar de Jesus Cristo e a ter com ele um encontro pessoal” (CNBB. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas* – Documento 62. São Paulo: Paulinas, 1999 – Introdução).

<sup>3</sup> A CNBB, chamando a atenção dos fiéis para a complexidade da sociedade atual, afirma: “Neste momento histórico, estamos diante de uma realidade particularmente complexa e, ao mesmo tempo, contraditória e fragmentada” (Doc. CNBB 62, 11). Se, a princípio, esta frase foi pensada para a realidade *extra ecclesia*, com certeza ela vale também para a realidade *intra ecclesia*. Tanto dentro quanto fora da Igreja, a realidade atual é desafiadora. Cf. os números 34-43.

costumes e a doutrina; batizados<sup>4</sup>, com princípios religiosos, mas sem nenhuma vivência cristã, seja no campo ético ou no campo litúrgico; pessoas de boa vontade, mas impregnadas de ideologias religiosas muito mais que do conhecimento de sua fé; católicos de ocasião – batismo dos filhos, crisma, casamento, missa de sétimo dia e outros eventos; uma elite mínima e minimamente bem formada teologicamente, etc. Um grupo diversificado quanto à prática do evangelho e até mesmo quanto à profissão de fé<sup>5</sup>. Várias Igrejas Católicas convivem dentro da Grande Igreja, unificadas por algumas prescrições litúrgicas, pelo mesmo papa e pela boa vontade de acertar. Uma multidão excessivamente plural, pessoas impregnadas do espírito da pós-modernidade, bastante secularizadas, embora com evidentes sinais do retorno do sagrado<sup>6</sup>, vai achando o caminho de volta para a casa da mãe-igreja.

Antes de tudo, constatamos uma intensa busca de espiritualidade, mesmo se algumas de suas expressões pareçam mais reação de desencanto com a sociedade e procura de consolo do que experiências religiosas profundas. Esta busca manifesta-se tanto no mundo católico como fora dele. É caracterizada, como já notamos, por evidente pluralismo e subjetivismo. O resultado é que o próprio mundo católico se tem diferenciado ainda mais. Multiplicam-se os movimentos e retomaram vigor as antigas associações e as tradições religiosas populares (Doc. CNBB 62, 34).

Nesta conjuntura eclesial, uma tensão se instalou dentro da Igreja. Há perguntas que não querem se calar: Como conviver com essa pluralidade eclesial? Como se abrir para novos tempos, sem perder as raízes e a estabilidade da fé conquistada em dois mil anos de seguimento de Cristo? Como unificar a Igreja, sem massificar seu público? Ou, pelo menos, como falar uma linguagem minimamente compreensível para todos, capaz de motivar e estimular os católicos a perseverarem no seguimento de Jesus? Como evangelizar hoje?<sup>7</sup> Como fazer catequese nesta realidade tão pouco homogênea? Como viver a unidade em meio ao diferente? Que colorido dar à formação do fiel católico? Como fazer pastoral?

---

<sup>4</sup> Faz pensar a afirmação dos bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo para a IV Conferência Episcopal Latino-americana: “Comprova-se, porém, que a maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja. Sentem-se católicos, mas não Igreja” (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV. *Nova Evangelização – promoção humana – cultura cristã*. Conclusões. Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 1992. n. 96).

<sup>5</sup> Não é infreqüente na teologia a expressão “Igreja subterrânea”, que lembra a existência desse grupo de católicos que se sentem absolutamente livres diante das posturas oficiais da Igreja, principalmente no que diz respeito aos seus ensinamentos doutrinários e éticos. F. Roustang havia cunhado a expressão “terceiro homem” para designar esse cristão que, pouco a pouco, vai compondo seu imaginário religioso, mas prescindindo da orientação do Magistério da Igreja. Cf. ROUSTANG, F. *Le Troisième Homme. Christus*, França, v. 13, n. 52, p. 561-567, 1966.

<sup>6</sup> Além do Documento 62, diversos textos mais recentes da CNBB revelam essa preocupação, dentre eles as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora Igreja no Brasil.

<sup>7</sup> Libanio lembra que “a pregação é decisiva na formação do povo e portanto da identidade católica” (LIBANIO, João Batista. *A volta à grande disciplina*, São Paulo: Loyola, 1984. p. 51).

Certamente este trabalho não vai responder a questões tão complexas, nem encontrar soluções para tais problemas. Nem de longe há essa pretensão! O desejo é mais singelo. É tão somente pensar caminhos, avaliando o caráter dinâmico da evangelização, e, ao mesmo tempo, realçar a urgente necessidade de um discurso mais apropriado para esse quadro de conflitos, onde o velho e o novo se atropelam, sem encontrar um equilíbrio.

Para melhor pensar essas questões, faz-se mister um levantamento da história da catequese da Igreja. Afinal, um modelo de catequese ou evangelização não se instala de um dia para o outro. Não basta um documento da Igreja ou uma “reflexão teológica da moda” para transformar uma realidade tão complexa como essa. A instalação de um modelo catequético é lenta, gradual – quase silenciosa! – mas, certamente, tem marcos visíveis que sinalizam sua chegada e firmam suas bases.

É importante localizar dois eventos fundamentais na história eclesial, que muito impulsionaram a compreensão que a Igreja tem de si mesma e deram rumos distintos à evangelização: o Concílio de Trento<sup>8</sup> e o Concílio Vaticano II.

## **1.1 Repercussões do Concílio de Trento**

O Concílio de Trento é um marco importante na vida da Igreja, pois ressitua a pastoral católica diante dos questionamentos advindos da Reforma Protestante.

### **1.1.1 A Reforma Protestante**

Enquanto a Idade Média respirava o ar católico, filtrado pela liderança dos representantes da Igreja, que não se sentia ameaçada por outra religião cristã que pudesse se apresentar como competitiva, a catequese permaneceu viva, mas sem grandes acentos que pudessem lhe servir de balizas<sup>9</sup>. Ela estava presente especialmente por influência de pregadores populares, santos que dedicaram sua vida à evangelização, alguns movimentos de

---

<sup>8</sup> Apesar de já terem se passado quase quinhentos anos desde esse Concílio e de o Vaticano II ser marca registrada da Igreja atualmente, Trento continua sendo de grande importância para o cenário católico. Chamado por Libanio de “a última grande identidade da Igreja”, o Concílio de Trento é marco inconfundível na história, por isso será um dos pólos da reflexão sobre os caminhos da evangelização da Igreja neste trabalho. Cf. LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 23-24.

<sup>9</sup> O Doc. CNBB 26 da CNBB afirma que, nesse período, a catequese já não consistia tanto numa iniciação cristã à comunidade de fé, como nos primeiros séculos. Considerando que a sociedade estava inteiramente animada pela religião cristã, a catequese se fazia por imersão nessa cristandade. Cf. CNBB. *Catequese Renovada: orientações e conteúdo* – Documento 26. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 8-9.

volta ao evangelho, congregações religiosas e monásticas<sup>10</sup>. Mas os dias de estabilidade da Igreja como única religião cristã, como bloco monolítico que mantém a hegemonia do cristianismo, estavam contados<sup>11</sup>. Em meio a tantos altos e baixos<sup>12</sup>, nos bastidores da Igreja, um teólogo agostiniano alemão, Martinho Lutero<sup>13</sup>, ruminava sonhos de mudança<sup>14</sup> e se sentia sufocado pelos ares viciados que penetraram na cristandade. Práticas piedosas de devoção iam se firmando<sup>15</sup>, nem sempre bem fundamentadas no que se entendia como o ideal cristão, até chegar ao seu ponto máximo no caso das indulgências<sup>16</sup>. Tal era a gravidade da situação, que circulava pela Alemanha um famoso dito popular: “Logo que o dinheiro tilinta na caixinha,

---

<sup>10</sup> Franco Pierine fala da espiritualidade popular que se concretizou em algumas instituições religiosas: a devoção à humanidade de Cristo, que encontrou expressões apaixonadas em São Bernardo e nos cistercienses; em São Francisco de Assis e nos franciscanos, a devoção à Palavra de Deus (cf. PIERINE, F. *A Idade Média: Curso de História da Igreja II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 161). Alguns autores afirmam que esses pregadores “são vozes que clamam no deserto” (ANTONIAZZI, A; MATOS, H. C. J. *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 147).

<sup>11</sup> Essa mudança vai exigir da Igreja uma catequese diferente, mais voltada para a instrução (cf. CR, 10-11).

<sup>12</sup> Sobre as diversas causas religiosas da Reforma (cf. MARTINA, G. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias – A era da Reforma*. São Paulo: Loyola, 1995. v.1, p. 51-108).

<sup>13</sup> Por muito tempo, os católicos viram Lutero sob a ótica de seus opositores, que o mostravam como um demagogo, desordeiro, desequilibrado e culpado de toda a divisão da Igreja. Isso aconteceu devido aos relatos do Cônego de Breslávia, Johannes Cochlaeus de Wittenberg, e a alguns outros que seguiram sua linha de pensamento (cf. MARTINA, *História da Igreja*, p. 119). Depois de estudos mais aprofundados, a história foi revista e percebeu-se em Lutero uma profunda religiosidade, uma caridade sincera com os pobres e uma reta intenção de ver a Igreja seguindo os passos do mestre Jesus. Isso, no entanto, não foi suficiente para cegar os críticos em relação à personalidade ativa, ao caráter forte, impulsivo e até descomedido do Reformador. Esses traços explicam um pouco a tendência de Lutero ao subjetivismo, tendo como conseqüência uma religião intimista, como também sua grande influência sobre as massas.

<sup>14</sup> “Antes de Lutero, portanto, havia um movimento espontâneo de reforma no seio da Igreja católica e alguma coisa havia sido feita. Os resultados, porém, ainda eram escassos e se estava bem longe de uma renovação séria e profunda, tanto mais que a resistência à renovação religiosa provinha sobretudo da cúria romana, onde pontífice e funcionários realmente não se davam conta da gravidade do perigo e se embalavam na sonolência e na vida mundana” (MARTINA, *História da Igreja*, p. 189).

<sup>15</sup> O próprio Lutero pensava em termos de cristandade, mas queria combater os vícios desta. A Igreja daquele momento vivia mergulhada em práticas piedosas como o culto às relíquias, muitas superstições e as práticas indulgenciadas. O historiador Daniel-Rops se refere às relíquias reunidas pelo rei Frederico, o Sábio, na Festa de Todos os Santos, em 1517, em Wittenberg, da seguinte forma: “todas elas [as relíquias] escolhidas: não só corpos inteiros de santos, cravos da paixão, açoites da flagelação, mas também cueiros do Menino Jesus, palha da manjedoura onde nascera e, até, gotas de leite de sua Santa Mãe! Numerosas – e frutuosas – indulgências estavam ligadas à veneração desses preciosos tesouros” (DANIEL-ROPS. *História da Igreja de Cristo: a Igreja do Renascimento e da Reforma*. Porto: Tavares Martins, 1962. v. 4, p. 323).

<sup>16</sup> Por indulgências entende-se “a remissão de uma pena temporal contraída diante de Deus com o pecado e cuja culpa foi já extinta” (VORGRIMLER, Herbert. *Indulgência e Purgatório*. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (ed.). *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Do tempo para a eternidade*. Petrópolis: Vozes, 1984. V/2, p. 223). A controvérsia em torno deste tema é antiga. “As primeiras indulgências foram concedidas no século XI por bispos e confessores da França, não como comutação de uma obra de penitência, mas antes como dispensa dela – mediante um ato jurisdicional” (ibid., p. 222). A Igreja passa, a partir daí, a garantir sua intercessão, concedendo suas indulgências. No século XII já são registrados alguns conflitos teológicos em torno das indulgências, que são rejeitadas por Abelardo e Pedro de Poitiers, apoiadas pelo Sínodo de Sens. Este tema será de interesse de muitos teólogos, tais como Alberto Magno, Boaventura e Tomás de Aquino, mas seu apogeu parece ser o “tesouro da Igreja” defendido por Clemente VI. Sobre isso, confira DH 1025-1027.

imediatamente a alma salta para fora do purgatório”. Sobre isso, vale observar o que Daniel-Rops escreveu:

Que grande sorte não era evitar os sete anos de sofrimento que, como se sabia, toda falta perdoada exige ainda no além ter certa a indulgência plenária concedida por um confessor à sua escolha e – melhor ainda! – poder arrancar ao fogo do Purgatório um parente ou um amigo! E por que preço se obtinha tudo isso? Depois de se ter confessado, o fiel visitava sete igrejas, recitava cinco Pater e cinco Ave, e lançava na caixa de indulgências a sua oferta, conforme as suas posses. Para os mais humildes, bastava um quarto de florim<sup>17</sup>.

A prática das indulgências havia se tornado um comércio avalizado pelo papa. O ponto nevrálgico da problemática era o embate entre fé e obras. Martinho Lutero insiste na salvação como dom gratuito de Deus. As obras, por mais desejáveis que sejam como operacionalização do evangelho, não são garantia de merecimento da salvação, afirmava o religioso. E não é só Lutero que se apresenta insatisfeito. A visão teológica dominante que favorecia tais piedades, intimidando alguns, ameaçando outros, marginalizando a maioria, não agradava mais a todo o público católico<sup>18</sup>. Lutero quer pensar essas questões e escreve suas teses: gota d’água para fazer o copo transbordar. Está convencido de que a Igreja de Roma se desviou do verdadeiro evangelho. Mas a crítica do reformador ao lucrativo negócio das indulgências<sup>19</sup> – sobremaneira a investida contra a grande indulgência pelas contribuições para a construção da basílica de São Pedro – não poderia ficar sem repercussões<sup>20</sup>. A Igreja,

---

<sup>17</sup> DANIEL-ROPS, História da Igreja, p. 327.

<sup>18</sup> Erasmo de Roterdã é um exemplo claro desta insatisfação. Juntamente com outros humanistas cristãos, tais como Tomás More e John Colet, Erasmo criticou a escolástica e seu sistema especulativo; satirizou o monaquismo, os ofícios eclesiásticos, a cúria Romana; escarneceu da piedade popular. Em 1509, publicou sua obra *Elogio da Loucura*, mostrando complacência com a ignorância do povo simples e anatematizando os cardeais e os papas. Erasmo se dedicou por longo tempo a outra grande obra, *o Novum Testamentum*, “o Novo Testamento em grego, com comentários e tradução latina, em forma humanisticamente clara e graciosa” (TÜCHLE, G.; BOUMAN, C. *Nova história da Igreja: Reforma e Contra-Reforma*. Petrópolis: Vozes, 1983. v. 3, p. 40). Por muito tempo, “Erasmo e Lutero acordavam-se na exigência de reforma, de renovação segundo o espírito do Evangelho. Erasmo nem de longe percebeu que a confiança humanística do homem em si mesmo, a apelação à sua própria força, seu otimismo ético se colocavam em diametral oposição à vivência de salvação segundo Lutero. Só quando a liberdade evangélica degenerou em licença, conforme ele o verificara, é que Erasmo se arvorou em crítico de Lutero” (ibid., p. 41).

<sup>19</sup> Cf. DH 1025-1027. 1398. 1406. 1448. 1467.

<sup>20</sup> Em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou 95 teses sobre o valor e a eficácia das indulgências, na entrada da igreja do castelo e da universidade de Wittenberg (cf. BIHLMEYER, K.; TUECHLE, H; CAMARGO, P. F. da S. *História da Igreja: Idade moderna*. São Paulo: Paulinas, 1965. v. 3, p. 28-29). Veja algumas teses: nº 45: “Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus...”; nº 50: “Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa soubesse das exações dos pregadores de indulgências, preferiria reduzir a cinzas a basílica de São Pedro do que edificá-la com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas...”; nº 52: “Vã é a confiança na salvação por meio de cartas de indulgências, mesmo que o comissário ou até mesmo o próprio papa desse sua alma como garantia pelas mesmas”. Tais afirmações não ecoaram no vazio. Não foram “voz que clama no deserto”, sem público para reagir, ao contrário, ribombaram como trovões fumegantes, ouvidos a longas distâncias (cf. FRÖHLICH, Roland. *Curso Básico de História de Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 122-124).

representada pelo papa Leão X, não ficou satisfeita com tal atrevimento. Estava posta a faísca da discórdia que ia incendiar todo o palheiro.

Lutero encontrou voz para fazer ressoar seu pensamento graças ao apoio dos príncipes alemães, que estavam cansados da tutela da Igreja. Afinal, como afirma Martina, “em todo grande movimento herético o fator político quase nunca está ausente”<sup>21</sup>. Assim, uma questão antes teológica vai tomar viés político e o diálogo se tornará impossível. Em 1521<sup>22</sup>, Lutero é excomungado e a Reforma Protestante se torna um fato histórico, capaz de dividir não só o povo, mas reis e rainhas: algo *real* demais para a Igreja ignorar.

Dada a largada do movimento, outros vão se colocar na competição para reforçar a disputa contra a Grande Igreja: Zuínglio e João Calvino (Suíça e países vizinhos); Henrique VIII (Inglaterra) e muitos outros. Numerosas insatisfações adormecidas eclodem por meio da Reforma Protestante, dando origem a denominações distintas. O combate entre as Igrejas será acirrado. Guerras religiosas proliferam: uma infinidade de cristãos é massacrada e a morte chega em nome da verdadeira fé<sup>23</sup>.

A partir de Lutero e do movimento em seu entorno, alguns princípios protestantes foram estabelecidos, norteando toda a Reforma: *sola fide, sola gratia, sola Scriptura*<sup>24</sup>. A Igreja Católica se vê quase que obrigada a fazer sua própria reforma. O Concílio de Trento, convocado em 1545, tem papel fundamental nesse processo.

### 1.1.2 O Concílio de Trento e os catecismos

Convocado o Concílio, durante dezoito anos<sup>25</sup> os bispos se esforçaram para elaborar novos documentos e traçar pistas para a caminhada católica. Vendo-se despreparada para o que tinha de enfrentar, a Igreja sentiu-se pega de surpresa numa encruzilhada mal sinalizada da história. Era preciso fazer algo, e urgente! Havia um clima de boa vontade

---

<sup>21</sup> MARTINA, História da Igreja, p. 109.

<sup>22</sup> Segundo Fröhlich, em 1521, “a dieta de Vórmia decreta o banimento de Martinho Lutero, porque se recusa à retratação de suas opiniões condenadas pelo papa. A execução do ‘edito de Vórmia’ é incessantemente adiada pela resistência de vários príncipes, pelos conflitos entre Carlos V e Francisco I e pela ameaça do perigo turco” (FRÖHLICH, Curso básico, p. 119).

<sup>23</sup> Quem nunca ouviu falar da famosa noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572), em que morreram milhares de cristãos em confronto? (cf. TÜCHLE; BOUMAN, Nova história, p. 119-123).

<sup>24</sup> No ablativo, subentendendo que somente pela fé, pela graça e pela Escritura se dá a ação salvadora de Deus.

<sup>25</sup> O Concílio fora convocado por Paulo III, em 1537, mas, por causa da guerra iniciada entre Carlos V e Francisco I, rei da França, foi inaugurado somente no dia 13 de dezembro de 1545, sendo encerrado no dia 4 de dezembro de 1563. Sobre os transtornos do Concílio, veja-se GRANDI, D.; GALLI, A. *História da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulistas, 1977. p. 237-241.

diante dessa urgência gritante. Mas nem tudo foi tão fácil. Foram tantos os problemas, que o Concílio foi interrompido várias vezes. Nada, no entanto, impediu a Igreja de continuar a buscar sua identidade<sup>26</sup> no quadro novo do cristianismo.

Num esforço hercúleo, apoiado especialmente pelo talento dos jesuítas, os documentos foram elaborados. Sua orientação é claramente anti-protestante, a ponto de o Concílio ser intitulado de Contra-Reforma. Ele está sempre no afã de responder à Reforma Protestante e a seus princípios. Não é gratuitamente que, na linha da tradição antiga, suas formulações seguem o modelo dos anátemas<sup>27</sup>.

Sentindo-se ameaçada pelo novo concorrente, a Igreja Católica precisava justificar sua prática religiosa, firmar sua doutrina, pontuar com transparência a fé que professava. Não era mais possível pensar que todos estavam imersos no mesmo mundo cristão. Dois mundos cristãos se apresentavam. O católico – pouco preparado para enfrentar tal situação – deparava-se com uma religião cristã alternativa, bem parecida com a sua, mas com balizas norteadoras um pouco diferentes, o que implicava em mudanças bem concretas. Era tempo de ensinar ao povo a diferença entre ser *cristão-católico* e ser *cristão-protestante*. Ser cristão não significava mais necessariamente ser católico. Duas formas de cristianismo se apresentavam. Logo, era preciso conhecer para saber escolher<sup>28</sup>.

Nessa disputa, os seguidores da Reforma Protestante vão se armar com a Palavra de Deus na Bíblia e o livre direito de interpretá-la, enquanto a Igreja Católica vai se munir com os sacramentos, a palavra do Magistério e sua tradição milenar. A teologia católica, com base na teologia escolástica<sup>29</sup>, tomará formato de catecismo popular, especialmente pelas mãos de Carlos Borromeu, encarregado da elaboração do “Catecismo Romano”<sup>30</sup>. Formulado por um grupo de teólogos, este catecismo é, na verdade, um compêndio de teologia dividido em quatro partes: o Símbolo dos Apóstolos, os Sacramentos, o Decálogo e a Oração Dominical. Seu objetivo primeiro era despertar nos fiéis o desejo de conhecer a Cristo e de

---

<sup>26</sup> Segundo Libanio, o que se deu foi que, em meio a tantas ameaças, “a Igreja construiu depois de Trento uma ‘identidade católica’ firme, coesa, estável, que resistiu durante longo tempo” (LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 19).

<sup>27</sup> “Se alguém disser que... – seja excomungado”.

<sup>28</sup> “Lutero publicou seu catecismo em 1529. Entre 1550 e 1600 aparecem os grandes catecismos inspirados no Concílio de Trento” (Doc. CNBB 26, 12).

<sup>29</sup> O *Catecismo dos Párocos* tem estrutura de pensamento semelhante à Suma Teológica, de Tomás de Aquino: usa um esquema teológico descendente.

<sup>30</sup> Este catecismo foi promulgado pelo papa Pio V, em 1566, e tornou-se conhecido como *Catecismo do Concílio de Trento* ou *Catecismo dos Párocos*, pois era endereçado à catequese paroquial, normalmente realizada depois das missas dominicais, tendo como público os católicos adultos.

seguir-lo. É um texto discursivo, ou seja, não tem formato de perguntas e respostas, deixando a cada pastor a tarefa de adaptá-lo da melhor forma, para a boa acolhida de seu rebanho. Um modelo bastante apropriado ao tempo, que apresentava a urgência de uma boa formação para os católicos. Mas, por não trazer as “lições prontas” como numa receita de bolo, esse compêndio foi sendo preterido em favor de outros manuais, aparentemente mais práticos. É o caso dos catecismos de Pedro Canísio<sup>31</sup>, que, por terem o formato de perguntas e respostas, ganharam ampla aceitação. A partir de então, toda pessoa batizada na Igreja Católica será doutrinação, por meio dos ditos catecismos<sup>32</sup>. Diante da ameaça à sua identidade, a Igreja Católica procura salvaguardar os valores que lhe são mais caros, ressaltando os pontos que a distinguem das Igrejas da Reforma.

### 1.1.3 A importância das missões populares

Depois da tempestade da Reforma Protestante, forma-se uma verdadeira correnteza catequética. As águas do cristianismo transbordam das margens estreitas da hierarquia e, por todo lado, brotam esforços que revelam a preocupação dos pastores católicos com seu rebanho. Um verdadeiro exército do papa se põe a serviço da defesa da fé. Enquanto jesuítas ensinam os exercícios espirituais para uma elite seleta, missões populares são organizadas e se difundem por todo canto. Mais e mais catecismos são editados. Fez sucesso o *Catecismo Histórico e Doutrinal*, de D. Joaquim da Encarnação<sup>33</sup>, publicado em 1757, que foi veículo inconteste da chamada “Teologia do Medo”<sup>34</sup>. O capítulo 44 sobre o Inferno se tornou amplamente conhecido, tornando-se a base das missões populares. Essa teologia encontrou campo fértil no coração inseguro do povo, dando asas à imaginação fantasiosa de muitos. Ainda hoje deparamos com imagens de Deus, presentes na catequese<sup>35</sup>, que têm sua

---

<sup>31</sup> Pedro Canísio nasceu em 1521 Era membro da Companhia de Jesus e, antes do encerramento do Concílio, em 1555, publicou o chamado *Catecismo Maior*, para uso de catequistas e adultos cultos. Um ano depois, publicou o *Pequeno Catecismo*, uma versão para crianças e, em 1558, um catecismo para jovens. Morreu em 1597.

<sup>32</sup> “O valor sempre inspirador dos catecismos, numa época de confusão doutrinal, foi o de apresentar de maneira clara e pedagógica o conjunto dos principais mistérios da fé cristã” (CR 12).

<sup>33</sup> Cônego Regular de Santo Agostinho da Reformada Congregação de Santa Cruz, de Coimbra, Portugal.

<sup>34</sup> “O imaginário criado por Trento estava carregado de força amedrontadora. O medo desempenhou papel decisivo na criação da identidade tridentina, por obra e graça do imaginário social” (LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 45).

<sup>35</sup> E não só na catequese, mas também na literatura. Seria interessante uma pesquisa sobre esse tema. Vale lembrar Clarice Lispector com o conto *Perdoando Deus*, em sua obra *Felicidade Clandestina*; Guimarães Rosa com seu personagem Augusto Matraga e seus temores religiosos depois da conversão, e Ariano Suassuna com sua obra *Auto da Compadecida*. Visões de Deus que têm como pressuposto o Deus terrível e castigador saltam destas construções literárias.

fundamentação nesta obra e em suas idéias amplamente divulgadas por missionários piedosos. Episódio narrado por Vallés faz pensar: um sacerdote jesuíta, dedicado ao ensino e completamente zeloso de seu ministério, na velhice – já na iminência da morte – é atormentado pelo medo do inferno<sup>36</sup>. São marcas da teologia do Medo que perduram até hoje. Depois do Catecismo de D. Joaquim da Encarnação, logo em seguida, em 1777, expoente importante na confecção de um outro catecismo será Belarmino<sup>37</sup>. Seu trabalho consistiu em formular perguntas que um mestre usaria para examinar seu discípulo: uma argüição religiosa.

Estes catecismos populares corriam mundo por meio das missões<sup>38</sup>, chegando a todos os rincões. Com eles, eram veiculados temas importantes – principalmente os de relação estreita com a salvação eterna –, que muito marcavam o povo simples de fé católica. Formulados a partir do imaginário<sup>39</sup> espaço-temporal<sup>40</sup> acerca dos chamados *novíssimos do homem*, esses catecismos adotavam uma linguagem que causa espanto ao leitor moderno. O tema da vida eterna, com tudo o que envolve este cenário, sempre foi um campo aberto para especulações sem fim. Por meio das pregações, os católicos eram incitados a crer em Deus, sob pena de castigos horrendos. A única solução era buscar os sacramentos e a vida piedosa, veículos capazes de preservar de tais males. Eis a seguir alguns desses temas<sup>41</sup>.

a) **O Limbo**: Entendido como um lugar para o qual as crianças não-batizadas iriam depois da morte, o limbo nunca fez parte da doutrina oficial da Igreja, mas tornou-se sobremaneira conhecido por meio das missões populares, sendo um dos temas preferidos dos pregadores. Por detrás de tal conceito, estava a preocupação com a salvação das almas, mediante o seguinte princípio: “Se não batizar a criança e ela morrer, com certeza, ela vai para o limbo!”. O limbo é um lugar sem sofrimentos, mas também sem alegrias sobrenaturais, pois nele Deus

---

<sup>36</sup> VALLÉS, Carlos González. *Viver em comunidade: sonho e realidade na vida religiosa*. São Paulo: Loyola, 1987. p. 29-30.

<sup>37</sup> Roberto Belarmino (Lisboa, 1777) editou no *Compêndio da Doutrina Cristã* um catecismo em forma de perguntas e respostas, que servia para o mestre examinar seus discípulos. Este modelo se difundiu, chegando até nossos dias. Afinal, a argüição do catequista ou do pároco às vésperas da Primeira Eucaristia, infelizmente, não está totalmente extinta da prática catequética.

<sup>38</sup> Sobre as missões estrangeiras, cf. GRANDI; GALLI, *História da Igreja*, p. 244-252 e também COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja II: do século XV ao século XX*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 54-77.

<sup>39</sup> Segundo Libanio, o imaginário é mais real que o próprio real. “É um mundo criado por esta faculdade originária do homem de representar-se a realidade [... O imaginário] organiza o mundo dos símbolos, faz sua escolha” (LIBANIO, *A volta à grande disciplina*, p. 20).

<sup>40</sup> Cf. MS V/2, p. 225.

<sup>41</sup> Cf. MATOS, Henrique Cristiano. *Caminhando pela História da Igreja: uma orientação para iniciantes*. Belo Horizonte: O Lutador, 1995. v. 2, p. 71-73 que traz em sua obra alguns trechos do Catecismo de Dom Joaquim da Encarnação.

não se faz presente. Mas a ausência de Deus e de sua luz maravilhosa causavam horror em todos os pais extremosos, que corriam a batizar os filhos, tão logo eles nasciam. De tal forma este costume de batizar recém-nascidos se difundiu, que as mães, ainda de resguardo – quarenta dias de repouso após o parto –, faziam-se representar por uma pessoa de sua confiança no ato do batismo do filho. Daí o costume de se arranjar uma “madrinha de representante”. Uma vez que o limbo não dava esperanças de passagem para outro estágio melhor, seu caráter aterrador era elevado à máxima potência, o que não era o caso do purgatório, pois, neste, uma vez expiadas as penas devidas, a alma era elevada ao céu.

**b) O purgatório:** Se o limbo era um incentivo para o batismo das crianças, o purgatório<sup>42</sup>, de algum modo, era um estímulo para a vida de oração e a prática da piedade em geral (inclusive os sacramentos da Penitência e da Eucaristia). “O contraponto do impacto amedrontador das pregações e missões será a prática regular dos sacramentos”<sup>43</sup>. Assim, uma vez cometido o pecado, o perdão era garantido por meio da confissão sacramental, mas permanecia a mancha da qual só era possível ficar livre no purgatório, um lugar de fogo e tormentos. Mas o tempo do purgatório podia ser abreviado mediante práticas e orações indulgenciadas, mais conhecidas como jaculatórias. Vem daí o costume de repetir essas minúsculas orações durante todo o tempo. A cada número de orações correspondia um tempo a menos de purgatório. Essas indulgências podiam ser lucradas para benefício próprio ou de outrem. Tendo-se um parente que já morreu, caso ele estivesse no purgatório pagando por seus pecados ou pela mancha deles, era possível livrá-lo desse tormento com as devoções recomendadas, ou pelo menos dar uma pequena contribuição para seu alívio. Alguns pregadores populares exploravam de tal forma essa Teologia do Medo que ainda é possível encontrar em plena pós-modernidade pessoas que fundamentam sua piedade no seguinte axioma: “Um dia no purgatório é como mil dias na terra”. Logo, o máximo sofrimento neste mundo que passa não tem comparação com o tormento experimentado neste lugar de horrores, onde o relógio do tempo não segue as regras do *chronos* terrestre, ao contrário, seu ritmo é dolorosamente lento. Daí o incentivo para a ascética e a mística do sofrimento.

---

<sup>42</sup> Apesar de alguns textos bíblicos (2Mc 12,42-45; Eclo 7,33; Tb 4,17; 1Cor 3,12-15) darem margem para se pensar num processo de purificação e de essa purificação já ser tema teológico dos Padres da Igreja (cf. ORÍGENES, *Contra Celso*, 5,215), o termo purgatório entra no léxico do magistério eclesiástico por meio de Inocêncio IV (1254). O pressuposto de tal doutrina assenta-se na distinção teológica entre o pecado e as penas contraídas com o pecado, aliada à idéia de que nem toda consequência da culpa é eliminada com o perdão dos pecados. Para maiores informações, cf. MS V/2, p. 225-130 e DH 1820.

<sup>43</sup> LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 64.

c) **O inferno:** A pregação sobre o inferno diz respeito ao pecado mortal. Ia para o inferno quem morresse com tal pecado, mas o problema é que, mesmo tendo uma definição teórica, não havia clareza sobre qual pecado era mortal e qual era venial<sup>44</sup>. Tal pregação servia de estímulo para se buscar a Unção dos Enfermos, em caso de risco de vida, e para estimular a prática dos dez mandamentos. Quem caísse em tentação e pecasse estava sujeito a uma punição muito severa. Nunca era possível saber, com certeza, se o pecado cometido levava ao purgatório ou ao inferno. Melhor se cuidar, afinal, o inferno é um lugar no qual, uma vez tendo entrado, dele não é mais possível sair e, como companhia, só se têm os condenados e os demônios, que se obstinaram no erro e não se converteram ao Senhor. Os tormentos do inferno são tais que é impossível descrevê-los. Só é possível um ensaio: um lugar de treva total e desespero sem alívios; cheio de bichos, fedor, aflições e lágrimas; onde o calor é máximo, e, no entanto, ao mesmo tempo, o frio é insuportável. Como disse Guimarães Rosa, “o inferno é um sem-fim que não se pode ver”<sup>45</sup>. Mas o pior ainda está por vir: o desespero de se saber que não há saída, que o tempo parou e nada concorre a favor do condenado.

#### 1.1.4 Balanço geral

Mesmo reconhecendo todo o esforço do Concílio de Trento e o brilho de suas respostas para as questões propostas naquele momento específico<sup>46</sup>, é preciso admitir que a pregação popularizada subsequente, desencadeada a partir da teologia tridentina, propagou uma formação católica que atemorizava consciências. De tal discurso, não se podia esperar mais que a implantação definitiva da Teologia do Medo, com imagens muito extravagantes de Deus, a necessidade urgente de mediadores – Nossa Senhora e os Santos, as almas do Purgatório –, a busca supersticiosa dos sacramentos como meio mágico de salvação, o desconhecimento total da Bíblia, a veneração dos representantes da Igreja como figuras sagradas capazes de espantar o perigo e o mal, e outras conseqüências<sup>47</sup>.

Com as mudanças advindas dos novos tempos, mesmo com todo o receio da Igreja quanto a esse processo de modernização, novos sujeitos se faziam presentes no cenário

---

<sup>44</sup> O pecado mortal é compreendido como aquele que conduz à morte eterna da alma. O venial, aquele que ofende a Deus, mas não leva à morte da alma.

<sup>45</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 67.

<sup>46</sup> “Trento revela o Espírito de Deus atuante em sua Igreja. É verdadeiro ‘sinal dos tempos’” (LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 39).

<sup>47</sup> Cf. LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 41-49.

da Igreja. O Vaticano II já estava sendo gestado no ventre fértil de pessoas cheias de lucidez e ávidas de mudanças.

## 1.2 Repercussões do Concílio Vaticano II

*Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo  
(Ez 36,26).*

O Vaticano II (1962-1965) é um divisor de águas na história contemporânea da Igreja. Ele chegou como um filho muito esperado, mas que só veio à luz ao custo de dores e gemidos sem par.

Diversos movimentos o precederam e prepararam o terreno da Igreja Católica para a grande sementeira que haveria de acontecer. Por todo lado, podiam ser vistos sinais de mudança<sup>48</sup>.

O Vaticano II não caiu pronto do céu e também não é, apenas, o resultado de uma repentina 'inspiração divina'. Como todas as realidades humanas, conhece seu preciso contexto histórico. Na realidade, é fruto de um longo processo de maturação; o coroamento dos movimentos preparatórios<sup>49</sup>.

A Ação Católica registrava a presença atuante de fiéis leigos no campo social, o Movimento Litúrgico vinha promovendo a chance de a liturgia ser repensada. O Movimento Bíblico fazia a Bíblia transbordar do universo hierárquico para ambientes populares. O Movimento Ecumênico ganhava força depois das guerras: cristãos superaram suas divergências e se uniram para servir os refugiados de guerra e os judeus. O ecumenismo não era mais um sonho impossível, mas uma idéia ventilada em alguns ambientes. O Movimento Catequético ganhava vulto nos anos trinta com Marie Fargues e Françoise Derkenne, tendo como animador Joseph Colomb, diretor do ensino religioso de Lião. A partir de 1964, diversas obras acentuam as insuficiências do catecismo que vigorava na Igreja. Uma sede de mudança e de um novo discurso se instalava pouco a pouco, sem alardes, mas ganhando terreno.

### 1.2.1 A convocação do Concílio

O século XX chegou com a modernidade transitando livremente nos diversos setores da vida humana. Mas, no campo religioso católico, a modernidade encontrou o sinal

---

<sup>48</sup> Cf. COMBY, Para ler a história, p. 200-206.

<sup>49</sup> ANTONIAZZI; MATOS, Cristianismo, p. 174.

fechado<sup>50</sup>. O sociólogo Peter Berger afirma que “o catolicismo encarou o mundo moderno com muita suspeita desde o começo e, como resultado, conseguiu com mais eficiência [que as Igrejas da Reforma] manter até a uma data mais recente suas defesas cognitivas contra a modernidade”<sup>51</sup>. Prevalencia ainda uma visão estática e jurídica da Igreja, tanto no campo da reflexão teológica quanto no campo da práxis (moral e pastoral principalmente). Depois da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, com o conseqüente processo de secularização da sociedade, a Igreja não gozava mais de tanto prestígio. Como um caramujo que, ao ver-se ameaçado, recolhe-se sob a couraça de sua concha, a Igreja havia se voltado para dentro de si mesma, desenvolvendo um discurso apologético para proteger-se dos ataques da modernidade. O pontificado de Pio XII (1939-1958) carrega marcas desse esforço de conservadorismo<sup>52</sup>, mas já com sinais visíveis de sua iminente superação.

Os movimentos de renovação ganharam força dentro da Igreja depois da Segunda Guerra Mundial. Nota-se, por todo canto, um vento novo, que já sinalizava o sopro grandioso do Espírito que ainda estava por vir com o Concílio.

Enquanto importantes setores da Igreja Católica continuavam na atitude defensiva que chegou ao auge no século XIX [...], os católicos mais conscientes foram se abrindo para o progresso científico, o humanismo e a busca de maior igualdade e justiça social. Tal tendência exprime-se, com força crescente, na “Doutrina Social da Igreja”, desde o Papa Leão XIII (†1903), sendo confirmada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) convocado pelo Papa João XXIII<sup>53</sup>.

O papa João XXIII será o grande radar meteorológico que vai captar o tempo novo que se aproxima. Não dava mais para sustentar a postura de dona absoluta da verdade, que fora reforçada pela proclamação do dogma da infalibilidade do magistério do Sumo Pontífice<sup>54</sup>. É preciso sentir o ritmo do tempo, as vibrações do momento histórico, e, assim, fazer o necessário *aggiornamento* da Igreja para o contexto atual.

---

<sup>50</sup> Uma trajetória de oposição à modernidade havia sido evidenciada pela Igreja Católica, desde 1832, com a encíclica “*Mirari Vos*”, do papa Gregório XVI. Mais tarde, em 1864, Pio IX confronta-se com a modernidade por meio da encíclica “*Quanta Cura*” e suas condenações. Em 1870, o clima que o Vaticano I respirava era de grande resistência à modernidade e às suas novidades. Com Pio X, o confronto se agrava quando, em 1907, o Sumo Pontífice condena o modernismo e, logo em seguida, em 1910, apóia o movimento anti-democrático e os candidatos ao sacerdócio devem prestar o juramento anti-modernista. Pio XI, em 1922, assume a direção da Igreja e convoca os leigos para assumirem seu papel de militância cristã, nascendo, assim, a Ação Católica. Uma nova postura diante da modernidade começa a ser gestada, mas não será fácil esse processo.

<sup>51</sup> BERGER, P. L. *Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 27.

<sup>52</sup> Cf. COMBY, Para ler a história, p. 205-206.

<sup>53</sup> KONINGS, Johan. *Ser Cristão: fé e prática*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 51.

<sup>54</sup> Dogma proclamado no Concílio Vaticano I, em 1870, em tempos de confronto da Igreja com a modernidade. Cf. DH 3065-3074.

Para desempenhar tal tarefa, incumbe à Igreja, em todas as épocas, prescrutar os sinais dos tempos e interpreta-los á luz do Evangelho, para ser capaz de oferecer, de forma apropriada ao modo de ser de cada geração, respostas às eternas perguntas do ser humano a respeito do sentido da vida presente e futura e as relações de ambas (GS,4).

Só com um novo Concílio seria possível uma renovação em escala mundial, que atingisse a Igreja no âmago de sua existência. Estava convocado<sup>55</sup>, provocando reações bem diversificadas<sup>56</sup>, o Concílio Vaticano II.

### 1.2.2 O Concílio (1962-1965)

Enquanto alguns aspiravam a renovações, outros se obstinavam em manter o ritmo antigo, de tal forma que a resistência ao novo foi sentida de vários modos no Concílio. Alguns chegaram a pensar que o Vaticano II seria apenas uma assembléia de curta duração<sup>57</sup>, sem maiores repercussões. Mas o papa mostrava-se firme em suas decisões e garantiu a necessária liberdade para os conciliares exporem os problemas mais gritantes e procurarem soluções oportunas para eles. Uma verdadeira faxina foi iniciada no interior sombrio da Igreja. Feita a desordem necessária para a limpeza da casa, morre o papa sorridente<sup>58</sup>, deixando uma expectativa no ar e um nó na garganta de todo o povo que ele cativou em tão pouco tempo.

Assume o pontificado o papa Paulo VI (1963-1978), que dá continuidade ao processo iniciado por seu antecessor. Logo na sua primeira mensagem como papa, ele sinalizou seu desejo de levar a cabo o projeto iniciado por João XXIII. E foram muitas as sessões de trabalho incessante, fatigante. A Igreja se debruçou sobre si mesma para melhor compreender a si e a sua vocação. Assim, podia dialogar com o seu tempo de modo mais eficaz e ser presença de Deus no meio do mundo. Sem dúvida, o Concílio foi um evento ímpar, a ponto de ser chamado de “Novo Pentecostes”. No entanto, não foi só o

---

<sup>55</sup> O Concílio foi convocado no dia 25 de janeiro de 1959, num comunicado durante breve alocação dirigida a poucos cardeais, presentes na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, na basílica de São Paulo, em Roma.

<sup>56</sup> Vale lembrar que o papa João XXIII, quando eleito, já se encontrava com 77 anos e teria sido pensado como um papa de transição. Além disso, o Vaticano I havia ficado inacabado por causa da guerra franco-alemã. Assim, ao se falar em concílio, foi possível pensar em uma continuidade do Vaticano I e não em um novo concílio. O papa João XXIII faz questão de realçar que é um novo concílio e não uma retomada do evento anterior. Guido Zagheni fala das diversas reações provocadas pelo anúncio do Concílio. Cf. ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea: curso de história da Igreja IV*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 345.

<sup>57</sup> Mesmo tendo sido iniciado o Concílio, havia ainda quem pensasse que ele era apenas um fechamento do Concílio Vaticano I, ou seja, um evento sem maiores repercussões.

<sup>58</sup> Esse título foi dado posteriormente ao papa João XXIII, devido a seu semblante sempre alegre e cativante. O papa morreu no dia 3 de junho de 1963, no dia de Pentecostes.

acontecimento em si que teve tanta importância. Os documentos produzidos, que compõem o grande legado do Concílio, tornaram-se tesouro precioso para a Igreja, servindo de pontapé inicial para várias outras renovações na vida eclesial.

Foram produzidos ao todo dezesseis documentos, sendo a *Lumen Gentium* – juntamente com a *Gaudium et Spes*<sup>59</sup> – considerada a coluna dorsal do Concílio. A novidade se fazia especialmente presente no jeito de a Igreja compreender a si mesma e o mundo. A passagem de uma *visão hierárquica piramidal* para uma imagem de Igreja como *Povo de Deus em comunhão* trouxe conseqüências muito importantes para a elaboração de um novo discurso<sup>60</sup>. Mas esse novo jeito de ser Igreja não terá interpretação unívoca.

### 1.2.3 Interpretações do Concílio

Tendo a Igreja mudado o jeito de se compreender (*Lumen Gentium*) e também o jeito de se relacionar com o mundo (*Gaudium et Spes*), estava aberto o campo para novas tentativas pastorais e catequéticas. Outros discursos se faziam possíveis, pois havia espaço para a elaboração de uma nova linguagem que fosse mais acessível ao povo e mais de acordo com a realidade do momento. Duas tendências se sobressaem na hora de interpretar pastoralmente o Concílio.

#### a. Tendência socializante

*Os seres mais ameaçados da criação não são as baleias,  
mas os pobres, condenados a morrer prematuramente  
(Leonardo Boff).*

A primeira e mais marcante tendência criativa de buscar um novo modelo de Igreja centrou-se no aspecto socializante da fé. O Vaticano II foi acolhido na América Latina com entusiasmo por pastores, teólogos e leigos que desejavam mudanças sociais significativas, cansados de ver o sistema opressor em que viviam – e ainda vivem – milhões de pessoas. As reflexões conciliares ganharam feição própria na pobreza dos países do Terceiro Mundo e a identidade católica foi redescoberta no rosto do povo sofrido, sinal visível do Cristo crucificado. A problemática da fé foi vista sob uma ótica inovadora: o processo de

---

<sup>59</sup> O diálogo com o mundo moderno provocado pela *Gaudium et Spes* é intitulado por Libanio de “atestado de óbito da identidade tridentina” (LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 104).

<sup>60</sup> Cf. KONINGS, Ser Cristão, p. 51-52.

libertação dos oprimidos. Brotam desta experiência a teologia e sua reflexão, e não o contrário. Uma práxis libertadora norteia o caminho teológico.

Baseada na espiritualidade do êxodo de Israel – libertado do regime opressor do Egito –, a tendência socializante ganhou adeptos, pessoas de peso, nomes importantes, tendo como “expressão teórica dessa óptica”<sup>61</sup> a Teologia da Libertação<sup>62</sup>.

Os passos mais marcantes para firmar essa tendência à práxis libertadora foram dados pelas Conferências Episcopais latino-americanas, que assumiram a tarefa concreta de traduzir as grandes inspirações do Vaticano II para a realidade do povo sofredor deste continente.

Em 1968, ainda sentia-se o frescor do perfume do Concílio que desabrochara há pouco, quando aconteceu a Conferência de Medellín, “com a finalidade de levar a Igreja latino-americana a uma leitura situada do Vaticano II”<sup>63</sup>. Dela resultou um documento, no qual os bispos afirmaram clara e corajosamente a necessidade de uma catequese libertadora, frente a uma sociedade profundamente marcada pela injustiça e pela opressão.

A América Latina está evidentemente sob o signo da transformação e do desenvolvimento. Transformação que, além de produzir-se com rapidez extraordinária, atinge e afeta os níveis do homem, desde o econômico até o religioso. Isto indica que estamos no umbral de uma nova época da história de nosso continente. Época plena de um desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão, de maturidade pessoal e integração coletiva. Notamos aqui o prenúncio de um parto doloroso de uma nova civilização (Medellín 350).

E não ficou por aí. Em 1979, Puebla fala sobre a evangélica opção pelos pobres, realçando, com cores fortes, o estranho quadro social construído com ricos e pobres. Tanta pobreza e tanto sofrimento não podiam ser ignorados pela Igreja na América Latina.

Vemos à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nesta angústia e dor, a Igreja discerne *uma situação de pecado social*, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos (Puebla 351).

Em 1992, em Santo Domingo, percebe-se uma nova urgência: a evangelização inculturada, mas sem grandes mudanças de tom no discurso socializante.

---

<sup>61</sup> KONINGS, Ser Cristão, p. 52.

<sup>62</sup> Vale lembrar que a reflexão teológica latino-americana não se confunde com a Teologia da Libertação, mas a Teologia da Libertação popularizou essa reflexão teológica, ou pelo menos uma vertente dela, tornando-a mais amplamente conhecida.

<sup>63</sup> MELO, Antônio Alves de. *A evangelização no Brasil. Dimensões teológicas e desafios pastorais: o debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1996. p. 65.

O que se pode notar é que, sem desprezar o caráter pessoal da conversão, a ênfase dos documentos está centrada em problemas tidos como mais urgentes: a estrutura social, a economia, o jeito de a sociedade e o mundo se organizarem, e as conseqüências disto. Fala-se muito em pecado social, em estruturas opressoras, massacrantes até, que pesam sobre o ser humano. A reflexão nasce de uma realidade concreta de sofrimento, tanto que daí se sacramentou na América Latina o método ver-julgar-agir. Este novo enfoque olha o ser humano integral, mas prioriza sua libertação social. Dessa forma, não focaliza os outros conflitos do ser humano, imerso em uma situação complexa, com sofrimentos que vão além das necessidades de ordem social. Os aspectos subjetivo e afetivo, por exemplo, não são tratados de forma suficiente. Talvez para não correr o risco de promover uma religião alienante, individualista, desencarnada, essa tendência socializante tenha preferido deixar de lado essas questões que dizem respeito à subjetividade, à afetividade, à sexualidade. Esses dramas mais existenciais pareciam “problema de quem não tem outros problemas”<sup>64</sup>. Mas o que parecia fuga das questões sociais foi tomando forma como necessidade urgente do ser humano. Os próprios pobres revelaram um cansaço do discurso sócio-político. Afinal, a pessoa humana não necessita só de alimentação, moradia, saúde, educação, mas também de afeto, carinho, festa, prazer, amizades, relações pessoais profundas.

Se certas angústias humanas foram menos destacadas por essa corrente pastoral-teológica, não faltaram outros grupos que as valorizassem. A balança da vida eclesial tinha um outro prato e um outro peso: uma tendência espiritualizante também ganhava força no universo eclesial.

## **b. Tendência espiritualizante**

*Como a corça deseja as águas correntes, assim a minha alma anseia por ti, ó Deus (SI 42,2).*

Outra tendência criativa de fazer acontecer o Vaticano II nas comunidades eclesiais é caracterizada pela vertente mais espiritualizante que se instalou depois do Concílio. Um novo pentecostes era desejado, sonhado. Leigos de toda parte queriam se sentir Igreja, descobrir seu lugar neste imenso povo de Deus e assumir os carismas que lhe são próprios.

Grande força tiveram os movimentos de Igreja. Um tanto diferentes da linha mais socializante, que tem seus pés fincados no terreno da América Latina, estes grupos são mais

---

<sup>64</sup> A CNBB usa esta expressão quando faz breve abordagem sobre esses múltiplos aspectos da vida. Cf. CNBB. *Catequese para um mundo em mudança* – Estudos 73. São Paulo: Paulus, 1994. p. 25-26.

universalistas. Sua pátria é o mundo<sup>65</sup>: nascem nos Estados Unidos, na Europa, na Espanha, ou numa insignificante cidade de um lugar qualquer. Correm mundo atravessando montanhas e superando limites oceânicos, até chegar também ao Brasil. As pessoas passam a valorizar o fato de pertencer a este ou aquele movimento, lutando para que ele seja considerado parte da grande pátria-mãe, a Igreja, o povo eleito de Deus.

A grande preocupação que vigora é a conversão pessoal. É preciso se converter para pertencer a este grande povo chamado à santidade. As estruturas sociais que massacram e oprimem são vistas como resultante de corações empedernidos que não aderiram à Palavra de Deus. Convertendo-se os corações, mudam-se as estruturas.

Neste quadro, destaque especial ganha a Renovação Carismática Católica (RCC), que rapidamente alastrou-se pelos campos da Igreja, como também o Neo-catecumenato, ao lado de movimentos mais antigos como são o *Opus Dei*, os Focolares, etc. Sob a inspiração de um líder carismático, diversas pessoas se agregam, vivem a mesma espiritualidade, descobrem novos carismas e encontram o seu jeito de ser Igreja.

Pouco a pouco, ganhou força um discurso espiritualizante<sup>66</sup>. Havia uma lacuna na vida eclesial que não fora preenchida por nenhum esforço da Igreja. Esses movimentos responderam de certa forma ao desejo do católico de possuir uma espiritualidade mais profunda, de fazer uma experiência pessoal de Deus, de encontrar uma forma mais livre de rezar, de ler a Bíblia e poder interpretá-la, de descobrir seu espaço na vida interna da Igreja e de exercer seu carisma dentro de um grupo de fé. Isso favoreceu o crescimento desses movimentos e o surgimento de diversas comunidades de vida, muito diferentes dos modelos anteriores como as CEBs, mas também com características eclesiais e ambas tentando reforçar vínculos comunitários. Os laços fraternos entre os membros dos grupos foram se estreitando e comunidades de vivência da Palavra de Deus e de ajuda mútua foram encontrando adeptos. A Paróquia, modelo da vida eclesial, teve sua força diminuída, pois o que congrega as pessoas não é mais o espaço físico ao qual ela pertence, mas a comunhão de vida que é estabelecida

---

<sup>65</sup> Segundo Melo, “um dos traços que caracterizam os movimentos é precisamente seu caráter transdiocesano” (MELO, A evangelização. p. 230).

<sup>66</sup> Diante do crescimento desta tendência, a Igreja no Brasil começou a perceber a necessidade urgente de amaciar um pouco o seu discurso libertador. Em 1991, a CNBB fez afirmações ousadas neste sentido: lembrou a importância da pessoa e da experiência subjetiva, dizendo: “A própria dinâmica da fé faz apelo à dimensão pessoal e subjetiva, pois ‘a fé nasce do anúncio, e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a esse anúncio’ (RMi 44)” (CNBB. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil – Documento 45*. São Paulo: Paulinas, 1991. n. 172).

com outros irmãos na fé. Em 1991, a CNBB corajosamente ensaiou umas dicas pastorais:

É preciso que se reconheça a possibilidade de diversas formas de vida comunitária, integração e associação dos fiéis, sem querer impor um único modelo de comunidade. Deve-se buscar a unidade na diversidade. A paróquia busque adequar-se às mudanças de nosso tempo. Ela não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo a família de Deus e a comunidade dos fiéis. A paróquia está fundada. Sobre uma realidade teológica, pois ela é uma comunidade eucarística (Doc. CNBB 45, 202-203).

Não foi sem razão que estes grupos cresceram rapidamente. A linguagem evangélica mais existencial cativou a muitos. O alento perdido retornou para aqueles que se sentiam desesperados. A alegria voltou ao coração de pessoas sofridas. A fé ressurgiu para muitos que estavam afastados da Igreja. O amor foi experimentado como algo vindo de Deus. O perdão ganhou espaço em corações rancorosos. A espiritualidade cristã foi ressuscitada em meio à aridez do discurso social. Ela emergiu do fundo de corações que pareciam empedernidos. Eclodiu como uma pupa que, se tornando borboleta, sai do casulo e voa pelos campos. Estava livre para ocupar as lacunas. Afinal, o discurso católico predominante havia deixado muitos espaços vazios.

### **1.3 Modelos de catequese**

Nos últimos quinhentos anos, a Igreja passou por momentos importantes que deixaram marcas na sua história. Dentro desse panorama, desde Trento até o Vaticano II, que toma feições próprias na América Latina, surgem pelo menos três modelos de catequese, cada qual com bases eclesiológicas e cristológicas próprias e, por isso, com objetivos específicos, podendo ser distinguidos.

Mesmo podendo ser distinguidos, é bom lembrar que a linha divisória entre esses modelos é muito tênue. Por vezes, não dá para saber onde acaba um e começa outro, até porque eles coexistem com a maior tranqüilidade nos tempos atuais. Afinal, uma das características da pós-modernidade é a pluralidade, a diversidade, a bricolagem<sup>67</sup>. Ainda que essa divisão só tenha fins pedagógicos, ela é fundamental para a compreensão da prática catequética de hoje, para uma melhor distinção dos atuais discursos que vigoram na pastoral.

---

<sup>67</sup> Cf. Doc. CNBB 45, 128-151. A CNBB parece estar estarecida diante dos dados de uma pesquisa do IBOPE. A constatação das conseqüências do pluralismo cultural e religioso leva a Igreja a repensar sua ação pastoral. Confirma também CNBB. *Evangelização e missão profética da Igreja* – Documento 80. São Paulo: Paulinas, 2005.

É sempre complicado dar nomes para esses modelos. Como disse Guimarães Rosa, “muita coisa importante falta nome”<sup>68</sup>. Nomes especificam demais, rotulam, põem dentro de categorias e padrões específicos, como se cada modelo subsistisse em compartimentos estanques. Não é assim. Mesmo correndo esse risco, essa nomeação<sup>69</sup> será feita com fins didáticos.

### **1.3.1 Catequese centrada na doutrina**

Uma prática catequética que tem suas bases na necessidade de doutrinar, nascida a partir de Trento, pouco a pouco se implantou no palco da Igreja<sup>70</sup>. Uma preocupação muito grande com a identidade católica, com os mandamentos, o conteúdo da fé e os sacramentos foi encontrando aconchego em alguns espaços eclesiais, especialmente depois do crescimento assustador do número de Igrejas cristãs e de adeptos que tais denominações arrebanharam.

Os católicos que sobraram na Igreja não têm mais um perfil único que os distinga, dando um rosto próprio ao catolicismo. Como já foi dito, há católicos piedosos ainda herdeiros dos catecismos tridentinos, com medo de Deus, com visão mágica dos sacramentos. Há católicos de nome, sem nenhum vínculo de maior compromisso com a fé católica, que freqüentam o culto por ocasião de algum evento importante: casamento de um parente, missa de corpo presente ou sétimo dia, primeira comunhão ou batismo dos filhos. Há católicos que freqüentam ao mesmo tempo a liturgia da Igreja Católica e outra denominação religiosa. Há católicos que pensam que não é preciso freqüentar a igreja, pois é suficiente fazer o bem e viver a caridade. Há católicos que não abrem mão deste título, mas desconhecem sequer a fé que a Igreja professa. Há católicos piedosos, com práticas religiosas freqüentes, mas com características pentecostais: lêem a Bíblia, vão à missa, conhecem a fé, fizeram uma experiência pessoal de Deus, mas têm linguagem e prática eclesial pouco semelhante às católicas. Há católicos cheios de boa vontade, militantes na prática social, preocupados com a libertação do povo, com a organização da sociedade, com a ecologia, com a mulher, com os grupos minoritários. Mas estes também nem sempre se encaixam perfeitamente no perfil católico. Por vezes ignoram as orientações da Igreja, menosprezam os sacramentos, desconhecem a fé professada, mas conhecem bem alguns textos bíblicos e alguns chavões que

---

<sup>68</sup> ROSA, Grande Sertão, p. 125.

<sup>69</sup> A CNBB também ensaia uma classificação da catequese, fazendo um histórico do processo evangelizador na Igreja. Cf. CR, 1-29.

<sup>70</sup> Chamada também de *catequese como instrução*. Cf. CR, 10.

sustentam suas práticas pastorais. E ainda há uma pseudo-elite: intelectual, engajada, participativa, aparentemente bem formada.

Diante de tal quadro, uma necessidade parece urgir: é preciso formar o católico, ensinar-lhe a base de sua fé. Ele deve estar preparado para dar as razões de sua esperança (cf. 1Pd 3,15). Pastores de boa vontade se empenham a todo custo nesta tarefa. Cursos de batismo, cursos de noivos, cursos de crisma, preparação para a primeira comunhão, curso disso e daquilo. Para qualquer passo na vida eclesial – especialmente quando se trata dos sacramentos – é preciso fazer um curso, freqüentar a comunidade, ganhar um certificado.

E não é só isso! O discurso catequético-evangelizador tomou esse tom. Nas assembleias, nas homilias, nos encontros, nos retiros, em toda parte, fica clara uma preocupação grande com o saber, com o conhecer. Imagina-se que o aprofundamento doutrinal garanta aos batizados a passagem de católicos nominais a católicos efetivos, como se a doutrina fosse uma fórmula mágica, capaz de tirar do anonimato e inserir no serviço à Igreja. Mas, como lembra Gopegui,

quando a consciência do esvaziamento doutrinal de uma determinada prática evangélica [...] provoca uma reação pendular e saudosista de volta ao tipo de doutrinação dos catecismos de antanho, influenciados pelo racionalismo que marcou a cultura do século XIX, não se pode deixar de surgir a suspeita hermenêutica de que estão sendo confundidos o conteúdo singular do Evangelho ou a originalidade da doutrina cristã com um simples saber de caráter racionalista<sup>71</sup>.

Busca-se na doutrina uma esperança para a fé. Esse modelo catequético está bastante em vigor. E não é só por parte de párocos e catequistas, que, preocupados com a formação dos catequizandos, procuram o manual mais denso, com mais conteúdo. Não! A preocupação vem da hierarquia como um todo, das autoridades eclesiásticas. É só observar. Em 1992, a Santa Sé lançou o “Catecismo da Igreja Católica”<sup>72</sup>. Ele tem semelhanças grandiosas com o “Catecismo dos Párocos” de Trento: primeiro, o Símbolo dos Apóstolos; depois, os Sacramentos; em um terceiro momento, a Vida Ética, com ênfase nos Mandamentos; e, por fim, a Oração Cristã. Esta observação não chega a ser uma crítica em relação ao esquema adotado. Talvez o modelo de Trento tenha sido mantido, pois estes são os pilares da fé cristã, mas não deixa de ser sintomática a semelhança. Outra semelhança com o Catecismo de Trento é que ele não se destinava ao povo, mas aos bispos. Na prática, porém, acabou sendo usado em cursos populares, etc. As Igrejas Particulares e Conferências

---

<sup>71</sup> GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. Catequese e Tradição da fé. *Síntese Nova Fase*, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 4, 1977.

<sup>72</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo/Petrópolis: Vozes/Paulinas/ Ave Maria, 1992.

Episcopais deveriam fazer seu próprio catecismo para o povo, mas como isso não acontecia, em 2005, o dito Catecismo ganhou da parte do Vaticano uma versão mais popular em forma de perguntas e respostas<sup>73</sup>. A fim de facilitar para o povo! Mas este caminho pode ficar perigoso. Seria uma simples volta ao passado, por não se saber como agir frente ao futuro incerto? Haveria, por trás dessa retomada da doutrinação, o pensamento de que conhecer os conteúdos da fé seria a solução para todos os problemas pastorais? Está claro para a Igreja que não basta conhecer os conteúdos da fé, apesar de também isto ser muito importante no processo de seguimento de Jesus Cristo?

Por fim, em julho de 2007, a CNBB lançou uma publicação parecida: um catecismo facilitado para o católico do Brasil: “Sou católico, vivo a minha fé”<sup>74</sup>. Um livro que mostra o esforço dos bispos do Brasil de fazer conhecida a fé católica, abordando inclusive temas que distinguem a doutrina católica da doutrina protestante. Uma iniciativa boa, cujo resultado ainda não se pode avaliar, mas que parece não ser suficiente para enfrentar os novos desafios pastorais.

Não há dúvidas de que uma grande preocupação com a doutrina se alastrou por toda a Igreja. E não é sem razão. Os católicos perderam sua identidade de fé: já não é mais tão fácil distinguir um católico de um evangélico, de um budista, de um seguidor da New Age, de um espírita. Ficou tudo tão globalizado, tão parecido! Parafraseando Carlos Drumond de Andrade, a pergunta mais oportuna seria: “E acaso existirão os católicos?”<sup>75</sup>. Existe de fato uma identidade católica<sup>76</sup>, algo que distinga alguém que professa a fé católica das outras crenças que aí se encontram? E, se existe, o que fazer para resgatar essa identidade? Qual o discurso mais apropriado para este resgate? Alguns parecem optar pelo caminho da doutrinação<sup>77</sup>. A difusão da doutrina gera conhecimento dos conteúdos da fé. O católico que conhece bem a fé que professa sabe se posicionar melhor frente ao proselitismo de certas

---

<sup>73</sup> COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>74</sup> CNBB. *Sou Católico, vivo a minha fé*. Brasília: CNBB, 2007.

<sup>75</sup> Em seu poema *Hino Nacional*, o poeta põe a questão “E acaso existirão os brasileiros?”. Como pedra no sapato que incomoda e perturba, Drumond provoca o povo brasileiro a repensar sua identidade. Percebendo a consciência nacional adormecida, o autor quer trazer à tona o que faz o brasileiro ser brasileiro. Cf. ANDRADE, Carlos Drumond de. *Reunião*: 10 livros de poesia. Rio de Janeiro, 1969.

<sup>76</sup> Libanio afirma: “a Igreja é um corpo social, e como tal possui uma identidade que pode ser, ora mais coesa, firme, ora mais elástica, pluriforme. Mas sempre existe um mínimo de identidade. É a ‘identidade social’ do grupo” (LIBANIO, *A volta à grande disciplina*, p. 19).

<sup>77</sup> Segundo Libanio, quatro elementos fundamentais definem a identidade de um corpo social: um corpo de doutrina, as práticas de seus membros, as estruturas institucionais e o imaginário social. Cf. LIBANIO, *A volta à grande disciplina*, p. 20-21.

Igrejas. Mas é bom lembrar o que disse Karl Barth:

O chamado ao discipulado sujeita a pessoa Àquele que a chama. Ela não é chamada por uma idéia sobre Cristo, ou uma cristologia, ou um sistema cristocêntrico de pensar com a suposta concepção cristã de um Deus Pai. Como estas poderiam chamar ao discipulado? Não possuem palavras nem voz. Não podem sujeitar alguém. Devemos tomar cuidados para não escondermos o Jesus que vive atrás de teorias, sabendo que aquele que pode emitir este chamado, que tem as palavras e a voz para o fazer, e acima de todos possui justiça, autoridade e poder para submeter, certamente o fará<sup>78</sup>.

Fica, então, uma pergunta: será a catequese centrada na doutrina suficiente para formar o cristão maduro na fé? Será que este modelo pode gerar autênticos discípulos de Cristo?

Todo discurso adotado faz surgir uma pergunta: que tipo de cristão ele quer formar? Certamente a resposta de quem aderiu a tal método será: “o que se quer é formar o cristão maduro”. Ninguém há de dizer que quer formar o católico para os sacramentos ou para o serviço interno da Igreja. Mas, na prática, quase sempre é este o cristão que tem resultado desta evangelização. Os manuais de catequese infantil, por exemplo, que são considerados como aqueles que contêm mais conteúdo doutrinário e, por isso, são mais recomendados neste sentido, estão sempre divididos em etapas de preparação para o sacramento: pré-eucaristia, eucaristia, pré-crisma, crisma. Sem falar na preparação para batismo e casamento e a respectiva catequese própria. Tudo isso é bom! Mas, a rigor, pode não estar preparando um autêntico seguidor de Jesus Cristo, mas sim alguém com melhor conhecimento da fé professada especialmente na área sacramental, sem garantias de que essa fé seja realmente abraçada.

O modelo catequético centrado na doutrina é apenas um dos que tem vigorado no momento. Mas ele não está só. Há outros disputando o espaço!

### **1.3.2 Catequese centrada na mudança social**

*Falamos muito da Igreja, pouco de Jesus, e quase nunca do Pai.  
A teologia transformou-se em sociologia pastoral  
(Johan Konings).*

Outro modelo é o da catequese centrada na mudança social. Não é difícil detectar sua presença, nem perceber seus sinais. Uma “catequese pé-no-chão”, como foi muitas vezes chamada, começou a fazer história. Passo a passo, surgiu um modelo de evangelização que

---

<sup>78</sup> BARTH, Karl. *Chamado ao discipulado*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. p. 21.

tomou vulto e ganhou uma linguagem teológica própria.

Muitos teólogos abraçaram esta causa, e um discurso inovador foi construído. A Teologia da Libertação muito tem contribuído para isso, pois fez teologia a partir do pobre e de seu lugar existencial. Não adaptou uma teologia européia para o pobre, nem fez teologia primeiro para depois levá-la até ele. Fez teologia com ele<sup>79</sup>. Uma reflexão surge da práxis libertadora e não o contrário. Teólogos de renome como Gustavo Gutierrez, Jon Sobrino, João Batista Libanio, Leonardo Boff e outros deixam legados importantes neste sentido.

Por meio deste discurso mais libertador, alguns pastores tentam mobilizar e conscientizar os católicos. A própria catequese, em algumas paróquias, ao preparar para os sacramentos, não admite mais os manuais doutrinários. É preciso sempre partir de fatos concretos, muitas vezes reveladores de opressão. Os planos de encontro passam a ser chamados de Projetos de Ação Evangélico-Transformadores<sup>80</sup>. Transparece o desejo insistente de unir fé e vida. Um esforço de sair da mera reflexão sobre a Palavra de Deus, para atuar efetivamente nessa realidade cruel que precisa ser transformada.

Porém, não foram poucas as vezes em que essa tendência evangelizadora desprezou certas orientações importantes oferecidas pela Igreja, com o argumento de que elas não vêm da comunidade, não brotam do povo, como se a Igreja fosse uma democracia. Alguns, além disso, aboliram toda sistematização do anúncio da Palavra, alegando que deve ser anunciado o que brota da realidade concreta da vida, de um fato real que acaba de acontecer ou de um problema concreto que ameaça a comunidade. Como se vida cristã fosse só resolver problemas, lutar por justiça e denunciar abusos. A doutrina foi relegada a um segundo plano, ou extinta, ou ainda colocada em função exclusiva do fim social almejado.

Assim, alguns padres passaram a não anunciar mais a Palavra de Deus, proclamada na liturgia. Usam o altar para mandar recados para os poderosos, fazer campanha política, protestar contra algum fato. Alguns catequistas não admitem mais um manual que auxilie nos encontros: lêem revistas, recortam jornais, conversam sobre notícias do rádio e da televisão. Entendem assim estar fazendo uma catequese “pé-no-chão”.

Ora, o documento Catequese Renovada da CNBB, que fez história na catequese no Brasil, citando a *Gaudium et Spes*, havia alertado para o fato de que as angústias do

---

<sup>79</sup> Cf. CNBB. *Diretório Nacional da Catequese*. Brasília: CNBB, 2005. n. 13 l.

<sup>80</sup> O DNC ainda traz esta terminologia. Cf. 13 g.

homem moderno deviam ser assumidas pela catequese:

A catequese atual deve assumir as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhes a possibilidade de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor... As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese (CR, 73-74).

Essas afirmações significam que não basta oferecer doutrina ao povo. É preciso assumir suas angústias, esperanças, sonhos, desejos, sofrimentos, tudo que o envolve. E, assim, oferecer salvação integral e libertação plena. Mas não foi isso que aconteceu.

A preocupação com a realidade sócio-política deu formato a uma catequese que parte dos problemas sociais e políticos<sup>81</sup>: o problema da terra, da saúde, da pobreza, das barragens, do esgoto. Tudo isso se tornou conteúdo da evangelização. E, sem dúvida, este foi um grande avanço, pois trouxe para o discurso da Igreja uma realidade muito válida e necessária. Algo profundamente humano que não podia ficar fora do âmbito cristão, a não ser com grande prejuízo da boa-nova de Jesus Cristo. Esse método foi praticamente assumido como método da Igreja latino-americana, sendo, por isso, quase intocável. Mas será que a Igreja, ao anunciar a Palavra de Deus, quer somente formar um militante social? Será que a realidade humana não é mais complexa e abrangente que isso? É bem verdade que os adeptos desta corrente já mudaram um pouco seu discurso. Faz parte do mesmo, agora, a celebração, a vida festiva, a ecologia, a linguagem materna que amacia o discurso socializante, indigesto demais para homem e mulher pós-modernos, que estão marcados pela emergência da subjetividade e pelo retorno do sagrado. É só conferir as mais recentes publicações de Leonardo Boff<sup>82</sup>.

Em todos os campos da experiência humana e cósmica topamos com o mistério. Ele é o outro lado e o profundo de toda a realidade. O órgão de sua capacitação é antes o coração que a mente. Pelo coração desenvolvemos a convicção de que, por detrás das estruturas da realidade, não vigoram o absurdo e o abismo, mas triunfam a ternura, a acolhida e o amor que se comunicam como alegria de viver, sentido de trabalho e sonho frutuoso de um universo de coisas e de pessoas, ligadas fortemente entre si e ancoradas no coração d'Aquele que se deixa experimentar como Pai e Mãe de infinita bondade<sup>83</sup>.

---

<sup>81</sup> Cf. CR, 172-173.

<sup>82</sup> Mas ele não é o único. Como já foi dito, até o discurso da CNBB tomou novo tom depois do Doc. 45. Observe que as Diretrizes (inclusive o Doc. CNBB 45) que antes se chamavam "Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja" passam a se chamar "Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja". É a troca de uma simples palavra, mas, com certeza, não é uma troca inconsciente, nem mesmo ingênua. Como lembra Melo, "apesar da íntima conexão entre evangelização e pastoral, não podemos considerá-los sinônimos. Ambos exprimem a mesma realidade: a ação salvífica de Deus em Cristo, no poder do Espírito e por mediação da Igreja, mas com acentuações diferentes. Evangelização possui um sentido mais amplo. No interior dela se situa a pastoral" (MELO, A evangelização, p. 81).

<sup>83</sup> BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993. p. 139-140.

Mas, apesar de tudo, a catequese libertadora continua seu discurso de militância. Certamente um cristão maduro é aquele que assume, entre outros desafios, o compromisso com a realidade. Mas, se a pessoa tem apenas resposta para os problemas sociais e políticos, não parece ainda ter chegado à maturidade cristã desejada, já que surgem outros problemas e questionamentos que extrapolam o âmbito social e também são importantes para a realização cristã do ser humano.

Paralelamente a este discurso de tom socializante, cheio de utopias e projetos transformadores, outra linguagem mais macia se apresenta. Um discurso mais voltado para a conversão pessoal se desenvolve, adubado pelo retorno do sagrado e da emergência da subjetividade.

### 1.3.3 Catequese centrada na conversão pessoal

*... a espiritualidade [transformou-se] em publicidade da "logomarca Jesus", mas Deus ficou esquecido...  
(Johan Konings).*

Bastaram três dias depois do “amém” das exéquias celebradas em honra a Deus que havia morrido pela boca de alguns filósofos, para que o divino ressurgisse do seio da terra com força total<sup>84</sup>. Mesmo com todas as investidas de alguns pensadores contra a religião, especialmente Feuerbach, Marx, Sartre, Nietzsche e Freud<sup>85</sup>, que contribuíram para o ateísmo moderno, sobreviveu no coração humano a sede de Deus. Num momento em que todos apostavam na máxima secularização da sociedade, o que parecia improvável aconteceu. Cansado de tanta racionalidade e desencantado com a imanência deste mundo que passa, o

---

<sup>84</sup> Sobre esse tema, vale a pena conferir BERGER, Peter. *The Sacred canopy: elements of a sociological theory of religion*. Nova Iorque: Anchor Books, 1969 (trad. bras.: São Paulo: Paulinas, 1985) e também *Una gloria lejana*. La búsqueda de la fe en época de credulidad. Barcelona: Herder, 1994. Sobre o retorno do sagrado, cf. Berger, Um rumor de anjos.

<sup>85</sup> Para Feuerbach, a única realidade é o indivíduo, um ser puramente orgânico cujo pensamento é produto do funcionamento de órgãos fisiológicos. Assim, Deus é um produto das necessidades psicológicas humanas, isto é, o homem projeta seus desejos e ideais, anseios e esperanças num mundo superior que é incapaz de realizar no tempo presente, dando-lhes o nome de Deus. Para Marx, que se concentra no problema social, é preciso transformar o mundo de modo que ele seja um ambiente onde o ser humano viva sem dor e sofrimento. Deus lhe parece um obstáculo para atingir esse fim, pois o homem, na sua miséria, cria Deus – produto de sua imaginação – que o consola e lhe dá alento neste mundo cruel, acomodando-o no seu estado atual. Deus se torna, então, o ópio do povo, uma criação da mente humana para dar esperança aos derrotados. Para ele, todo esforço humano deve ser investido na transformação do mundo, e a adoração a Deus é desperdício de energia humana que deveria ser gasta para alcançar transformações sociais. Para Freud, Deus é produto do inconsciente, dos desejos frustrados do ser humano e de seus recalques sexuais. Para Sartre, o ateísmo é condição para uma vida verdadeiramente humana. Ele está no princípio da vida, e não é o resultado da especulação humana. Para Nietzsche, a existência de Deus é incompatível com a liberdade humana. Então, o filósofo declara: “Deus está morto! Nós o matamos!” Postula-se a não-existência de Deus para salvaguardar a liberdade humana, pois o que está presente é a idéia de que a existência de Deus é limitação e agressão ao homem. Sobre o ateísmo moderno, cf. SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja: fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1, p. 56-64.

homem pós-moderno busca pelo sagrado. Tem sede de Deus. Anseia por ele. Deseja encontrá-lo.

Ultimamente tem-se percebido que o mundo técnico e científico, que queria acabar com a religião, tem provocado uma reação oposta de reencantamento do mundo. As formas religiosas têm abundado, desacreditando os profetas que anunciavam a morte da dimensão religiosa do ser humano<sup>86</sup>.

E o grande sinal dos tempos hodiernos se faz então visível: as igrejas que adotam certo estilo sacralizante estão repletas de fiéis, os movimentos religiosos alternativos atraem numerosos adeptos, as seitas estão abarrotadas de gente. Todos querem Deus, ainda que não saibam que Deus é esse. Por meio da busca alucinada de algo que console o ser humano e o arranque de sua própria insignificância, revela-se que a Palavra de Deus quer ser ouvida: “Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e cansados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Diante desse retorno inesperado do sagrado, uma nova vertente catequética encontrou espaço: um discurso com tendência mais centrada na subjetividade, na conversão pessoal<sup>87</sup>, na experiência de fé.

É até difícil pensar que católico resultará dessa nova vertente evangelizadora. Por ora parece que o objetivo central é converter a pessoa e, por meio dessa experiência de conversão, provocar as demais mudanças. No entanto, o que se tem reparado é que este discurso está formando um público católico que vai à missa, que reza o terço, que usa camiseta com slogans – “Deus é dez” – ou que prega no carro um adesivo – “Sou feliz por ser católico” –, mas não entrou em comunhão com a fé cristã na sua radicalidade. Quando a vida aperta, esse católico não sabe sofrer, pois não entendeu a dinâmica do “tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9,23). Ele quer retribuição, pois Deus é bom. Quer garantias de paz, de saúde, de sucesso e muito mais. Não sabe lidar com os fracassos da vida, com as perdas, com a morte e coisas afins. Não entendeu a engrenagem da sociedade, ainda que se engaje em partidos políticos e se candidate. Conhece a doutrina católica, mas como um pacote que não se encarna na realidade histórica em que está inserido. Vive meio aéreo, como se andasse nas nuvens, elevado pelo Espírito que o arrebatava deste mundo de pecado.

Esta linguagem mais voltada para a espiritualidade e a conversão pessoal é uma tentativa de resposta a um sinal dos tempos que pode ser observado. Mais que urgente, esse

---

<sup>86</sup> LIBANIO, João Batista. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*: para a formação dos agentes de pastoral nos distintos ministérios e serviços da Igreja. Valencia (Espanha): Siquem, 2001. p. 44.

<sup>87</sup> Cf. DNC, 13 a; Doc. CNBB 80, p. 28.

discurso é necessário. Um católico que não passou pela experiência pessoal da conversão certamente ficou sem as bases necessárias para todo o resto da construção da fé. O que está em jogo não é a necessidade ou não da conversão pessoal, mas o conceito de conversão. Parece que converter-se é mais que voltar às práticas religiosas das quais se estava afastado. Eis o desafio!

## 1.4 Perplexidade pastoral

Na tentativa de continuar a obra de Jesus, a Igreja vai procurando saídas para os impasses que se apresentam. Tenta falar uma linguagem mais adaptada ao homem atual. Tenta estabelecer diálogo com ele<sup>88</sup>. Mas, diante de tantos problemas, os discursos são múltiplos e a voz da Igreja não ressoa mais unívoca como antes. A boa-nova de Jesus ganhou uma expressão plural, na tentativa de melhor se comunicar com os sujeitos eclesiais que se apresentam no interior das comunidades cristãs.

Diante de tantos discursos que coexistem no interior da Igreja e até se entrelaçam às vezes, multiplicam-se as iniciativas pastorais. Cada pastor, cada líder recorre aos meios que lhe parecem mais adequados para responder aos desafios e questionamentos que se manifestam no momento. Resulta disso um quadro de perplexidade geral<sup>89</sup>. E as perguntas proliferam.

*Como acolher o homem atual, homem sofrido?*<sup>90</sup> Ele já não aceita mais um ambiente fechado, que lhe seja indiferente, que não se compadeça de suas angústias. Um ambiente frio e indiferente, autoritário como antes, não tem mais identificação com o católico que procura a Igreja. Quem vem sofrido à procura de consolo não quer ser tratado como uma massa anônima. Quer ser conhecido pelo nome, reconhecido por sua comunidade eclesial.

*Como oferecer a ele o consolo e o conforto de que precisa?*<sup>91</sup> Não basta somente acolher bem, fazer uma ficha com o nome dos frequentadores da paróquia ou das famílias. Quem vai até a comunidade de fé em busca de conforto quer sair de lá com mais esperança, com mais força para enfrentar os problemas da vida. Na maioria das vezes, essas pessoas

---

<sup>88</sup> Cf. DNC, 3 h.

<sup>89</sup> O tema da perplexidade do cristão está presente na obra de Mário França Miranda. *Um homem perplexo: o cristão na atual sociedade*. São Paulo: Loyola, 1992. Cf. também LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 19.

<sup>90</sup> Esta preocupação não é de hoje. Cf. Doc. CNBB 45, 177-180.

<sup>91</sup> Cf. CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – Documento 71*. São Paulo: Paulinas, 2003. n. 85 ah.

sabem que não há uma solução mágica para seus problemas. Querem apenas ser ouvidas, acolhidas, confortadas. Como dar este conforto? Estará a comunidade de fé preparada para oferecer tal alento a essas pessoas sofridas?

*Como mudar a realidade marcada pela opressão e pelos desmandos da injustiça e da corrupção?*<sup>92</sup> O que pode ser feito? Se o problema é grande demais, extrapolando o alcance das mãos dos pequeninos, não será possível fazer algo? Diante da impunidade geral e do escândalo da pobreza, os católicos esperam uma iniciativa da Igreja. Eles sabem que não acontecerá um milagre e que nem tudo se fará novo pela simples palavra libertadora que a Igreja anuncia. Mas também eles não admitem mais omissão. É preciso pensar globalmente, conhecer os problemas, e, pelo menos, agir localmente. Qualquer cristão fica estarecido diante de tantas injustiças e explorações, presentes em pequenas comunidades de maioria católica. A configuração cristã não lhes tem oferecido saídas para esses impasses apresentados. Ao contrário, algumas vezes, opressões e injustiças são justificadas em nome de Deus.

*Como enfrentar o pluralismo e a pressão das outras correntes religiosas? Como conviver com o proselitismo dos pequenos grupos religiosos?* Frente ao pluralismo religioso, os fiéis se perdem e não sabem mais distinguir sua fé. O que aconteceu no tempo da Reforma foi elevado à máxima potência. São tantos grupos, são tantas as doutrinas, que fica difícil para o católico – com pouca formação teológica! – conviver com esta realidade, sem se perder neste mercado religioso. Como formar o católico e que formação dar? Certamente não é só uma formação doutrinal, para que o católico saiba distinguir a fé professada das diversas correntes religiosas que o rodeiam. Mas, sem formação, parece impossível continuar.

*Como “fidelizar” os católicos?*<sup>93</sup> Esta é uma pergunta muito em voga. Diante da dificuldade de conquistar novos adeptos e vendo que as Igrejas ainda estão infladas de pessoas, surge a pergunta: “O que fazer com os católicos que freqüentam as comunidades, para que não desistam dessa adesão?” ou ainda: “Como conter a evasão de fiéis que migram para outras Igrejas?” Aí vêm as idéias mais extravagantes: desde fazer estacionamento nas igrejas e melhorar os assentos dos bancos, até incentivar a comunhão de casais em situação

---

<sup>92</sup> Cf. Doc. CNBB 45, 243-245; Doc. CNBB 71, 157-162.

<sup>93</sup> Apesar de ser um termo do mundo empresarial, que significa manter fiel o cliente já adepto, esta expressão se tornou freqüente no universo religioso, ganhando espaço inclusive nos documentos da Igreja. Cf. Doc. CNBB 45, 204-205.

irregular ou benzer as alianças para noivos de segundas núpcias, já que não podem receber o sacramento do matrimônio.

*Como fazer pastoral? Que discurso usar? Que catequese implantar? Que modelo de paróquia adotar?* Sabe-se que é preciso, mesmo em meio a esse turbilhão de inseguranças, fazer algo. As comunidades, mesmo confusas, não se sentem no direito de cruzar os braços e parar seu trabalho. É preciso continuar pregando, anunciando, falando de Jesus e do seu Reino. Então, ora se tenta um modelo, ora outro, mas sempre se fica à espera de um discurso mais apropriado, de uma formação mais eficaz, que ajude a enfrentar o quadro complexo que se apresenta.

Quanto maior a perplexidade, mais o católico de boa vontade percebe a urgente necessidade de tomar uma providência, ainda que a solução encontrada não contemple todos os problemas percebidos. Para múltiplas perguntas, respostas diversas. Surgem inúmeros esforços, que giram em torno da valorização de alguns pontos importantes da vida eclesial. Eis alguns deles:

### **a) A piedade**

Ressoam pelos corredores da Igreja apelos à vida espiritual e piedosa. Multiplicam-se os encontros, os movimentos se incham de pessoas, os grupos com vertente mais devocional são estimulados e apoiados, a piedade se alastra. Devoções que pareciam extintas retornam: jaculatórias voltam em forma de mantras; as orações do terço, da via-sacra e de ladainhas retornam com um pouco mais de dinamismo e colorido. E mais: novenários, catenas, orações aos santos e devoções antes esquecidas são recuperadas. Encontros de espiritualização são promovidos, experiências de oração acontecem. Por todo lado e a toda hora, o povo católico reza e busca a Deus. Padres celebram às onze horas da noite, numa sexta-feira, para os jovens, antes de eles irem para a "balada". Senhoras se levantam de madrugada para caminhadas penitenciais. Grupos diversos se reúnem para rezar e partilhar a Palavra de Deus. Tudo mostra um retorno da piedade. A impressão que dá é que a perplexidade é tal que, não sabendo o que fazer, a solução é rezar. Mas, às vezes, não sabendo também entrar em comunhão com Deus por outra via, o católico reza suas antigas orações de forma um pouco modificada. Elas se revestem de uma nova roupagem, têm embalagem mais atual, mas mantém-se o mesmo princípio orientador e a mesma teologia que as sustentava.

Parece uma maratona de oração. Cada grupo quer ser mais piedoso e mais

embalado pela mística que o outro. A palavra mística<sup>94</sup> nunca esteve tão presente na vida da Igreja. Busca-se uma mística cristã em tudo e para tudo. A oração se apresenta como princípio de renovação das comunidades que caíram no marasmo da fé.

## **b) O endurecimento da lei cristã**

Não são poucos os católicos que desejam um endurecimento da Igreja em relação às suas leis e normas<sup>95</sup>. “Tudo parece muito avacalhado.” – dizem alguns – “Tem divorciados dando catequese, casais de segundas núpcias sendo padrinhos de batismo, mães solteiras na equipe de liturgia, pessoas que defendem o aborto trabalhando nas pastorais e muito mais”. Pensa-se que a solução é ser mais rígido, mais rigoroso. Afirmam que, se a Igreja não aceitar tais pessoas, estará evitando tais desmandos. Parece que, se ela “expulsar” do grupo de jovens a moça que se tornou mãe solteira, vai moralizar o movimento de juventude. Se ela endurecer o discurso sobre o sexo antes do casamento e fizer campanha contra a camisinha, vai tirar os jovens da promiscuidade. Se ela não der comunhão para os casais de segundas núpcias, vai evitar divórcios e novas uniões ilegítimas. Se ela for taxativa contra a homossexualidade, estará combatendo a permissividade sexual. Se ela excluir os “pecadores”, estará combatendo o pecado.

Uma onda rigorista de retorno dos costumes e da moral está se formando. Propondo que a Igreja se endureça nos usos e costumes, principalmente no seu discurso em relação à sexualidade, o que se quer é combater o laxismo, a permissividade e a imoralidade.

---

<sup>94</sup> Para Konings, “A mística é a contemplação de Jesus, pela qual a gente vê a própria vida em unidade com a de Jesus”. E ainda: “O místico percebe em todos os seus caminhos a presença do Deus invisível – no caso do místico cristão: quando ele trilha o caminho de Jesus” (KONINGS, *Ser cristão*, p. 67 e p. 76). Vale a pena lembrar o que Karl Rahner tinha profetizado: “Já se disse que o cristão do futuro ou será um místico ou já não será cristão. Desde que não se entendam por mística fenômenos parapsicológicos, mas experiência de Deus autêntica que brota do interior da existência. Pois esta frase é realmente correta e se tornará na sua verdade e no seu peso claramente na espiritualidade do futuro” (RAHNER, Karl. *Elemente der Spiritualität in der Kirche der Zukunft*. In: \_\_\_\_\_. *Schriften zur Theologie XIV*, Einsiedeln Benziger, p. 375, 1980). Tabora afirma: “Se Deus é o fundamento, a origem e a meta do homem, experienciá-lo não pode ser um luxo espiritual destinado a poucos privilegiados que só alcançariam por ‘sutis e complicados roteiros especulativos e místicos’” (TABORDA, Francisco. *Cristianismo e ideologia: ensaios teológicos*. São Paulo: Loyola, 1984. p. 33, citando Lima Vaz). Confira ainda: “O centro absoluto do conceito ‘mística’ não é uma escola, não é um pensamento, não é uma experiência da humanidade em geral, é uma pessoa, é o Filho eterno do Pai que por obra do Espírito Santo se encarnou e tornou absolutamente possível a comunhão com Deus para os seres humanos e, neles, para toda a criação” (FLORISTÁN SAMANES; TAMAYO-ACOSTA, *Dicionário de conceitos*, p. 489).

<sup>95</sup> Fundado na Espanha, no dia 02 de outubro de 1928, pelo sacerdote Josemaría Escrivá de Balaguer, o *Opus Dei*, formado de sacerdotes e leigos, com obrigações semelhantes às de um instituto religioso, tem como carisma principal manter a ordem e zelar pelos bons costumes, em comunhão com o Sumo Pontífice.

Mas parece ficar esquecido que o legalismo tem como filho primogênito a hipocrisia, prática terrivelmente combatida por Jesus nos Evangelhos.

### **c) A reforma da ortodoxia**

“As coisas ficaram muito estranhas na Igreja.” – dizem alguns – “Não há mais seriedade nas celebrações. Elas estão muito diferentes do que eram antes. Ninguém mais obedece ao papa. Ninguém mais age em comunhão com os bispos de suas dioceses. Cada qual inventa sua própria religião e seu jeito de celebrar. As rubricas foram esquecidas”. Destas constatações, conclui-se que é preciso fazer uma renovação. Urge retomar a ortodoxia original da fé. E principalmente a liturgia precisa passar por urgente reforma, voltando-se às origens, valorizando os paramentos, trabalhando o espaço litúrgico, ensaiando os cantos, recuperando o belo e as práticas clássicas de antes, redescobrimo a tradição milenar da Igreja.

De fato, a impressão que se tem é que a liturgia é o lugar onde mais se revela essa perplexidade pastoral. A mesma e antiga missa é celebrada de formas tão diversificadas que chega a causar espanto: missas mais clássicas com cantos gregorianos, missas que parecem ritos enlatados que consistem em ler o jornal dominical, “missas-show”, “missas-afro” e ainda as celebrações “populares”, com o padre sem túnica, com camiseta e boné do MST, consagrando pão de sal e vinho qualquer. Algumas vezes, o fiel não se identifica com a celebração e chega a ter dúvidas se, de fato, aquele é um ritual católico.

Então vem o esforço para voltar à ortodoxia, coluna que sustenta a prática litúrgica da Igreja. Multiplicam-se os cursos, as equipes, os encontros. Dividem-se as tarefas, organiza-se o ritual, ensaiam-se aqueles que servem ao altar. Nenhum erro pode ser tolerado. Mas uma outra ameaça se apresenta: a de enlatar a liturgia, tirando do culto a expressão da vida do povo que celebra. A fidelidade ao papa, à hierarquia e às normas não deveria ser uma desculpa para cercear a criatividade e, assim, causar um engessamento da vida da Igreja, tolhendo o dinamismo da fé.

### **d) A valorização da pessoa**

Jesus sempre valorizou a pessoa humana e por ela deu sua vida. A pessoa deve ser o centro da pastoral. Então, como articular a pastoral em torno dela? Diversas iniciativas se mostram: acolher melhor àqueles que procuram a Igreja, ir atrás da pessoa que se afastou – com visitas, cartões em ocasiões especiais, presença na hora difícil (morte, doença, separação

de casais), dar atendimento personalizado (confissão, orientação espiritual), conhecer cada um pelo nome, valorizar os que já estão participando (mandar cartões de aniversário para dizimistas, rezar por eles nas missas quando fazem aniversário), fazer missões de casa em casa. Um verdadeiro marketing católico! Há até pessoas que se especializaram neste ramo, escrevem livros, dão cursos. Tudo muito bem pensado, mas também não seria impossível dizer que o âmago da questão não foi atingido. Nas visitas, os missionários nem sempre sabem o que fazer ou dizer; na orientação espiritual, o padre fica perplexo diante dos problemas que encontra e se sente amarrado por regras, que ele não quer contrariar, embora nem sempre concorde com elas; na acolhida, a secretária tem normas que precisa obedecer. O problema continua!

### **e) Os métodos organizacionais**

Quando um olhar mais questionador é lançado sobre a Igreja e seu funcionamento, logo se percebe que, apesar de parecer uma grande empresa, ela não funciona como tal. Além das diferenças ligadas ao âmbito teológico que a define como obra de Deus, falta profissionalismo, organização, gerenciamento. Um grupo de voluntários de boa vontade se ajunta para fazer o que dá e o que pode, mas nem sempre há formação adequada para o trabalho. Então, percebe-se que não há equipes suficientes para tantas tarefas distintas. E se conclui que é preciso fazer um organograma, dividir as tarefas, organizar os grupos, colocar líderes nas equipes, fazer um amplo e vasto planejamento de atividades. Um esforço enorme é despendido na organização. Há equipes para tudo. E elas vão se ramificando do nível nacional para o estadual, depois, para o da província, o da diocese, o da paróquia, o da comunidade menor. Todas as equipes devem estar conectadas e cadenciadas numa rede de comunicação organizacional para que as atividades pastorais funcionem a contento.

Ilustra bem essa vertente a história da Projarca<sup>96</sup>. Conta a fábula que, certo dia, a divindade chamou o rei do céu para dar-lhe uma ordem. Ele deveria construir uma grande arca dentro de um mês. O rei imediatamente falou com um amigo, e eles foram atrás de um velho fabricante de arcas, que já havia trabalhado para o bisavô do soberano. Um dos sábios que assessorava o rei ficou receoso de confiar tão nobre missão a um homem já tão velho e sugeriu formar um grupo para coordenar o programa de fabricação da arca: o *Projarca*. O rei

---

<sup>96</sup> O texto intitulado *A Fábula da Arca* pode ser encontrado em PRATES, Marilda. *Reflexão & Ação em língua portuguesa*: 8ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1984. p. 139-140.

se viu meio sem alternativas e concordou. Dentro de quinze dias, o ancião já tinha providenciado madeira para seu trabalho, mas os técnicos da Projarca duvidaram da qualidade do lenho. Houve atritos, fizeram uma equipe de trabalho, a *Peskarca*, que operaria no mercado, inclusive tornando lucrativa a atividade de construção da arca. Entretanto a *Peskarca* não podia ficar subordinada a um grupo de trabalho; criou-se a superintendência chamada *Superarca*. Dela foi criada a *Imarca* – para defender a imagem da *Superarca*. Fizeram fluxogramas. Dispensaram o velho fazedor de arcas. Criaram a *Comarca* – uma companhia de economia.

Passados os trinta dias combinados, o rei foi chamado à presença de Deus. Depois de longa negociação, o rei ganhou mais quinze dias de prazo para terminar a arca. Disse que tinha vinte e cinco mil funcionários trabalhando na obra, só a montagem ainda não tinha sido iniciada, mas já tinham arrecado um valor considerável de dinheiro.

O rei apressou seus sábios, que logo criaram um *grupo interministerial* para orientar o trabalho. Trabalhou-se dia e noite e, passado o tempo previsto, tinham pregado a primeira tábuca da arca propriamente dita, o que foi acompanhado por uma cerimônia, com cobertura da *Gazeta da Coroa* e tudo mais. Na manhã seguinte, o rei ficou sabendo que deveria pedir mais tempo a Deus. Tentou nova audiência, mas só conseguiu ser atendido por um santo. Argumentou como pôde, mas nada. Deus estava irredutível. O santo não estava autorizado a dar mais tempo.

Descendo para seu reino, o rei sentiu uma garoa fina começando a cair. Três dias depois continua chovendo. A inundação foi tomando conta de todo o país. A corte reuniu-se já com água na cintura. Um dos sábios mais espertos viu ao longe uma arca se aproximar. E Disse: “Parem aquela arca! De quem aquela arca?” O rei respondeu: “Não adianta. Ela não vai parar. É do velho Noé, que trabalhava para meu bisavô!” E Noé, que em sua arca só levava bichos, seguiu em frente. Eis um caso em que o “equipismo”, em vez de ajudar, atropelou o processo e impediu os resultados almejados.

Sem dúvida que a passagem do espontaneísmo para uma pastoral organizada, pensada, planejada representa um avanço inquestionável. Não é isso que é posto em questão, mas sim

[...] a concepção formalista de participação, comunhão e corresponsabilidade; o aparecimento de uma burocracia asfixiadora, autoritária e patrulhadora; a transformação do plano pastoral num rolo compressor; a redução das pessoas a meios com a elevação dos planos e diretrizes a fins; o distanciamento dos ministros

pastorais em relação ao povo, devido ao envolvimento com um repetir-se de reuniões e encontros de utilidades muitas vezes duvidosas, devido ainda à preocupação com pesquisas, relatórios e documentos que terminam sendo lidos, quando muito, por aqueles que os redigem<sup>97</sup>.

É fato incontestável que a Igreja carece de melhor organização<sup>98</sup>. É uma instituição grande demais para contar apenas com um grupo amador, que trabalhe na base da improvisação. Isso diz respeito a todos os campos pastorais: desde a celebração da liturgia ou a administração paroquial, até tarefas sociais. O agente de pastoral, normalmente, aprende um pouco na base de erro e acerto. Confia em Deus que o chamou e o capacita para a sua obra. Mas não basta só isso. Um pouco de preparo e de organização só pode ajudar na execução das tarefas. Mas, algum cuidado é necessário em relação a essa onda organizacional. Afinal, a Igreja tem seu lado institucional, como uma empresa, mas ela é muito mais que isso. Ela é movida e guiada pela presença do Espírito de Deus que sempre sopra sua novidade e não aceita as molduras estreitas de organizações muito pesadas.

Há uma tendência na Igreja atual de cair no “equipismo” que surge da confusão entre *pastoral de conjunto* e *conjunto de equipes pastorais*. Pastoral de conjunto é um trabalho feito em clima de comunhão eclesial, sem engessar a criatividade e a liberdade que os líderes devem ter diante de sua realidade. Quando há um engessamento e as equipes se multiplicam, perdem seu real objetivo e passam a ter importância por si só e não pelo trabalho que realizam, então está configurado o “equipismo”. Organizam-se equipes para tudo. Fluxogramas e organogramas são feitos com antecedência. Antes que o ano se finde, já é preciso ter toda a programação do ano seguinte, para constar na agenda da diocese. Todas as equipes têm de estar formadas. Todos os nomes devem ser escolhidos para as devidas funções e constar no organograma. Tudo organizado! Tudo programado! Virou piada, mas é caso concreto a história daquele bispo que criou uma equipe diocesana de liturgia. Ao ser questionado sobre isso, pois a equipe não funcionava, ele respondeu que a equipe não precisava funcionar. Cada um cuidava da liturgia em sua paróquia. Só fez uma equipe para mandar os nomes para as instâncias superiores. Só assim ele pararia de receber cartas dos

---

<sup>97</sup> MELO, A evangelização, p. 31.

<sup>98</sup> Ainda que vigore em alguns rincões da Igreja a pergunta “É lícito planejar a pastoral da Igreja, já que seu sujeito primeiro é o Espírito Santo, agente absolutamente livre, que atua como o vento, onde e como quer (cf. Jo 3,8)?”, a Igreja insiste em dizer que, na encarnação do Verbo, a graça de Deus chega à humanidade por meio das realidades humanas. Assim sendo, o próprio Deus sujeitou-se às regras do jogo humano. Logo, o que vale para o Verbo Encarnado vale certamente para a Igreja, seu sacramento. Ela também está submetida a essas mesmas regras. Se fatores incontáveis levam a raça humana a planejar seu presente e futuro, o povo de Deus também percebe a urgência de planejar sua caminhada para melhor ser sinal de Deus na história. Cf. MELO, A evangelização, p. 27-32.

setores regional, estadual e nacional, cobrando esse feito.

A que ponto chegou a mentalidade organizacional na Igreja! O que faz pensar é que tanta organização arrisca a consumir energias, gastar dinheiro, despender tempo e os melhores esforços humanos para, ao final, resultar numa pastoral engessada, sem criatividade e com um belo organograma na parede, mesmo que os resultados não sejam atingidos como no caso da anedota da arca.

#### **f) A realização psicológica**

Todos buscam a felicidade. Isso é comum no ser humano. Todos se esforçam para vencer suas mazelas e conquistar um nível mais elevado de realização pessoal. Sendo assim, a pastoral não deveria ser organizada em torno deste princípio? O padre e os demais líderes não deveriam ser especializados em psicologia para melhor ajudar o povo? Afinal, nas cidades pequenas principalmente, o povo não tem acesso ao psicólogo ou psiquiatra com tanta facilidade, e o padre acaba atuando um pouco nesta área, ainda que não queira. Como enfrentar isso?

Diante dessa realidade, algumas pessoas acham conveniente adotar o discurso da mística psicológica<sup>99</sup>. Transformam a boa-nova de Cristo num discurso de auto-ajuda, geralmente simplista. O argumento é que falta formação humana, que homem e mulher estão vivendo hoje uma crise existencial profunda: daí, sentem-se perdidos, desorientados e, por isso, a Igreja também está confusa, sem identidade<sup>100</sup>.

De fato, não resta dúvida de que a crise da sociedade se reflete na Igreja. O ser humano deprimido e frustrado, que vem à comunidade de fé, precisa ser restaurado, curado; precisa encontrar seu centro. Mas uma religião de auto-ajuda não dá conta de responder aos desafios do mundo. O ser humano não vai conseguir superar todo mal e viver no paraíso. Precisa aprender a lidar com as derrotas, os fracassos, a doença e o sofrimento em geral.

## **1.5 Conclusão**

O pluralismo da atualidade se reflete na Igreja. Católicos com perfis muito diferentes convivem na comunidade eclesial. Os conflitos são grandes. Cada grupo procura

---

<sup>99</sup> Cf. LIBANIO, Crer, p. 45.

<sup>100</sup> Cf. LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 19.

soluções para a crise. Mas o quadro é bastante complexo. A pluralidade de eclesiologias presentes no interior da Igreja<sup>101</sup> leva a discursos bem distintos, que acabam desembocando em divergências e, até mesmo, em atritos. Os cristãos com formação mais doutrinária e maior rigor moral não conseguem compreender o que entendem como laxismo de alguns. Os católicos mais engajados na vida política e social não conseguem admitir a passividade e paciência dos que se põem a rezar em busca de luzes para os problemas. As pessoas que têm visão mais administrativa e organizacional não toleram a administração improvisada à base da boa vontade e da intuição. Os católicos com tendência mais mística e espiritual não admitem o ativismo dos mais apressados que querem logo colocar a mão na massa. Algumas pessoas mais idosas, formadas na doutrina que vem dos catecismos de Trento, não toleram a teologia recente com suas novas elaborações.

Como lidar com isso? O que fazer no interior de uma Igreja que tem discursos e práticas pastorais tão díspares? Como podem conviver harmoniosamente o novo e o velho, com respeito às diferenças? O texto do livro dos Atos dos Apóstolos que será estudado revela que a comunidade lucana também não vivia um momento muito tranqüilo. Ela estava em conflito: cristãos de origem judaica, enraizados em suas convicções provenientes da lei mosaica, estavam estranhando a presença de pagãos, que pouco a pouco iam chegando e impondo novas práticas religiosas. Era uma Igreja perplexa! Como Lucas vai enfrentar isso e como ele vai legitimar as necessárias mudanças na comunidade cristã que acabava de surgir? Que tipo de discurso vai adotar? Que tipo de catequese será mais conveniente para seu momento? Que atitudes pastorais serão necessárias para se manter fiel a Deus, que fala por meio dos sinais dos tempos? É o que os próximos capítulos vão tentar responder. Diante de tantos discursos desencontrados, para Lucas, torna-se urgente voltar à pregação fundante e isso, de modo narrativo. Uma catequese querigmática e narrativa, como a catequese lucana, parece ser um caminho a trilhar.

---

<sup>101</sup> A pluralidade de eclesiologias no interior da Igreja é, sem dúvida, uma riqueza. Desde o começo do cristianismo, essa pluralidade esteve presente no seu interior. Cf. BROWN, Raymond E. *As Igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1986. A questão, então, não está na pluralidade, mas na unidade que se vê comprometida, num mundo fragmentado e que, de certa forma, reflete sua fragmentação no interior da Igreja.

## 2 CASO EXEMPLAR: At 10,1–11,18

Um modelo interessante de catequese é encontrado na narrativa lucana, no livro dos Atos dos Apóstolos, no episódio de Pedro na casa de Cornélio. Para analisar esse texto, o método adotado é o *zoom* de aproximação concêntrica. Começa-se por um foco distante – a obra lucana como um todo – e, pouco a pouco, a lente da máquina de filmar vai sendo ajustada de forma a dar um close total no discurso de Pedro, presente em At 10,34-43, que mostra o conteúdo da pregação primitiva.

### 2.1 Lucas e sua obra

Lucas se revela um pastoralista atento às necessidades de seu rebanho, capaz de perceber os sinais dos tempos e escrever uma obra rica de detalhes, com uma pregação central, que é a coluna vertebral de sua evangelização.

Além disso, Lucas é historiador<sup>1</sup> e teólogo<sup>2</sup>, sabe unir teologia e história ao mesmo tempo. Como historiador<sup>3</sup>, Lucas relaciona episódios narrados com acontecimentos e nomes concretos da história cotidiana, o que pode ser claramente observado ao longo do seu texto (cf. Lc 1,5: no tempo de Herodes; Lc 2,1: no tempo do recenseamento de César

---

<sup>1</sup> Durante muito tempo, as escolas bíblicas se dividiram em duas opiniões bem distintas. De um lado, a exegese alemã mantinha toda reserva quanto ao trabalho de Lucas como historiador. Não são poucos os estudiosos dessa linha que colocaram Lucas diante do tribunal da história. Alguns chegaram até a chamá-lo de “falsário”. O grande erro de Lucas teria sido misturar história e lenda, fato histórico e fato sobrenatural, algo inapetecível para a história moderna. De outro lado, a exegese anglo-americana tentava reabilitar Lucas como historiador. Uma aporia incômoda que só veio a encontrar luzes no próprio conceito de historiografia. Para isso, muito contribuíram as pesquisas de Raymond Aron, que mostraram que não há história que não seja relato, ou melhor, algo constituído a partir de um ponto de vista. Isso permitiu uma distinção entre historiografia grega e judaica. Além disso, grande contribuição foi dada pelos trabalhos de Arnaldo Momigliano. Este mostrou que toda história é escolha de relatos do passado, a fim de construir uma lembrança para os leitores. Logo, a objetividade da história moderna ficou sob suspeita. Paul Ricoeur deu a tacada final distinguindo três tipos de historiografia: história documentária, história explicativa e história poética (historiografia no sentido forte). Nesta última, o simbólico é visto como algo intrínseco à própria historiografia, sua verdade se encontra na interpretação que faz do passado e na possibilidade de melhor compreender o presente. Essa classificação é interessante, pois derruba a ditadura da história moderna, abrindo a historiografia para um leque de interpretações também legítimas. Cf. MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003. p. 14-35.

<sup>2</sup> Quem descobriu o teólogo Lucas foi Conzelmann. Cf. CONZELMANN, Hans. *El centro del tiempo: la teología de Lucas*. Madrid: Ediciones Fax, 1974. Marguerat, comungando da mesma visão, afirmou que Lucas é “historiador porque é teólogo. A história é para ele o lugar onde o humano se encontra com o divino” (MARGUERAT, A primeira história, p. 45).

<sup>3</sup> Conzelmann prefere inverter a questão em torno de Lucas como historiador. Em vez de perguntar se Lucas pode ser caracterizado como historiador, se suas informações são confiáveis historicamente, o autor pergunta como Lucas concebe sua própria exposição, ou seja, como ele põe em relevo o processo histórico. Cf. CONZELMANN, El centro.

Augusto; Lc 3,1: no tempo do imperador Tibério, etc). Ele dá atenção a dados históricos não por causa deles mesmos, mas por causa do sentido que eles têm. Sendo fiel herdeiro da tradição de Israel, Lucas sabe que a salvação se realiza nos acontecimentos. Assim, mostra que, “por meio de fatos realmente acontecidos, o desígnio de Deus se realiza na história”<sup>4</sup>.

### 2.1.1 O Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas fica mais claro quando olhado no conjunto da obra lucana. Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos formam um todo unitário. A obra de Lucas é situada

dentro da “história da salvação”, que abrange três épocas diferentes: o tempo da promessa (o Antigo Testamento), o tempo do cumprimento (Jesus) e o tempo final, que é o tempo do anúncio feito pela Igreja, que está descrito nos Atos dos Apóstolos. Em todos estes momentos atua o Espírito Santo de Deus, na inspiração dos antigos profetas, na força que impele Jesus, e na vida que inspira à Igreja<sup>5</sup>.

O Evangelho lucano é claramente caracterizado pela grande viagem de Jesus. Jesus é o evangelizador que sai dos confins da Galiléia para o grande centro religioso, Jerusalém. Jesus, a palavra definitiva esperada pelos profetas, torna-se o evangelizador – o anunciador da Palavra –, que vai para Jerusalém, onde será entregue e morto. Lá vai se tornar evangelho anunciado. Aquele que levava a Palavra agora é a Palavra levada por suas testemunhas (o querigma cristão). Assim, é para Jerusalém que se convergem os olhares intrigados e é a partir de lá que a Palavra de Deus vai se expandir até atingir os confins do mundo.

Seguindo esta unidade de pensamento, no seu Evangelho, Lucas, depois de escrever sobre a infância de Jesus que decorre toda em Nazaré – com pequeno aperitivo em Jerusalém (Lc 1–2) –, começa a narrativa da atuação de Jesus na Galiléia (Lc 3–9). A pregação de Jesus tem início com o fim da pregação de João Batista (Lc 3,1-20), depois de seu batismo no Jordão, realizado por seu precursor (Lc 3,21–4,13).

Uma vez que Jesus foi batizado e reconhecido como Filho amado do Pai, a promessa de Deus, que se realiza em Jesus, acontece em três momentos distintos: Jesus assume sua missão na Galiléia (Lc 4,14–9,50), realiza sua grande viagem missionária, passando pela Samaria (Lc 9,51–19,27) e vive seu derradeiro momento em Jerusalém,

---

<sup>4</sup> CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 70.

<sup>5</sup> BÍBLIA SAGRADA: Tradução da CNBB. *Introdução ao Evangelho de Lucas*. 3. ed. revis. Brasília: CNBB, 2006. p. 1211.

passando pela morte e desembocando no evento pascal (Lc 19,28–24,53).

## 2.1.2 Os Atos dos Apóstolos

*Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*  
(At 1,8).

O livro dos Atos dos Apóstolos é a continuação do Evangelho, a segunda parte de uma mesma obra. A Palavra que chegou a Jerusalém sai de lá para o mundo: a história da salvação continua na vida da Igreja nascente.

Para continuar contando a história da salvação, Lucas reconstrói a história da pregação cristã. Faz apenas uma monografia histórica. Não redige uma primeira história da Igreja<sup>6</sup>. Sua obra não tem esse alcance, nem essa finalidade. Quer apenas mostrar a força transformadora da Palavra de Deus e sua difusão por entre os povos. Neste mesmo sentido, Fabris<sup>7</sup> lembra que é mediante a pregação da Palavra Divina que o movimento cristão se difunde e toma vulto. Juntamente com o Espírito, a Palavra é a grande protagonista de todo o livro dos Atos. Marguerat<sup>8</sup> chega a afirmar que “o tema do livro dos Atos não é nem a história da Igreja, nem a atuação do Espírito, mas a expansão da Palavra. O verdadeiro herói dos Atos dos Apóstolos é o *logos*, a Palavra”. Ela é a grande protagonista do livro. Ela é sujeito, alguém que faz crescer a adesão à comunidade (cf. Is 55,10-11). É autônoma, age, toma iniciativa, conduz os apóstolos. Logo, não se identifica com um complexo ideológico ou doutrinal. É muito mais! É boa-notícia que Deus mesmo enviou ao mundo por meio de seu Filho. Trata-se de um acontecimento real e com raízes profundas na história: a paz, a libertação, a reconciliação, enfim, a salvação operada pelo Filho de Deus – Senhor da História – e não de uma teoria espiritual. Trata-se do evento Jesus Cristo, presente na história.

Em todo o livro dos Atos, vê-se a Palavra agindo. Desde o começo, Lucas traçou o conteúdo de sua pregação, avisando como seria a trajetória da Palavra. Colocou na boca do Ressuscitado uma promessa e um programa de trabalho para seus discípulos: “Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém,

---

<sup>6</sup> Cf. CASALEGNO, Ler os Atos, p. 48. À pergunta: “Lucas é o hagiógrafo que redige uma primeira história da Igreja? Ou melhor, podem os Atos ser considerados uma história da Igreja primitiva?”, o autor responde negativamente mostrando que a intenção lucana não é relatar a história eclesial, mas frisar a expansão da Palavra de Deus no Ocidente.

<sup>7</sup> Cf. FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 168.

<sup>8</sup> Cf. MARGUERAT, A primeira história, p. 45.

por toda Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Baseado neste programa<sup>9</sup>, Lucas organizou seu livro. Nota-se com clareza a expansão da Palavra, que alcança limites cada vez maiores. “O crescimento do movimento de Jesus identifica-se com o crescimento da palavra e a Palavra de Deus é a que possui o poder para construir a Igreja”<sup>10</sup>. Tudo começa em Jerusalém, onde os apóstolos dão testemunho de Jesus, e enfrentam difícil crise (At 1–7). Depois, a Palavra vai para a Samaria e locais da redondeza, pois os judeus não a acolheram como era o esperado (At 8–12), chegando inclusive a Cesaréia, onde se desenvolve a cena de Pedro e Cornélio. Pouco à frente, a Palavra é propagada por meio de Paulo, que se torna o evangelizador dos pagãos (At 13–15), mas não sem conflitos que precisam ser resolvidos no Concílio de Jerusalém. O texto de At 10,1–11,18 prepara para o reconhecimento da missão paulina por parte da Igreja, no Concílio de Jerusalém. É por meio de Paulo que a Palavra chega aos confins da terra, Roma – a capital do mundo (At 16–28).

Num movimento como de círculos concêntricos que se comunicam e se expandem de dentro para fora, a Palavra vai ganhando espaços. O Ressuscitado lançou, por meio do Espírito derramado, a pedra da Palavra no lago parado da vida dos discípulos. Acertou bem em cheio em Jerusalém – o centro religioso. Diante de tal impulso, a expansão é uma conseqüência natural. Deste ponto articulador vão sair todos os enviados para continuar o movimento planejado: primeiro, Jerusalém; depois, as redondezas e, finalmente, os confins do mundo. A Palavra é viva e dinâmica. Não cabe em pouco espaço. Quer expandir-se, crescer, conquistar todos os corações sedentos à espera da salvação. No entanto, a difusão da Palavra de Deus não é atribuída a uma força mágica, mas a uma força que lhe é interior, intrínseca, como a semente que comporta uma energia em si e germina quando lançada em terra boa (cf. Lc 8,8.15). A comunidade histórica é a terra boa, repleta de pessoas sedentas da salvação e dispostas a se colocarem a serviço da Palavra.

Lucas está consciente desse dinamismo da difusão da Palavra. Deixa essa trajetória traçada desde o começo do livro. A perícopes em estudo é fundamental nesta dinâmica. Ela faz a passagem da Palavra dos limites estreitos do judaísmo (no caso, Jerusalém, Samaria e região) para espaços infinitos do paganismo (Cesaréia, Roma). Com o batismo de Cornélio e sua aceitação na comunidade, os limites do cristianismo nascente foram

---

<sup>9</sup> Cf. BÍBLIA CNBB, Introdução Atos, p. 1211.

<sup>10</sup> RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 6-7.

extrapolados para além das cercas legais do judaísmo. A Palavra não se deixa emoldurar pela legalismo judaico; o Espírito não aceita barreiras. Lucas coloca Pedro como instrumento do Espírito para romper esses limites e fazer a Palavra chegar aos pagãos. Para isso, não é só Cornélio quem vai precisar se converter. A Igreja nascente, mal saiu das fraldas, já necessita de conversão.

Nos Atos de Pedro (10,1–11,18), não temos unicamente a conversão de Cornélio e de toda a sua casa-comunidade, mas também a conversão de Pedro e da Igreja judeu-cristã-hebraica de Jerusalém. Aparece com clareza na narração a intenção de Lucas, como também a fidelidade ao Espírito, que leva a missão aos gentios, exigindo a conversão de Pedro e da Igreja. Não há missão sem transformação da Igreja<sup>11</sup>.

Para acolher o diferente, só se convertendo radicalmente, afinal “a evangelização não se constitui de um movimento linear, partindo do evangelizador rumo ao evangelizando, mas de um movimento circular que vai do evangelizador para o evangelizando e deste volta àquele”<sup>12</sup>. É o que Lucas vai mostrar neste episódio original.

## 2.2 Atos 10,1–11,18

A perícopes em questão apresenta características próprias, revelando traços específicos da obra lucana como indicado abaixo.

### 2.2.1 Lugar nos Atos dos Apóstolos

O episódio de Cornélio ocupa lugar de destaque no livro dos Atos dos Apóstolos. O redator lhe deu significado ímpar, singular. Isso não é difícil de perceber, uma vez que o texto está propositalmente colocado numa posição de destaque, praticamente no meio do conjunto da obra.

Está claro que, aos olhos de Lucas, a conversão do centurião Cornélio, dado o realce com que o conta (10,1–11,18), não é um fato isolado, mas sim um fato de alcance universal, intimamente ligado à entrada dos gentios na Igreja, como se afirmará de modo explícito no Concílio de Jerusalém (cf. 15,7.14)<sup>13</sup>.

Assim, não é difícil perceber que esse texto é um divisor de águas do livro dos Atos dos Apóstolos: prepara para a grande missão de Paulo entre os gentios que está para ser relatada. A questão colocada pela perícopes será resolvida no Concílio de Jerusalém. Fica

---

<sup>11</sup> RICHARD, O movimento, p. 99-100.

<sup>12</sup> MELO, A evangelização, p. 79.

<sup>13</sup> TURRADO, Lorenzo. *Biblia comentada: Hechos de los Apóstolos y Epístolas paulinas*. Madri: La editorial catolica, 1965. v. 6, p. 94.

nítida essa intenção lucana: antes do Concílio, atos de Pedro; depois, atos de Paulo. Lucas mostra que Pedro abriu as portas para Paulo e legitimou sua evangelização junto aos gentios. Paulo tem razão na fundação de comunidades mistas. Nelas, judeus e pagãos comem juntos o mesmo pão e partilham a mesma fé em Cristo. Pedro e Paulo estão de acordo na obra missionária. Não há divisão entre eles. A Palavra de Deus, que age por meio de ambos, prossegue firme sua trajetória, conquistando os corações para o Ressuscitado.

Além da quase-centralidade do texto (que prepara At 13–15), a extensão da perícopes fala muito. São dedicados a este episódio sessenta e seis versículos (setenta e três se forem contadas também as referências no discurso de Jerusalém em At 15,7-9.14-18): um número bem maior que o dedicado ao relato de Pentecostes (quarenta e um versículos) e ao da conversão de Paulo (cinquenta e oito versículos). Dupont chega a dizer que, sem dúvida, é possível afirmar que, do ponto de vista da extensão da narrativa, este relato ultrapassa em relevância todos os outros descritos em Atos, lembrando ainda outro dado fundamental: “A importância da história de Cornélio na economia do livro dos Atos (10,1–11,18) se revela pela extensão que Lucas lhe concede e pela relação estreita a uni-la ao Concílio de Jerusalém”<sup>14</sup>.

Tamanha é a importância que Lucas dá ao texto que ele consegue, deliberadamente, fazer de Cornélio o primeiro gentio recebido na comunidade<sup>15</sup>. Sacrificou, com isso, o eunuco, batizado por Felipe (cf. At 8,26-40). Este não recebe realce. Tem características mais de prosélito que de pagão: vai a Jerusalém adorar, lê o profeta Isaías. De qualquer modo, Lucas deixa a abertura aos pagãos para Pedro. É em Pedro que recai a responsabilidade da iniciativa de introduzir os pagãos na Igreja. E isto se dá no episódio de Cornélio. É bem verdade que esta abertura já havia sido sinalizada também em Samaria (cf. At 8,4-25), mas os samaritanos, ainda que inimigos dos judeus, têm laços estreitos com eles devido às suas origens, e, além disso, vangloriam-se de serem seguidores de Moisés. Neste relato da conversão de Cornélio, porém; abre-se “uma nova fase na história da Igreja, de amplitude muito mais universal. Judeus e gentios, sem necessidade da circuncisão, podem sentar-se na mesma mesa e participar juntos das bênçãos messiânicas. Cornélio será o ponto de partida”<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> DUPONT, Jaques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974. p. 78.

<sup>15</sup> Cf. COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Vozes/Metodista/Sinodal, 1988. v. 1, p. 194.

<sup>16</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 94.

## 2.2.2 Composição do texto

O relato de Pedro na casa de Cornélio é uma obra tecida com extremo cuidado. Mostra a habilidade literária de Lucas, que é exímio narrador, apresentando Jesus de acordo com as necessidades de sua comunidade.

O relato lucano encontrado em At 10,1–11,18 traz uma marca de seu autor: a alternância de relatos e discursos.

Os discursos constituem um artifício literário por meio do qual o autor manifesta suas idéias, desenvolve seu ensinamento, fortalece a fé do leitor. Distribuídos harmonicamente no texto, representam um momento de pausa e de reflexão no desenvolvimento dos acontecimentos, ajudando o leitor a aprofundar o conteúdo das partes narrativas<sup>17</sup>.

O texto é um relato com quadros vivos que facilmente se fixam na memória do leitor. Uma narrativa é magistralmente montada com epifanias – em que um anjo do Senhor, uma voz vinda do céu e o Espírito atuam abundantemente, mostrando que Deus irrompe na história, tomando a iniciativa do processo de acolhida dos pagãos –, com encontros inusitados – em que pagãos e gentios vão ao encontro um do outro –, com relatos de acontecimentos – em que os expositores sintetizam a ação de Deus –, e com discursos teológicos elaborados. Cada parte tem sua função e seu lugar no conjunto da narrativa.

Não há indícios de historicidade. Tudo indica que o texto foi literariamente construído por Lucas com a intenção de legitimar a ação evangelizadora de Paulo entre os gentios (a recepção dos pagãos na Igreja e a convivência com eles: participação na mesma mesa), que vai ser tema da reunião de Jerusalém (At 15). É notável a semelhança entre o discurso presente em At 10,34-43 e os demais discursos de Atos, o que confirma ainda mais a tese de que o texto é uma elaboração caprichosa de Lucas. O traço redacional do autor transparece claramente em toda a narrativa.

A origem do texto vem, provavelmente, de duas tradições separadas<sup>18</sup>. No começo, pode ter havido uma lenda sobre a conversão de um centurião romano qualquer, chamado Cornélio, pagão piedoso, provavelmente um temente a Deus, que é aceito na comunidade por força do Espírito. Um caso isolado, sem maiores conseqüências. Esta narrativa não incluía obrigatoriamente a visão dos animais impuros.

Paralelamente, havia a convicção de que a conversão e a recepção dos pagãos na

---

<sup>17</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 56.

<sup>18</sup> Cf. COMBLIN, Atos dos Apóstolos, p. 194.

Igreja eram obra do Espírito (cf. Felipe com o eunuco), mas estes temas ainda não estavam atrelados à questão dos animais impuros. Mais tarde, a problemática dos animais impuros é incorporada à tradição para justificar a convivência de judeus e gentios na mesma mesa.

A origem das duas narrativas seria uma coleção de ditos e fatos sobre Pedro. Passa-se daí para uma etiologia atribuída a Pedro, até chegar ao texto final, com traços claramente lucanos.

Dos relatos iniciais, Lucas compõe sua obra, mostrando seu interesse teológico. Assim, a forma atual do relato é vista como legítima, inteira, completa, sem necessidade de maiores preocupações com as diversas camadas que o compõem.

Quando sabemos que o texto não é um mosaico casual, mas provém das mãos de Lucas que lhe deu o seu léxico, lhe imprimiu seu estilo e a expressão de suas idéias, a riqueza da coerência literária e temática da forma atual se torna legítima<sup>19</sup>.

Lucas, com seu trabalho redacional, costurou textos e informações com seu estilo próprio, a tal ponto que estes textos parecem ser notas redigidas por ele com sua linguagem característica. Esse modo lucano de escrever pode ser visto também no seu Evangelho, que tem pelo menos duas fontes – Marcos e Q. Lucas se mostra, mais uma vez, um historiador ao modo de seu tempo. Segundo Luciano de Samósata – escritor do século II – um bom historiador deve reunir a documentação e tomar notas, mas sem grandes preocupações com a maneira de ordenar este material. Esta preocupação é posterior, quando se vai zelar pela unidade da narrativa e pela qualidade de seu estilo<sup>20</sup>.

Tecendo a trama de sua literatura, Lucas revestiu de adornos relatos antigos sobre a conversão de um gentio e sobre a convicção da entrada dos pagãos na comunidade, tornando esse episódio uma obra do Espírito, com significado inovador. Assim,

o relato serve agora para ilustrar uma tese teológica, isto é, em consequência de uma manifestação expressa da vontade divina, e não por iniciativa humana, os gentios foram recebidos na Igreja sem serem submetidos às prescrições da lei judaica. O caso de Cornélio, puramente individual, adquire assim um alcance universal<sup>21</sup>.

Deste modo, unindo, com fins teológicos, dois relatos distintos, Lucas provoca uma revolução religiosa: por meio de atos de Pedro, “legitimou a recepção de pagãos na Igreja nascente e impôs a convivência com eles e a participação de todos na mesma mesa,

---

<sup>19</sup> LUKASZ, Czeslaw. *Evangelizzazione e conflitto: indagine sulla coerenza letteraria e temática della perícopa di Cornélio* (Atti 10,1-11,18). Frankfurt: Peter Lang, 1993. p. 28.

<sup>20</sup> Cf. ANTONIAZZI, Alberto. A pesquisa sobre os Atos dos Apóstolos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 3, p. 76-86, 1989.

<sup>21</sup> DUPONT, Estudos, p. 79.

sobretudo na eucaristia”<sup>22</sup>.

### 2.2.3 Divisão da perícopes

Diversos pontos chamam a atenção do leitor no episódio de Cornélio. A tessitura da narrativa impressiona. Lucas faz Deus agir de modo extraordinário, em cada cena de uma forma diferente. Mas o que chama a atenção do leitor no texto não é só a intervenção poderosa de Deus. A narrativa lucana que entrelaça os dados de forma harmoniosa, sempre fazendo uso da técnica da repetição, como se cada evento fosse reproduzido num sistema de ecos que se prolongam, é algo que não passa despercebido ao leitor atento. Como num jogo de espelhos, a visão de Cornélio aparece quatro vezes, a de Pedro duas vezes, a descida do Espírito Santo e o batismo na casa do centurião também duas vezes.

Para melhor visualizar essas informações, Fabris<sup>23</sup> sugere o desenrolar da perícopes em sete cenas consecutivas, conforme abaixo:

<i>Visão de Cornélio em Cesaréia</i>	<i>Visão de Pedro em Jope</i>	<i>Encontro de Pedro com os enviados de Cornélio a Jope</i>	<i>Encontro de Pedro e de Cornélio em Cesaréia</i>	<i>Discurso de Pedro em Cesaréia</i>	<i>Descida do Espírito e batismo</i>	<i>Encontro e discurso de Pedro em Jerusalém</i>
10,1-8	10,9-16	10,17-23a	10,23b-33	10,34-43	10,44-48	11,1-18
v. 5: ordem divina de fazer Pedro vir.	v. 15: ordem divina de superar a distinção entre puro e impuro.	v. 20: o Espírito convida Pedro a acolher os enviados de Cornélio.	v. 28: Pedro interpreta a ordem de Deus: nenhum homem é profano ou impuro.	v. 34: Deus não usa de parcialidade.	v. 47: o Espírito desce sobre pagãos, como sobre os apóstolos.	v. 3: admoestação a Pedro: entraste e comeste em casa de pagãos.
A <sup>1</sup> relato	B <sup>1</sup> relato	A <sup>2</sup> relato da visão de Pedro	A <sup>3</sup> relato da visão de Cornélio		C <sup>1</sup> Relato	B <sup>2</sup> relato da visão de Pedro (5-10) A <sup>4</sup> relato da visão de Cornélio (13-14) C <sup>2</sup> relato da descida do Espírito (v. 15)

<sup>22</sup> COMBLIN, Atos dos apóstolos, p. 194.

<sup>23</sup> Ao longo dos anos, os exegetas sugeriram diversas divisões para esta perícopes. Alguns autores estruturam-na de acordo com o elemento temporal, outros de acordo com o elemento espacial ou de acordo, ainda, com as pessoas que se fazem presentes na narrativa. Há também aqueles que dividem o texto em seções, de acordo com a unidade temática. As possibilidades são muitas. Pareceu mais de acordo com a escolha metodológica deste trabalho, adotar a estrutura sugerida por Fabris. Cf. FABRIS, Os Atos, p. 206.

#### 2.2.4 Recursos literários

Para melhor compreensão de sua mensagem, Lucas usa diversos recursos interessantes<sup>24</sup>. Estes estão presentes em seus escritos, ou em um deles, de forma macro visível. Nas perícopes, eles são minimizados, mas continuam ali, anunciando a presença do escritor.

O *primeiro* recurso não é estranho a Lucas. Vez por outra, ele aparece em seus escritos. Lucas faz um relato “ordenado e sucessivo em fase distinta”<sup>25</sup>. É a “assincronia de episódios sincrônicos”<sup>26</sup>. Os fatos estão acontecendo ao mesmo tempo, mas Lucas relata-os um após o outro, dando a cada um deles um tempo especial. É o caso da atividade missionária de Pedro e Paulo, que se desenvolve nos mesmos anos, mas a de Paulo só é narrada depois de Pedro sair de cena. Quem conhece minimamente o Evangelho lucano percebe isso no relato da missão de João Batista e de Jesus. Lá também, Jesus só entra em cena depois que João foi decapitado e saiu definitivamente do cenário da pregação.

Na narrativa de Cornélio e Pedro, essa técnica pode ser percebida, mas com uma particularidade. Lucas intercala relatos que envolvem Cornélio ou Pedro, cada um por sua vez, mas entrelaçando-os com um fio narrativo sincrônico, que dá ao episódio uma tessitura bem confeccionada, revelada definitivamente na trama final.

O *segundo* recurso é a alternância de relatos e discursos<sup>27</sup>. Todo o livro dos Atos está marcado por essa alternância. São duas formas literárias distintas, mas bem conhecidas das composições históricas. Por meio dos relatos, Lucas apresenta o fio condutor do seu livro; com os discursos, faz entender seu pensamento teológico. Casalegno afirma que “os discursos constituem um artifício literário por meio do qual o autor manifesta suas idéias, desenvolve seu ensinamento, fortalece a fé do leitor”<sup>28</sup>. Lucas conta um episódio e, logo em seguida, reforça o tema central com o discurso que põe na boca do personagem principal.

No caso da perícopes estudada, esta alternância não se dá necessariamente só com discursos, mas também com pequenos resumos do episódio relatado anteriormente. Cada cena é de novo recontada pelos personagens: Pedro, Cornélio, seus enviados, etc. São mini-

---

<sup>24</sup> Cf. MARGUERAT, A primeira história, p. 57-68; CASALEGNO, Ler os Atos, p. 44-58.

<sup>25</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, 49-50.

<sup>26</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, 49-50.

<sup>27</sup> Cf. CASALEGNO, Ler os Atos, p. 55-57.

<sup>28</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 56.

discursos narrativos<sup>29</sup>, usados para “amarrar a história”, concatenar os dados, fixar o conteúdo. É importante perceber que Lucas não acumula cenas soltas: concatena-as de forma lógica, interpreta-as, dando-lhes novos significados, compondo, ao final, uma história ordenada e coesa, sem entraves que pudessem impedir sua fluidez.

O *terceiro* recurso são as interrupções intencionais<sup>30</sup>, que deixam sempre algo em suspense, motivando o leitor a ir um pouco mais além, no desejo de ver solucionada a questão que ficou pendente. “Uma cena fica suspensa ou põe um problema que só será resolvido na cena seguinte<sup>31</sup>”. Isto pode ser observado quando, em At 8,4, Lucas afirma que os cristãos se dispersaram, exceto os apóstolos. Mais à frente, ele retoma o texto (cf. At 11,19) dizendo que aqueles que haviam se dispersado avançaram até diversas cidades, uma delas Antioquia, onde vai ser fundada uma importante comunidade. Este recurso é percebido também no episódio de Cornélio, que fica em suspenso ao seu final. O evento será retomado no Concílio de Jerusalém (cf. At 15,8).

Na perícopre estudada, este recurso reaparece. O que era macro no conjunto do livro torna-se um micro recurso, um detalhe – um *zoom* em menor escala – que pode ser percebido no texto. Cada cena que se desenrola parece um capítulo de novela. Deixa algo para o próximo capítulo. Estimula a curiosidade do leitor, intriga-o com uma cena incompleta que pede necessariamente outra. É a arte do bom escritor que não deixa que o leitor lhe escape por falta de interesse em sua obra.

### 2.3 Elementos de exegese de At 10,34-43

Lucas comunga com um grupo de historiadores que fazem seus heróis pronunciarem discursos. Estudiosos<sup>32</sup> afirmam que esses escritores não querem reproduzir o que foi dito, mas sim o sentido dos acontecimentos. Fabris<sup>33</sup> lembra que este é um recurso

---

<sup>29</sup> Segundo Barthes, o resumo é uma citação sem a letra, ou seja, uma citação de conteúdo (não de forma), um enunciado que remete a outro, mas cuja referência implica em um trabalho de estruturação, já que não é literal. E ainda, multiplicar os resumos quer dizer multiplicar as finalidades da linguagem. Por exemplo: a mesma ordem que foi dada pelo anjo a Cornélio está dita de quatro formas diferentes: enquanto ordem dada, enquanto ordem executada, enquanto relato de sua execução, enquanto resumo do relato de sua execução. Logo, os destinatários são alterados: O Espírito comunica a Pedro e a Cornélio, Pedro comunica a Cornélio, Cornélio comunica a Pedro, Pedro comunica à comunidade de Jerusalém (e a nós leitores). Cf. BARTHES, Roland. *El análisis estructural del relato a propósito de Hechos 10-11*. In: LEÓN DUFOUR. *Exegesis y hermenéutica*. Madrid: Cristiandad, 1976. p. 143-163.

<sup>30</sup> Cf. MARGUERAT, A primeira história, p. 61; CASALEGNO, Ler os Atos, p. 52.

<sup>31</sup> FABRIS, Os Atos, p. 205.

<sup>32</sup> Cf. UMA LEITURA dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 51.

<sup>33</sup> Cf. FABRIS, Os Atos, p. 182.

muito comum na Antigüidade, usado tanto por gregos quanto por judeus (Flávio Josefo, por exemplo), inclusive presente na Sagrada Escritura (cf. os discursos dos Livros dos Macabeus). O autor do texto põe na boca dos personagens os discursos de circunstâncias. Casalegno diz que as pregações colocadas na boca dos apóstolos “não são reproduções fiéis de discursos efetivos ou citações de documentos originais”<sup>34</sup>. Assim, pode-se afirmar que não são textos direcionados aos personagens do episódio, mas ao leitor. São explicações úteis que ajudam a entender a mensagem que o autor quer veicular, ou ainda, são “composições redacionais que manifestam o interesse teológico do autor”<sup>35</sup>.

### 2.3.1 Determinação do texto

Como já foi visto, este discurso está inserido numa perícopes maior, relatada em At 10,1–11,18, que mostra toda a trama da presença de Pedro na casa de Cornélio, envolvendo o batismo dele e de sua família, como também a reação da Igreja a esse feito. Até o versículo 33, a perícopes é marcada por movimentos, viagens, aparições, etc. É o campo da narrativa. O versículo 34 anuncia que Pedro toma a palavra e faz um discurso que se prolonga até o versículo 43. A partir daí, o versículo 44 muda de novo do discurso para a narrativa: “Pedro ainda falava quando...” A perícopes está bem delimitada por estas marcas de estilo literário: no começo, do narrativo para o discursivo; no final, do discursivo para o narrativo.

Além disso, Dupont<sup>36</sup> observa que há uma simetria entre os versículos iniciais (10,34-35) e o versículo final (10,43) nos quais vem afirmada a universalidade da salvação. Nos versículos iniciais esta universalidade salvífica está condicionada ao temor de Deus e à prática da justiça; no versículo final, está atrelada à fé em Jesus.

### 2.3.2 Tradução de trabalho

- 34 Então, Pedro,  
abrindo a boca, disse:  
*Em verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas.*
- 35 *Ao contrário, em todas as nações,*  
*aquele que o teme e pratica [a] justiça é aceitável para ele,*
- 36 *que enviou a Palavra aos filhos de Israel,*  
*anunciando uma boa notícia de paz por meio de Jesus Cristo,*  
*este [que] é Senhor de todos.*
- 37 *Vós conheceis a palavra divulgada por toda a Judéia,*

---

<sup>34</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 56.

<sup>35</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 56.

<sup>36</sup> Cf. DUPONT, Estudos, p. 82.

- tendo começado pela Galiléia depois do batismo que João pregou.
- 38 Como, Jesus de Nazaré, Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder,  
o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos pelo diabo,  
pois Deus era com ele.
- 39 E [nós] somos testemunhas de tudo que [ele] fez na região dos judeus e também em Jerusalém,  
e ao qual mataram, tendo sido pendurado num madeiro.
- 40 A este, Deus ressuscitou ao[no] terceiro dia  
e o fez aparecer visível.
- 41 não a todo o povo,  
mas às testemunhas escolhidas antecipadamente por Deus,  
a nós que comemos e bebemos com ele depois de o ressuscitar dos mortos
- 42 E nos mandou pregar ao povo  
e testemunhar que ele é o único que foi constituído por Deus juiz de vivos e mortos.
- 43 Deste, todos os profetas testemunham,  
que todos os que crêem nele,  
por meio do seu nome,  
recebem o perdão dos pecados.
- 44 Pedro ainda falava...

### 2.3.3 Crítica textual

No *The Greek New Testament*<sup>37</sup>, há algumas indicações de variantes textuais:

**V. 36:** há presença ou ausência de um pronome relativo que pode ser omitido na língua grega

**V. 37:** há um advérbio de reforço em alguns papíros.

**V. 40:** há uma variante na preposição, passando de “foi ressuscitado *no* 3º dia” para “foi ressuscitado *ao* 3º dia”.

Essas alterações se mostram não significativas; não mudam o sentido do texto.

### 2.3.4 Lugar composicional de At 10,34-43

A perícope de Pedro na casa de Cornélio tem duplo objetivo<sup>38</sup>: descrever a evangelização dos primeiros pagãos, na dinâmica da difusão universal da Palavra, por meio do testemunho de Pedro, e demonstrar que os obstáculos que estavam no caminho da missão dos gentios e de sua integração plena na Igreja foram eliminados; logo, nada mais impede o sadio convívio entre os cristãos de origem judaica e os de origem gentílica.

Por causa deste duplo objetivo, o discurso de Pedro na casa de Cornélio aparece no conjunto da perícope como o foco das atenções. Não é à toa que ele é a parte mais estudada do texto. É por meio dele que Lucas pretende convencer o leitor. Por isso, já começa

<sup>37</sup> Cf. ALAND, Barbara *et al.* *The Greek New Testament*. 4. ed. revis. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; USA: United Bible Societies, 1993.

<sup>38</sup> Cf. FABRIS, Os Atos, p. 207.

nos versículos 34-35 afirmando que Deus não faz acepção de pessoas, ao contrário, a salvação que ele oferece é para todos, qualquer que seja a nação a que pertençam.

É bom observar a posição do discurso no todo da perícope.

### **a) Visão de Cornélio em Cesaréia: At 10,1-8**

Logo de começo, um fato surpreende o leitor. Deus aparece primeiro a Cornélio, só depois a Pedro. Cornélio – um pagão – é o personagem principal da cena, “o primeiro destinatário da revelação divina”<sup>39</sup>.

Alguns códigos importantes são apresentados sobre ele: Quem era esse homem? Onde vivia? Quais suas relações sociais, políticas, etc? Quais os seus laços com o judaísmo? Como era sua relação e de sua casa com Deus?

É uma característica lucana introduzir seus personagens, dando algumas informações importantes sobre eles. Isto está presente no seu Evangelho e continua em Atos (cf. Lc 19,2; At 13,6; 19,24; 27,1 – ocupação; At 9,33 – estado físico; At 16,1; 18,2 – origem, localização: Lc 2,25; At 18,7 – piedade). Apesar de esta ser uma característica de Lucas, nenhum dos personagens citados acima é descrito com a riqueza dos elementos presentes na apresentação de Cornélio, conforme segue abaixo:

- Cesaréia: este é o lugar onde ele reside. É a segunda cidade mais importante da Palestina para Lucas (aparece 15 vezes nos Atos); considerada “cidade dos gentios”, logo, um ambiente “geograficamente” e etnicamente estranho ao judaísmo.
- Cornélio: este é seu nome. Dois outros centuriões foram lembrados no Evangelho de Lucas, mas seus nomes não são referidos (cf. Lc 7, 1-10; 23,47). Em Atos, Lucas se lembrou do “tribuno” Cláudio Lísias (cf. At 23,26; 24,22). Nomear é tirar do anonimato, criar familiaridade, tornar próximo.
- Piedade de Cornélio: ele é religioso e temente a Deus. Ao contrário da impiedade dos pagãos, Cornélio é reto diante de Deus e dos homens, contradizendo a primeira idéia que se tinha dos gentios.

---

<sup>39</sup> FABRIS, Os Atos, p. 208.

- Sua casa: mulher, filhos, escravos, livres. Sua fé é difusiva: estende-se a todos os da sua casa, que também seguem sua devoção e piedade. A comunidade doméstica de Cornélio mostra que o que se dá com ele não é história de um homem só, mas de um grupo.
- Características religiosas: piedoso, temente a Deus, dava esmolas, fazia orações. Cornélio é apresentado de forma positiva, com palavras elogiosas, ressaltando sua fisionomia espiritual, por meio de quatro características morais e religiosas. “Era um gentio que simpatizava com a religião judaica, mas que não aceita a circuncisão e a conseqüente obrigação da lei”<sup>40</sup>. Temia a Deus, fazia orações, dava esmolas, etc. Segundo Fabris, ele

aprecia o monoteísmo hebraico e os seus ideais éticos, e observa algumas prescrições religiosas, sobretudo no que tange à oração e ao culto. Duas qualidades distinguem esse pagão: a sua religiosidade e a sua generosidade em ajudar a população judaica<sup>41</sup>.

Deus escolhe Cornélio para indicar-lhe o caminho da salvação e, por isso, quando este orava, o anjo do Senhor lhe aparece. Lucas segue o esquema de aparições<sup>42</sup>: entrada do mensageiro de Deus, saudação-convite-resposta-mensagem, desaparecimento da visão. É importante notar que, antes mesmo que Pedro se meta em casa de incircuncisos, o anjo de Deus já se pôs no meio deles, quando veio até Cornélio. Isso já indica que para Deus não existe esta separação entre judeus e pagãos. O anjo de Deus entra em contato com um pagão, contrariando o costume separatista. Deus viola a lei judaica.

No diálogo do anjo com Cornélio, este é chamado pelo nome próprio, assim como Saulo (cf. At 9,4) e o judeu-cristão Ananias (cf. At 9,10). Deus conhece Cornélio. O centurião reage com surpresa, afinal é inaudito que o anjo do Senhor venha até um pagão, mas, em 10,4, ele reconhece logo que é o Senhor (*kúri e*).

O ponto central é a mensagem ou ordem divina. Cornélio deve enviar mensageiros para trazer Pedro à sua casa, ainda que nenhuma explicação lhe tenha sido dada sobre o objetivo desta visita. Mesmo ignorando esse detalhe fundamental, Cornélio obedece prontamente a Deus e envia mensageiros atrás de Pedro.

Já na primeira cena, fica eliminada a imagem negativa que os judeus tinham dos pagãos. Nem todos os incircuncisos são idólatras e perversos. Lucas quer equiparar circuncisos e incircuncisos.

---

<sup>40</sup> RICHARD, O movimento, p. 96.

<sup>41</sup> FABRIS, Os Atos, p. 209.

<sup>42</sup> Cf. FABRIS, Os Atos, p. 209.

## b) Visão de Pedro em Jope: At 10,9-16

Uma nova intervenção divina se dá. Agora, o destinatário da mensagem de Deus é Pedro, que está em Jope, mais ou menos a cinquenta quilômetros de Cesaréia. Lucas amarra uma cena à outra com traços cronológicos e espaciais: *no dia seguinte... enquanto se aproximavam da cidade*. A hora, o lugar da visão, o motivo de subir ao terraço (oração) fazem a ambientação da visão (que, num primeiro momento, é chamada de êxtase). Pedro também estava rezando, por volta do meio-dia, quando Deus se manifesta. Não fora um sonho. Era dia pleno: hora da clareza total.

Pedro sobe ao terraço para rezar<sup>43</sup> e tem fome. O texto realça que ele quis comer e, enquanto preparavam o alimento, teve um êxtase. Tudo ajuda a criar a cena, no intuito de mostrar que a ordem que Pedro recebe de matar e comer era bem oportuna.

Pedro vê o céu aberto e a toalha com animais puros e impuros. Este é o pano de fundo da mensagem de Deus. O céu aberto indica revelação divina (cf. Lc 3,21 – batismo de Jesus; At 7,56 – martírio de Estevão). Vale lembrar que a visão de Pedro tem muitos elementos em comum com o batismo de Jesus: a oração, o céu aberto, um elemento visível, a voz. Cada um destes eventos indica o início de uma nova atividade. No batismo, tem início a vida pública de Jesus: Deus anuncia que Jesus é seu filho amado, em quem põe todo seu agrado. Na visão de Pedro, tem início a missão universal: Deus declara a superação da lei puro-impuro, que impedia a missão aos pagãos.

Quanto aos animais da toalha, a lista lembra a tradição legal. Assemelha-se a Gn 1,24 (sexto dia da criação: quadrúpedes, répteis, feras), complementado por Gn 1,20-22 (segundo dia da criação: aves)<sup>44</sup>. Lembra também a tradição narrativa da arca de Noé que abrigou animais puros e impuros (cf. Gn 6–9). O relato da arca, porém, não traz listas, o que faz pensar um conhecimento prévio de Lv 11 e Dt 14. Esta semelhança com a narrativa da arca apresenta dados interessantes: a *toalha* (que é um *hapax* do NT) era também a vela dos navios; a ordem dada a Pedro lembra a frase dita a Noé sobre seus alimentos em Gn 9,3; e, além disso, a aliança universal de Deus com Noé, abrigado na arca, faz pensar a humanidade nova (judeus e pagãos), abrigada na toalha da Igreja nascente.

---

<sup>43</sup> Como era costume entre os judeus. Cf. 2Rs 23,12; Jr 19,13; Sf 1,5.

<sup>44</sup> Esta semelhança poderia ser uma forma lucana de apelar para algo que supera a lei mosaica: a criação que é bem anterior a ela. É preciso voltar ao começo para evocar a novidade e a credibilidade do fato. Essa prática não é estranha à Escritura. Os evangelistas Mateus e Marcos já tinham usado esse argumento quando trataram da questão do divórcio. Cf. Mt 19,3-9; Mc 10,2-12.

À ordem divina, Pedro reage bem diferente de Cornélio. Não obedece; ao contrário, protesta veementemente. “Pedro recusa-se a comer tais alimentos, como se não conhecesse a tradição de Jesus conservada em Mc 7,17-23, que declara puros todos os alimentos. Pedro reage como um judeu de estrita observância”<sup>45</sup>. A docilidade de Cornélio fica realçada diante da obstinação de Pedro. Não é Cornélio quem deve se converter, mas Pedro, que tem dificuldades para obedecer ao Senhor.

O protesto de Pedro faz pensar um conhecimento prévio das leis mosaicas descritas em Lv 11 e Dt 14. Todo judeu conhecia essas prescrições e abominava a idéia de se tornar impuro. Gesto louvável e conhecido por todos era o de Eleazar e dos sete irmãos Macabeus, que preferiram morrer a desobedecer a lei mosaica (cf. 2Mc 6,18–7,42). Além do problema da impureza, outra questão se impõe: para comer a carne, Pedro devia matar os animais como mandava o ritual judaico. Porém, em caso de fome, uma exceção era prevista (cf. Dt 12,15-27). Lucas parece ter em mente este texto, o que coloca seu relato em comunhão com a tradição religiosa e com o costume do povo.

À reação de recusa de Pedro – que lembra o protesto de Ezequiel (cf. Ez 4,14) –, a voz lembra que ele não deve chamar de impuro o que Deus já purificou. Deus é a última instância; ele é o argumento mais forte. Objetivamente, não há puro e impuro; subjetivamente, Pedro ainda faz um juízo. Pedro é convidado a sintonizar a lei judaica à nova situação que se apresenta. O que é proposto a Pedro na visão serve de parábola para convidá-lo a superar algo ainda mais decisivo. O tabu alimentar é sinal do tabu social e cultural que impede o judeu de entrar em contato com os pagãos.

### **c) Encontro de Pedro com os enviados de Cornélio: At 10,17-23a**

A chegada da delegação de Cornélio parece se dar enquanto Pedro ainda está matutando o significado da visão que acabara de ter. Com detalhes como este, Lucas mostra a sincronia dos fatos, que tem Deus como único mentor<sup>46</sup>. Mas, se para Cornélio a visão é clara, apesar de a manifestação ser à noite, para Pedro a visão é obscura, mesmo sua manifestação tendo sido em pleno dia. Pedro fica embaraçado, desconcertado diante de ordem tão inusitada, e se põe a perguntar o que significava o acontecido.

Os mensageiros de Cornélio já chegaram e estão à porta. Não ousam ultrapassá-la.

---

<sup>45</sup> RICHARD, O movimento, p. 97.

<sup>46</sup> Cf. FABRIS, Os Atos, p. 211.

Não são dignos de entrar na morada de um judeu. Mas um novo agente entra em cena para eliminar os temores de Pedro e anular o abismo que separava mentalidades tão distintas. O Espírito – que é mencionado sete vezes na perícopa – tem sua primeira atuação: tirar o temor de Pedro para que vá com os representantes de Cornélio<sup>47</sup>. Pedro ainda não sabe o que vai fazer lá. Por ação do Espírito, ele só obedece. Mais tarde lhe será dito qual a finalidade de sua viagem a Cesaréia.

No resumo feito pelos enviados de Cornélio, Lucas realça mais uma vez as virtudes do centurião, afinal Pedro deve ser persuadido a ir com eles. Só agora é revelado o que ele vai fazer: irá à casa de Cornélio para anunciar a Palavra de Deus aos pagãos. Este elemento novo que aparece na ordem do anjo, já sinaliza que Lucas quer chamar a atenção sobre o discurso de Pedro<sup>48</sup>. A compreensão desta missão, porém, é gradativa. Lucas não desvela tudo de uma vez. Cada coisa a seu tempo. Pedro já sabe o suficiente. Mais à frente saberá que os gentios devem ser batizados e acolhidos na comunidade cristã.

Como sinal de acolhida da ordem divina, Pedro hospeda os enviados pagãos na casa onde estava.

É natural, pois, que ante a ordem do Espírito Santo, Pedro não somente receba os mensageiros, mas também que se atreva a hospedá-los na mesma casa (v. 23), não obstante tratasse de incircuncisos, com os quais não era lícito a nenhum judeu estabelecer convivência<sup>49</sup>.

É a primeira aproximação entre judeus e pagãos. Pedro toma a iniciativa de hospedar incircuncisos. Inicia-se uma conversão social. Abrem-se as portas para a comensalidade entre judeus e pagãos, que será efetivada na casa de Cornélio. A ordem do Espírito para que Pedro fosse com eles sem hesitar parece tê-lo convencido também a acolher seus visitantes. O medo desapareceu. A superação de um temor levou à superação de outros. Daqui pra frente, Pedro se mostra resoluto e convencido de suas atitudes.

#### **d) Encontro de Pedro com Cornélio: At 10,23b-33**

O encontro dos dois personagens principais é a cena-chave da perícopa. Entrecruzam-se dois caminhos distintos por iniciativa de Deus, que elimina distâncias espirituais, sociais e geográficas. Nada é dito sobre a viagem. Percorrer o caminho juntos

---

<sup>47</sup> Cf. FABRIS, Os Atos, p. 211.

<sup>48</sup> Cf. RICHARD, O movimento, p. 97.

<sup>49</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 96.

durante todo um dia é mais que percorrer espaços geográficos entre Jope e Cesaréia: é eliminar distâncias interpessoais entre judeus e gentios.

Pedro não vai sozinho. Leva uma delegação judeu-cristã que servirá de testemunha dos acontecimentos, “em previsão das censuras que seu modo de proceder poderia provocar, como de fato sucederá (cf. 11,1-3)”<sup>50</sup>. Pedro e os seus caminham juntos com a delegação de Cornélio. Está prefigurada a comunidade mista, composta por cristãos de origem judaica e gentílica, que de ora em diante será uma constante na vida da Igreja nascente.

Cornélio não estava só à espera de Pedro. Com ele, sua família, parentes e amigos mais próximos – Lucas prefere a dimensão pessoal das relações mais íntimas que a dimensão espacial de vizinhança – estavam na expectativa da chegada daquele que lhes anunciaria a Palavra do Senhor (10,33 – *kur i , ou*).

Cornélio corre ao encontro de Pedro. Lucas demonstra ter pressa de aproximar os dois grupos. Cornélio se prostra<sup>51</sup> diante de Pedro, revelando admiração e encantamento, pois vê nele mais que um homem: um mensageiro de Deus, um enviado para trazer a Palavra tão esperada.

Pedro não quer saber de prostração a seus pés. Sabe que é um ser falível como os outros. Mostra que já sabe que o fato de ser judeu não lhe garante proximidade maior de Deus. E vai entrando pela casa de um gentio. Agora tem motivos para fazê-lo. Encontrou aqueles a quem deve anunciar a boa-nova. Parece já familiarizado com o público. Vai logo conversando com Cornélio e dirigindo a palavra ao público pagão.

Pedro começa logo se justificando. Percebe-se a passagem do que ele viu para o que ele concluiu. Mesmo sabendo que a um judeu é proibido relacionar-se com um estrangeiro, ele obedeceu, pois compreendeu que foi Deus (10,28 – *ὁ θεο . j*) quem lhe mostrou por meio da imagem dos animais que a separação de povo puro e impuro estava superada. A iniciativa da superação é de Deus. Ele eliminou as barreiras; só resta obedecer ao Senhor. A partir desse momento, não é possível mais distinguir entre as pessoas presentes: todos são apenas ouvintes da Palavra. Colocando na boca de Pedro tal declaração, Lucas faz ver à comunidade judeu-cristã que “o que era antigo passou, agora tudo é novo” (2Cor 5,17).

---

<sup>50</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 97.

<sup>51</sup> O gesto de Cornélio, devido à sua piedade e ao seu temor a Deus, não parece indicar uma atitude idólatra, mas consonância com um costume hebreu, um sinal de veneração e respeito. Cf. Gn 33,3; Est 3,2.

### **e) Discurso de Pedro em Cesaréia: At 10,34-43**

O discurso é introduzido mostrando a importância daquele momento. Pedro abre a boca e anuncia. Faz, finalmente, o que foi fazer: anunciar a Palavra de Deus àqueles que a esperam sedentos.

O começo da pregação de Pedro já diz o tema central da pregação. Pedro reconhece que não há mais separação entre judeus e pagãos, pois Deus mesmo eliminou essa distinção. Deus não faz acepção de pessoas como Pedro pensava antes. Mas essa declaração de que todos são aceitáveis para Deus ainda não significa que todos são salvos. A salvação vem por meio de Jesus Cristo, a quem Cornélio e sua família vão abraçar, depois de acolher o querigma que Pedro lhes anuncia. À afirmação da imparcialidade universal de Deus<sup>52</sup>, segue-se necessariamente a oferta universal da salvação em Jesus Cristo.

Pedro compreendeu não só que Deus é imparcial, mas que ele anunciou sua imparcialidade por meio da boa-nova da paz que Jesus veio trazer para todos. Essa paz entre os homens e Deus, e entre um povo e outro, foi selada na morte e ressurreição de Jesus, que é Senhor de todos. Fica aberto o caminho para o querigma<sup>53</sup>, um mini-evangelho que está dividido em quatro partes: batismo na Judéia, ministério na Galiléia, subida a Jerusalém, mistério pascal.

Pedro cativa seu público envolvendo-o na pregação: “vocês sabem...”. Esta não é uma novidade lucana. Em outras ocasiões, o evangelista também usa este recurso de envolver os ouvintes (cf. At 2,22; 26,26; Lc 24,18). Certamente os gentios tinham contato com os judeus e a notícia sobre a vida, morte e – quem sabe! – até a ressurreição era já conhecida por eles. Pedro parte do pressuposto de que seu público já ouviu falar de Jesus, de que ele não é de todo um desconhecido dos gentios. Eles já conhecem a Palavra, pois ela se difundiu na região, mas, provavelmente, ainda não a aceitaram como Palavra que Deus pronunciou desde o princípio. É preciso, no entanto, deixar claro que esta Palavra é Jesus, o ungido de Deus.

---

<sup>52</sup> A compreensão de Pedro acerca da imparcialidade de Deus se dá graças à misteriosa visão da toalha com os animais, em Jope (10,11-16), aclarada pelo relato do acontecido a Cornélio (10,20-23). Isso não quer dizer que antes Pedro estivesse convicto de que Deus faz acepção de pessoas, afinal, como bom judeu, ele era conhecedor de Dt 10,17: “O Senhor vosso Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, forte e terrível, que não faz acepção de pessoas nem aceita suborno”. Acontece, porém, que, como todos os judeus, Pedro participava da crença de que Deus, Senhor de todos os senhores, preferia a nação judia a todas as outras, pois assim ele havia determinado por meio de uma aliança com este povo (cf. Gn 17,7; Ex 19,4-6; Eclo 36,14).

<sup>53</sup> O termo querigma, que quer dizer anúncio, diz respeito à experiência primeira que as comunidades cristãs fizeram do evento Jesus Cristo, reconhecendo sua presença viva e atuante no meio dos crentes.

Prova disto é que Deus esteve com ele durante toda sua vida pública e, depois de sua morte, tomou seu partido, ressuscitando-o dentre os mortos e exaltando-o como juiz universal. Logo, toda a vida de Jesus é obra de Deus. Jesus de Nazaré foi ungido pelo Espírito Santo, por isso ele andou fazendo o bem e curando a todos. Funda-se uma nova economia da salvação – totalmente cristocêntrica –, cuja exigência agora é aceitar o senhorio de Jesus. Cornélio e os seus são chamados a crer no Deus de Jesus Cristo, não só no Deus monoteísta dos judeus. O Deus dos judeus que Cornélio já temia e adorava se apresenta com nova face: Jesus Cristo, o Nazareno ungido por Deus, a Palavra dantes desconhecida. Nota-se aqui uma passagem fundamental da fé monoteísta de Cornélio para a novidade cristã, que é Jesus Cristo. Afinal, é ele quem elimina o obstáculo entre judeus e gentios. “Ele fez de dois povos um só” (Ef 2,14). Assim, “não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

Pedro passa da narrativa da vida de Jesus para a proclamação de seu senhorio, como juiz de vivos e mortos, e para a afirmação de que, por meio da fé, é que se recebe o perdão dos pecados (cf. 10,42-43). Explicitamente está ausente o apelo à conversão, mas o contexto leva a crer que a afirmação tem esse tom de convite, já que a fé e a conversão andam juntas na Escritura, especialmente em Atos (cf. 2,37-41). Os discursos são anúncio do perdão. Terminam sempre com o apelo à conversão e a oferta do dom do Espírito Santo. Não obstante Cornélio e os demais ouvintes serem tementes a Deus, piedosos, e praticarem a justiça, a conversão continua sendo uma necessidade para todos. Mas a ausência explícita do apelo pode significar que este passo já foi dado. Resta agora aderir a Jesus por meio da acolhida do seu Espírito. É o próximo passo.

#### **f) Descida do Espírito Santo e batismo dos pagãos: At 10,44-48**

*Presença atualizadora do evento Jesus Cristo,  
o Espírito Santo é quem, por excelência, evangeliza  
(Antônio Alves Melo).*

Nem bem Pedro terminara de falar aquelas palavras, o Espírito, causando espanto geral nos judeus-cristãos que acompanhavam Pedro, desceu sobre todos os que acolheram a Palavra anunciada.

Alguns estudiosos vão entender essa descida do Espírito como uma interrupção do

discurso petrino<sup>54</sup>. Ao analisar o discurso, esta idéia, no entanto, não prevalece, uma vez que – como já foi visto – Lucas dá começo e fim à mensagem que queria por na boca de Pedro. Uma coisa, porém, é certa: “Foi perdendo a palavra de verdade que Pedro encontra a verdade da palavra”<sup>55</sup>. Ao perceber a descida do Espírito sobre os pagãos, Pedro, de fato, compreende a verdade da mensagem que ele próprio acabara de anunciar: “Deus não apresenta parcialidade”. A vida de Jesus entregue por todos é prova disto.

A presença do Espírito, derramado em Cornélio e nos seus, é um argumento irrefutável. Todo o grupo de Cornélio foi impregnado pelo Espírito. O grupo que acompanhava Pedro percebe a profundidade deste acontecimento. A primeira reação é de espanto, susto. Aos pagãos, sem necessidade de passar antes por Moisés, é concedido o dom de Deus: eles falam linhas estranhas – como os discípulos no dia de Pentecostes (cf. 10,44; 11,15) – e glorificam a Deus.

Pedro não sabe mais o que fazer a não ser admitir que o Espírito é superior a ele e às normas que ele segue. “Não há dúvidas de que esta nova intervenção do Espírito foi também para Pedro um claro sinal de qual era a vontade divina, obrigando-o mais e mais a dar o grande passo em relação aos gentios”<sup>56</sup>. Pedro não está disposto a ser atrevido. Ao contrário, prefere a submissão da fé. Então manda batizar os que já haviam sido plenificados pelo Espírito, como sinal da pertença destes à comunidade cristã. “Cornélio não é praticamente mais que um objeto que Deus toma para convencer Pedro da idéia fundamental... o convertido não é Cornélio, mas Pedro”<sup>57</sup>.

A partir dessa mudança, Pedro é convidado a se hospedar com os pagãos. Agora, todos são irmãos, batizados em Cristo Jesus, selados por seu Espírito. Não há mais nada que os separa. Nada é mais forte que o laço fraterno que o próprio Deus criou entre eles. Com a ação decisiva de Deus na história, Lucas atinge seu objetivo: a introdução oficial dos pagãos na Igreja, eliminando todo obstáculo que separava judeus e gentios.

---

<sup>54</sup> Fabris diz: “O relato de Lucas leva a entender que a irrupção do Espírito sobre os pagãos que escutam a Palavra acontece de modo inesperado, truncando até o discurso de Pedro” (FABRIS, *Os Atos*, p. 215). Saout afirma: “O discurso de Pedro foi interrompido pela ação de Deus” (SAOUT, Y. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 247). Storniolo escreve: “Pedro é interrompido. Novamente a iniciativa de Deus: o Espírito desce sobre os que ouvem a Palavra” (STORNILOLO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do evangelho*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 101).

<sup>55</sup> MARIN, L. *Apud*. SAOUT, *Atos dos Apóstolos*, p. 247.

<sup>56</sup> TURRADO, *Bíblia comentada*, p. 101.

<sup>57</sup> DIAS MATEOS, M. Lucas: evangelizar la Iglesia. In \_\_\_\_\_. *Tudo lo hago nuevo: aportes bíblicos a la evangelización*. Lima: CEP, 1992. p. 162.

### **g) Encontro e discurso de Pedro em Jerusalém: At 11,1-18**

Mais um encontro no episódio de Cornélio. Já é o terceiro que Lucas narra. Este, porém, tem um teor diferente. Quer mostrar que o conflito entre judeus e pagãos achou uma solução definitiva em Jerusalém.

Os problemas e as interrogações surgidas nas cenas precedentes são resumidos e resolvidos de forma oficial. Isso só poderia acontecer em Jerusalém, na Igreja central, de onde partiu a missão de Pedro, onde residem os apóstolos, isto é, os representantes autorizados e o núcleo histórico originário da comunidade cristã<sup>58</sup>.

O capítulo 11 começa dando pistas de que, depois do evento na casa de Cornélio, a Palavra de Deus (11,1) se difunde entre os pagãos. Mas a notícia chega a Jerusalém e, quando Pedro vai até lá, os cristãos de origem judaica se põem a questioná-lo a respeito do evento acontecido na casa de Cornélio, especialmente acerca de sua entrada na casa dos pagãos e do fato de Pedro ter comido com eles (cf. Lc 15, 2). É natural essa reação da comunidade cristã de Jerusalém (v. 1-3). O que fora realizado por Pedro era algo totalmente diferente da prática evangélica assumida até então. Explicitamente, o que se reprova é a entrada na casa de incircuncisos e o fato de comer com eles. Mas, nesta objeção colocada pelos irmãos de Jerusalém, está implícita a evangelização dos pagãos e seu batismo<sup>59</sup>. Afinal, a entrada de Pedro na casa de Cornélio não teve outro fim a não ser o de anunciar para aqueles que o aguardavam a boa-nova que Deus lhe ordenara. E, como conseqüência desse anúncio, só se podia esperar a conversão, a fé e o batismo, que é o sinal da adesão a Cristo.

Pedro começa sua defesa com a recordação de sua visão dos animais puros e impuros, e não com a visão de Cornélio. Logo no início introduz o tema da pureza legal no intento de quebrar as barreiras que se impõem sobre o tema no judaísmo. A visão é recordada com detalhes. Nada pode ficar esquecido. Tudo deve ser dito minuciosamente para que seus opositores percebam que esta foi uma iniciativa de Deus e que ele fora mero instrumento do Espírito neste processo da acolhida dos pagãos. Afinal, “Pedro havia sido guiado a cada passo por Deus, e não ter batizado Cornélio e os seus teria sido desobedecer a Deus”<sup>60</sup>. Era preciso deixar isso bem claro para seus ouvintes. Uma vez narrado o episódio, Pedro evoca o testemunho dos seus companheiros de viagem. Ele tem álibis a seu favor. Não estava sozinho

---

<sup>58</sup> FABRIS, Os Atos, p. 216.

<sup>59</sup> É bom lembrar que nem todo exegeta concorda com esta afirmação. Cf. LUKASZ, Evangelizzazione, p. 186, nota 44.

<sup>60</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 103.

nesta aventura de acreditar na ordem do Espírito que o impulsionava a acolher os pagãos.

Só depois de expor todo o acontecido em Jope e do seu encontro com o centurião, ele se reporta à visão de Cornélio que também recebera um enviado divino – um anjo.

Narradas as visões, Pedro parte para o acontecimento apoteótico que se deu em Cesaréia: a descida do Espírito sobre os pagãos, logo após eles terem acolhido o querigma. E de novo a pergunta retórica acerca da oposição possível à ação de Deus. Lucas quer reafirmar que, uma vez que Deus decidiu acolher os pagãos e dar-lhes o dom do Espírito, nada mais resta a fazer a não ser aceitar a decisão divina.

Ao ouvirem a argumentação de Pedro, os irmãos se aquietam: sossegam seus corações, apaziguam seus temores, deixam Deus conduzir a história. E são até capazes de se alegrar porque “Deus concedeu também aos pagãos a conversão que leva à vida” (11,18). Cornélio e os seus são “primícias” dos gentios (cf. Rm 16,5; 1Cor 16,15). Estão definitivamente abertas as portas da Igreja para os pagãos. Está justificada a prática paulina de evangelizar e acolher os pagãos, formando com eles uma comunidade fraterna, sem distinções baseadas numa antiga lei, que, por obra de Deus, já foi superada.

### **2.3.5 Estrutura interna**

Uma coisa não parece improvável: que o episódio na casa de Cornélio tenha sido amarrado, cena por cena, para desembocar no acontecimento do derramamento do Espírito sobre os pagãos, especialmente no discurso querigmático de Pedro. Este parece ser o ponto máximo do texto e sobre ele se voltam os olhos atentos dos leitores. Até numericamente, essa centralidade parece estar presente: dos 66 versículos da perícopé, 33 – exatamente a metade! – preparam para o discurso de Pedro. Gourges<sup>61</sup> divide a perícopé em um esquema que privilegia esta compreensão. É bom conferir.

1. A preparação do acontecimento: At 10,1-33
  - a. Visão de Cornélio
  - b. Visão de Pedro
  - c. Cumprimento da visão de Pedro.
2. O acontecimento: At 10,34-48
  - a. Discurso de Pedro

---

<sup>61</sup> Cf. GOURGUES, M. *Atos 1-12: missão e comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 40.

- b. Dom do Espírito Santo
3. A justificação do acontecimento: At 11,1-8
- a. Repetição da visão de Pedro
  - b. Repetição da visão de Cornélio
  - c. Repetição do acontecimento

O discurso de Pedro, como já foi dito, é uma cuidadosa construção lucana. Vários fatores levam a pensar que o objetivo do texto é mostrar a centralidade de Jesus – Palavra de Deus que elimina toda divisão e faz superar os obstáculos sócio-culturais. Por meio do discurso de Pedro, Lucas propõe uma nova vida em Cristo, tanto para judeus quanto para pagãos.

Esse discurso pertence a uma longa série de prédicas lucanas. Há diversos elementos comuns entre elas. E, apesar de algum exegeta renomado<sup>62</sup> já ter defendido a idéia de que este discurso é um corpo estranho no conjunto da obra lucana, prevalece a postura da coerência literária e teológica com a obra de Lucas. A estrutura e a trama interna têm semelhanças com os demais discursos, seguindo sempre o mesmo esquema:

- Introdução: estabelece o contato com os ouvintes.
- Anúncio ou querigma: sintetiza a mensagem anunciada em Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição.
- Conclusão: convida à fé para que se abrace o perdão dos pecados, a salvação que Deus oferece.

O discurso dá a impressão de ser uma coleção de fórmulas e “chavões”, unidos por ganchos sintáticos da teologia lucana. Lucas usa fórmulas de fé, conteúdos catequéticos e expressões litúrgicas formando uma síntese da vida de Jesus tal como aparece nos sinóticos.

### **2.3.6 Temas principais**

De um exame preliminar, saltam aos olhos alguns temas relevantes que terminam desembocando no mais importante e central deles: Jesus Cristo<sup>63</sup>.

#### **a) Deus não apresenta parcialidade**

Desde o começo, ênfase especial é dada a esse tema. Ao descrever o transe de Pedro, Lucas afirma que ele ouviu uma voz – identificada imediatamente em At 10,14 como

---

<sup>62</sup> É o caso, por exemplo, de Dibelius que sustenta a estranheza do discurso no contexto da obra lucana.

<sup>63</sup> LAMBRECHT, J. Jesus Christ is the lord of all. Acts 10,34-43. In: \_\_\_\_\_. *Understanding what one reads – New Testament Essays*. Leuven: Peeters, 2003. p. 133-137.

voz de Deus (ku,rie) – que lhe dá uma ordem de matar e comer os animais que ele vê em êxtase. Imediatamente, Pedro responde mostrando que ele reconhece a imparcialidade de Deus, pois, em qualquer nação, qualquer um que o teme e faz o que é reto é aceitável para ele (10,34-35). Mais à frente, no versículo 36, Jesus é dito como Senhor de todos e, no versículo 42b, Pedro declara que ele foi nomeado por Deus como juiz de vivos e mortos. A universalidade da salvação é mais uma vez enfocada no versículo 43b, na afirmação contundente de que todo aquele que crê em Jesus recebe o perdão dos pecados por meio de seu nome. No versículo 45, nova alusão à imparcialidade de Deus: ele derramou o dom do Espírito Santo também sobre os gentios.

## **b) As Escrituras se cumpriram**

Não é preciso muito esforço para perceber que a linguagem do discurso tem sua fundamentação em Isaías 61,1. Além do conteúdo em comum, algumas palavras se repetem: enviar, evangelizar, ungir, curar, espírito. Além disso, é clara a afirmação de Pedro: “Todos os profetas testemunham” sobre Jesus Cristo. Por meio dele, Deus oferece o perdão a todo aquele que nele crê. Em Jesus, as Escrituras se cumprem. Jesus, anunciado pelos profetas (cf. Is 49,6; Zc 9,9), é o messias de Israel e aquele que há de julgar vivos e mortos.

## **c) Deus tem a total iniciativa**

Em todo o texto, salta aos olhos a iniciativa de Deus, especialmente nas duas teofanias iniciais. Na visão de Pedro, essa iniciativa divina é ressaltada no versículo 20, com o perfeito do verbo enviar (avpe,stalka), que não deixa dúvida alguma quanto à definitividade da decisão. Deus mesmo enviou aqueles homens a Jope para levar Pedro até Cesaréia. No v. 33, o perfeito volta dando de novo o mesmo sentido. Desta vez, com o verbo ordenar (prostetagme,na). Pedro deve proclamar a todos que o aguardavam na casa de Cornélio tudo aquilo que o Senhor ordenou que ele dissesse. Não há dúvidas de que se trata de uma ordem de Deus. Algo definitivamente decidido e que não tem volta. Resta a Pedro obedecer ao Senhor, que vai à sua frente tomando a iniciativa.

No discurso, isso também fica claro. Deus toma a iniciativa sempre: ele enviou a mensagem ao povo de Israel, ele ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, ele esteve sempre com Jesus, ele ressuscitou Jesus ao terceiro dia, ele permitiu que Jesus aparecesse aos apóstolos, e – quem sabe! – foi ele quem ordenou aos apóstolos que pregassem ao povo e dessem testemunho de Jesus Cristo.

No evento da descida do Espírito, um novo perfeito vem realçar a iniciativa divina. No versículo 45, os fiéis circuncidados ficam admirados, pois Deus derramou o Espírito sobre os gentios. Um belo indicativo perfeito passivo do verbo derramar (*èkke, cutai*) mostra que a descida do Espírito Santo é iniciativa de Deus e não esforço dos pagãos ou merecimento deles por sua piedade. Algo que não tem mais volta foi realizado. Pedro não tem como discutir com Deus. Não tem como voltar ao passado. Afinal, “agindo Deus, quem impedirá?” (Is 43,10). Iniciado o processo da parte do Senhor, ele realizará tudo que pertence ao roteiro de acolhida dos pagãos. Os pagãos já foram ungidos, escolhidos. Agora, é só aderir ao projeto divino.

Por meio desses três *perfeitos*, é possível traçar uma linha definitiva de ação divina:

Deus	Enviou - <i>avpe, stalka</i> (v. 20)	a delegação de Cornélio	até Pedro
Deus	Ordenou - <i>prostetagme, na</i> (v. 33)	a Pedro	anunciar a Palavra para Cornélio e os seus
Deus	Derramou - <i>èkke, cutai</i> (v. 45)	o Espírito	sobre os pagãos

Deus age no tempo presente: nos pagãos, em Pedro, na Igreja que acolhe seu Espírito. Sim, Deus transcende o tempo. No passado, inspirou Isaías e os profetas, escolhendo antecipadamente os apóstolos para serem testemunhas. No presente, continua agindo na Igreja. E, para o futuro, designou Cristo como juiz de vivos e mortos no final dos tempos. Passado, presente e futuro são colocados no mesmo nível sob a tutela de Deus, que toma sempre a iniciativa.

#### **d) Pedro e os apóstolos são testemunhas**

Nem todos recebem a aparição do Senhor ressuscitado, mas somente aqueles que Deus escolheu de antemão como testemunhas. Essa escolha de Deus é realçada com a expressão *prokeceirotone, vnoij*: um particípio perfeito passivo que não deixa dúvidas sobre quem escolhe e, muito menos, sobre o fato de que esta escolha é plena de radicalidade. Quem são estes escolhidos? Que status lhes é conferido? Os escolhidos são aqueles que comeram e beberam com Jesus, e receberam a função de testemunhar tudo o que ele fez. E, sendo duplamente testemunhas – do Jesus terrestre (10,39a) e do Cristo ressuscitado (10,41a) –, agora, são eles que atestam: O enviado de Deus é juiz de vivos e mortos (10,42a). Este é o status dos escolhidos: são designados para anunciar o que viveram, de forma que a boa-nova chegue a todos.

### e) Jesus Cristo é a Palavra de Deus

Sem dúvida alguma, Jesus Cristo é o foco principal do discurso de Pedro. Isto é tão notório que Lambrecht<sup>64</sup> chega a dizer que a centralidade de Jesus no discurso afeta a linguagem, a sintaxe e o estilo do texto.

No começo do discurso, logo após Pedro declarar a imparcialidade de Deus (10,34: Em verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas. Ao contrário, em todas as nações, aquele que o teme e pratica [a] justiça é aceitável para ele), Jesus Cristo é mencionado. Poderia parecer atrevido, mas é possível pensar que até mesmo esta declaração só acontece por causa do que vem em seguida no versículo 36: “[Deus] enviou a palavra aos filhos de Israel, anunciando uma boa notícia de paz por meio de Jesus Cristo, este [que] é Senhor de todos”. A imparcialidade de Deus se revela em Jesus Cristo, Palavra de Deus<sup>65</sup>, que é Senhor de todos. Nesta Palavra, Deus não faz distinção entre as nações. Estando sob o senhorio de Jesus – Palavra de Deus –, não há mais espaço para divisões e separações: todos são um em Cristo. Por ele é que vem a boa-nova da paz, pois ele é a paz (cf. Ef 2,14).

Esta Palavra de Deus é o divisor de águas. Só há dois povos: aqueles que a conhecem e a aceitam, e aqueles que ainda não a conhecem, pois não lhes foi anunciada. Para fazer esta Palavra conhecida é que os filhos de Israel foram escolhidos. Para isso é que Deus escolheu antecipadamente suas testemunhas.

A Palavra de Deus não é completamente ignorada pelos pagãos. Ela se divulgou por toda a Judéia. A vida pública de Jesus – seus feitos – não ficou no anonimato. Esta palavra, que a princípio desponta apenas como uma notícia da qual se ouviu falar, é personificada no versículo 37. A partir daí, fala-se dela como alguém concreto. Ela tem um nome: Jesus de Nazaré.

Jesus começou sua vida pública na Galiléia, depois do batismo de João. Uma vez ungido por Deus no batismo, realizou grandes obras e sua vida mostrava que o Senhor estava com ele. Disso, Pedro e os demais apóstolos são testemunhas. Eles viveram com Jesus pela

---

<sup>64</sup> LAMBRECHT, Jesus Christ, p. 135.

<sup>65</sup> A expressão Palavra de Deus, neste caso, não se refere aqui ao *logos* pré-existente como é dito em Jo 1, com referência somente a Jesus Cristo. É certamente algo mais amplo: a Palavra de Deus anunciada pelos profetas, visibilizada no Filho, divulgada pelos discípulos. Palavra que em todos os tempos interpela e exige resposta. Mas, mesmo não tendo identificação com o *logos joanino*, essa Palavra não deixa de ter relação estreita com o *logos*. Em Cristo, “ela se tornou audível e visível ao mesmo tempo; foi um diá-‘logo’ todo especial” (VOLKMAN, Martin. Hebreus 4,12-13: a palavra de Deus, viva e eficaz. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 34, p. 43, 1992).

terra dos judeus e experimentaram essa união em seu ministério. Mas não foi só isso: eles também foram com ele a Jerusalém e, assim, são testemunhas de sua morte de cruz. Eles atestam que Deus tomou o partido de Jesus e não deixou que seu ungido fosse aniquilado pela morte. Deus o ressuscitou e o fez aparecer depois de sua ressurreição aos seus, que conviveram com o Ressuscitado e fizeram a experiência da ressurreição.

Tendo presenciado tudo isso, os apóstolos foram enviados a pregar e a testemunhar que ele é juiz de vivos e mortos<sup>66</sup>. Todos estão sob seu senhorio. Até mesmo os profetas, que o antecederam, dão testemunho dele, pois era ele o esperado. Assim, todos que nele crêem – vivos e mortos, pessoas do passado, do presente e do futuro, pessoas de todas as nações – recebem nele, e por ele, o perdão dos pecados que vem de Deus. Ele é o penhor de toda redenção.

## 2.4 Leitura de conjunto

V. 34: Então, Pedro, abrindo a boca, disse:

*Em verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas.*

Ao ser motivado por Cornélio e os seus, que aguardavam o que Deus tinha para lhes dizer por meio de Pedro, o apóstolo não se faz de rogado. Abre bem a boca e começa logo a anunciar a novidade do momento: Deus não faz acepção de pessoas, ele apresenta total imparcialidade.

O discurso proferido pode ser considerado modelo do anúncio primitivo: Jesus – Palavra do Pai – elimina toda divisão. É ele o motivo de toda superação. Para mostrar essa dinâmica da superação, Pedro revela sua própria parcialidade anterior.

V. 35: *Ao contrário, em todas as nações, aquele que o teme e pratica [a] justiça é aceitável para ele,*

Muito ao contrário do que Pedro pensava até pouco tempo, independente da nação a que pertença, se a pessoa teme a Deus e pratica a justiça, então ela é aceitável para Deus. Pedro compreendeu que a nacionalidade não diz se alguém pertence ou não ao Senhor. Um novo leque se abriu: Todo povo, em princípio, é igualmente aceitável para Deus.

---

<sup>66</sup> Presente também em outros textos da Escritura (cf. 2Tm 4,1; 1Pd 4,5), esta expressão logo passará para o Símbolo dos Apóstolos, expressão da fé cristã, sintetizada nos primeiros Concílios da Igreja.

Se agora Pedro reconhece que Deus não faz acepção de pessoas, nem sempre foi assim. Apegado à antiga lei, ele também teve dificuldades para compreender os novos rumos que Deus lhe apontava. Agora é capaz de reconhecer que Deus se faz presente onde não se podia imaginar: em âmbitos fora da lei mosaica.

*V. 36: que enviou a Palavra aos filhos de Israel, anunciando uma boa notícia de paz por meio de Jesus Cristo, este [que] é Senhor de todos.*

Jesus, a Palavra de Deus, foi enviado a Israel para que, por meio dos judeus, torne-se conhecida a boa-nova esperada desde muito. Essa boa-nova de paz não contém elementos separatistas. Ela é Jesus Cristo, o senhor de todos e que a todos unifica. Sua vida pública atesta isso. Ele rompeu com as prescrições judaicas que já estavam caducas e que não expressavam mais a vontade divina. Esse havia sido, inclusive, o motivo de sua condenação por parte das autoridades religiosas, que se sentiram afrontadas, pois Jesus relativizou a lei e o templo, em nome da misericórdia.

*V. 37: Vós conheceis a palavra divulgada por toda a Judéia, tendo começado pela Galiléia, depois do batismo que João pregou.*

A boa-nova trazida por Jesus se divulgou por toda a Judéia, desde quando ele começou seu ministério público na Galiléia, depois de ter sido batizado por João, o Batista. Foi lá o começo de tudo.

*V. 38: Como, Jesus de Nazaré, Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos pelo diabo, pois Deus era com ele.*

Jesus de Nazaré foi ungido por Deus com o Espírito Santo. Cheio do poder de Deus, passou sua vida fazendo o bem a todos e libertando os oprimidos pelo diabo. A missão de Jesus não exclui nenhuma nação. Todas as pessoas são beneficiadas com seu poder e sua misericórdia. Na vida do Jesus terrestre já há muitos sinais de que Deus estava rompendo as barreiras étnicas e formando um povo novo no seu amor. E tudo que Jesus fez foi realizado em nome de Deus, pois “Deus estava com ele”. Isso é só o começo de tudo que vem pela frente. Lucas já está anunciando sutilmente: Todos os unguídos por Deus com seu Espírito também são do partido de Deus e fazem as obras de Jesus. A superação dos limites étnicos, iniciada por Jesus, deve ser continuada por seus seguidores.

*V. 39: E [nós] somos testemunhas de tudo que [ele] fez na região dos judeus e também em Jerusalém, e ao qual mataram, tendo sido pendurado num madeiro.*

Pedro e os demais discípulos são testemunhas de tudo o que Jesus fez na região dos judeus e também de tudo o que aconteceu com ele em Jerusalém: de como o mataram, pendurando-o numa cruz. Sua morte não é uma lenda, seu sofrimento não é um mito. É tudo real e os apóstolos atestam isso. Eles viram tudo, participaram de tudo, mesmo de longe, com medo de sofrer o mesmo castigo.

V. 40: *A este, Deus ressuscitou ao [no] terceiro dia e o fez aparecer visível.*

Ao terceiro dia, Deus agiu poderosamente e ressuscitou Jesus dentre os mortos. Deus declarou-se a favor do seu justo e mostrou ao mundo que tomou seu partido. Então, fez com que ele aparecesse ressuscitado aos seus discípulos.

A partir de sua morte, sua missão, que parecia encerrada, não conhecerá o fim. Matando Jesus, as autoridades pensam que estão impedindo a boa-nova de se divulgar. Ledo engano! A Palavra não se deixa acorrentar. Ela continuará sendo divulgada pelas testemunhas do Senhor Ressuscitado.

V. 41: *não a todo o povo, mas às testemunhas escolhidas antecipadamente por Deus, a nós que comemos e bebemos com ele depois de [Deus] o ressuscitar dos mortos*

As aparições de Jesus foram visíveis somente para as testemunhas que Deus já tinha escolhido: aqueles que o seguiram de perto e com ele conviveram na sua vida terrena, aqueles que fizeram uma experiência profunda de fé. Estes, sim, comeram e beberam com o ressuscitado que lhes apareceu. Estes é que são os responsáveis pela continuação de sua obra.

V. 42: *e nos mandou pregar ao povo e testemunhar que ele é o único que foi constituído por Deus juiz de vivos e mortos.*

Os apóstolos receberam a ordem de anunciar a todo povo e de testemunhar o Ressuscitado como juiz universal. A ordem não se limita ao povo judeu. Se Jesus é juiz de vivos e mortos, se é senhor de todos, então todos os povos, todas as nações, todas as gentes devem receber sua Palavra e aceitar seu senhorio. É o Reino de Deus que Jesus veio trazer.

V. 43: *Deste, todos os profetas testemunham, que todos os que crêem nele, por meio do seu nome, recebem o perdão dos pecados.*

De Jesus, até mesmo os profetas que o antecederam dão testemunho. Por meio deles, a Escritura já havia anunciado a vinda do messias esperado por Israel. É nele que todos – judeus e gentios – recebem o perdão dos pecados, pois ele é a boa-nova universal de Deus.

## 2.5 Conclusão

O texto de At 10,1–11,18 está em conformidade com a linha geral traçada por Lucas, no conjunto de sua obra. Depois de ter mostrado que Jesus é o evangelizador esperado desde os tempos mais antigos e que ele faz o efetivo anúncio do reino de Deus com sua própria vida doada, Lucas inverte os fatos: o evangelizador será o evangelho anunciado. Ele é o próprio reino de Deus por ele anunciado e, para participar desse reino, a condição fundamental é acolher a ele, Palavra viva do Pai.

Essa Palavra sai da Galiléia dos pagãos e vai para Jerusalém, o centro da fé e da piedade judaica (Evangelho). De lá, ela vai voltar aos pagãos, por meio da missão de Paulo, o apóstolo dos gentios (Atos). Mas Paulo não está autorizado a anunciar essa Palavra, sem que antes essa prática seja legitimada pelo líder da comunidade cristã: Pedro. É a ele que deve ser atribuída a iniciativa de se abrir aos pagãos.

O episódio na casa de Cornélio mostra como a Igreja se abre aos gentios, precisando rever sua prática evangelizadora. Baseando-se em Jesus, boa-nova universal de Deus, toda superação é possível. Por isso, o querigma cristão é o centro da pregação de Pedro. Em Jesus, o velho e o novo encontram outro sentido. O Filho é o ponto de unidade entre todos os homens<sup>67</sup> e o motivo da superação de todo costume para se acolher com firmeza a universalidade dos povos, já anunciada desde tempos mais antigos pelos profetas.

Assim, ao descrever uma série de eventos concatenados que se sucedem pela iniciativa absoluta de Deus, Lucas possibilita à Igreja nascente compreender que é tempo de ruptura com as antigas leis e de superação de práticas milenares. Afinal, o impedimento que a Palavra encontrava para ir até os gentios era meramente cultural e não tinha causas teológicas. Era baseado em uma interpretação da lei e não na lei em si mesma. Mas, em Jesus, tudo se faz novo: o conteúdo da pregação e as práticas eclesiais. Não só o teor da pregação – cujo foco era a lei judaica e agora coloca as lentes sobre Jesus de Nazaré – deve ser repensado. Uma mudança estrutural é exigida para que a Palavra de Deus continue sendo anunciada. A Igreja nascente terá, a partir de então, de repensar não só sua catequese, seu discurso evangelizador, mas também sua prática pastoral. Essa é a proposta de Lucas.

---

<sup>67</sup> Melo lembra que “quando este Filho se faz homem, nele o Pai se revela aos homens como Amor (1Jo 4,16) a oferecer um dom destinado a todos, o Reino. [Deus] Demonstra o caráter universal deste dom mediante a ‘parcialidade’ de seu amor preferencial pelos pobres e pecadores” (MELO, A evangelização, p. 116).

### 3 ATOS 10,1–11,18 COMO CATEQUESE NARRATIVA

*A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e eleva (Betty Coelho).*

O texto dos Atos dos Apóstolos que é o foco desta pesquisa não destoa de toda a Escritura, que, antes de mais nada, é uma catequese narrativa. Todo o Novo Testamento, cujo núcleo é a tradição de Jesus, antes de ser texto foi uma experiência vivida, narrada, contada e recontada pelas comunidades. É consenso que “desde muito cedo (possivelmente já desde os tempos da vida terrena de Jesus), os discípulos transmitem de boca em boca as palavras de Jesus”<sup>1</sup>. Essa transmissão, cuja característica principal é a narratividade, vai, mais tarde, fazer desabrochar o texto escrito.

Os Evangelhos, de forma especial, são

o resultado de uma síntese teológico-existencial das comunidades de onde surgiram. Contêm não só a vida de Jesus, mas esta vida em relação com as comunidades que se deixaram interpelar e interpretar por ela. Em sua forma literária, predomina a narração, como é narrativo o acontecimento salvífico. Quem experimenta a salvação vivida em Jesus Cristo anuncia-a como algo acontecido no hoje de sua história, anúncio que é a narração do núcleo central da fé salvífica: a morte-ressurreição de Jesus Cristo<sup>2</sup>.

Mas, como já foi dito, essa não é uma característica só dos Evangelhos. Atos 10,1–11,18 é um bom modelo de catequese narrativa. Desde os primórdios da Igreja, o cristianismo se apresenta “como uma comunidade de recordação e narração com intenção prática: recordação narrativo-invocativa da paixão, morte e ressurreição de Jesus”<sup>3</sup>. O relato do acontecido na casa de Cornélio, especialmente o discurso de Pedro, também mantém uma estrutura narrativa. De forma discursiva, Pedro conta resumidamente a história de Jesus<sup>4</sup>, levando o ouvinte a um envolvimento existencial e a uma opção definitiva a favor ou contra aquele que é anunciado. Um acontecimento é narrado, interpelando os ouvintes.

---

<sup>1</sup> GOPEGUI, Juan A. Ruiz. *A história de Jesus: catequese para a Primeira Comunhão*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 11.

<sup>2</sup> DE MORI, Geraldo Luiz. O Evangelho segundo dona Lauricena: análise e interpretação de uma cristologia popular. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 25, n. 66, p. 209, 1993.

<sup>3</sup> DE MORI, O evangelho, p. 209.

<sup>4</sup> Não do mesmo modo que as “Histórias de Jesus”, tão presentes no final do século XIX e começo do XX, que foram suscitadas pela exegese crítica, trazendo à tona a polêmica questão entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Sobre esse tema, vale a pena conferir GONZALEZ FAUS, J. I. *La Humanidad Nueva*. Santander: Sal Terrae, 1984. p. 19-47.

Diante de tais características narrativas do texto, parece lícito fazer algumas perguntas: “qual o problema de fundo que motivou os seguidores e as seguidoras de Jesus a narrarem este episódio de Cornélio e a reproduzirem o discurso de Pedro? Com que finalidade o faziam? Qual o fim catequético desta transmissão? Que mensagem a comunidade lucana estava querendo transmitir a seus leitores? Esta narrativa está em sintonia com outros relatos bíblicos?” É o que será visto a seguir.

### **3.1 O problema de fundo de At 10,1–11,18**

Lucas, como bom pastoralista, está de olho em sua comunidade. Problemas de todo tipo estão presentes no seio da Igreja nascente. Pessoas novas, especialmente os pagãos, vão chegando para participar. Cada qual traz seu mundo, sua cultura e seus costumes. Como conviver com isso? Quais os problemas que esta convivência diversificada pode gerar? Como permanecer fiel ao velho, à tradição dos antepassados, à história de Israel de que são herdeiros, mas sem se fechar ao novo que o Espírito traz com cada membro que vem edificar a comunidade de fé? Como preservar as raízes, que dão estabilidade à árvore da fé no terreno da tradição, mas sem se deixar endurecer ao sopro do Espírito, que tem sempre algo novo para realizar? A leveza que o Espírito inspira parece não condizer com o peso da tradição que a comunidade judaica carrega. Será possível manter as duas coisas sem que uma anule a outra?

Lucas não é o único escritor sagrado a se preocupar com este equilíbrio desejado. Mateus já tinha sinalizado esta questão em seu Evangelho quando lembrou o bom escriba, que tira coisas novas e velhas de seu tesouro (Mt 13,52). Este problema, que parece freqüente no começo da Igreja, ainda hoje persiste em dar trabalho.

Esta aporia, tão antiga e tão atual, é enfrentada pela comunidade lucana. Lucas a tematiza em torno de duas questões distintas, mas que se entrelaçam: a acolhida dos pagãos na comunidade cristã e a comensalidade com os pagãos.

#### **3.1.1 A acolhida dos pagãos na comunidade cristã**

Apesar da consciência de povo eleito por Deus, Israel sabia que a salvação era para todos. Em Abraão, o pai da fé, todos os povos se tornaram benditos e todas as nações, por meio dos judeus, podiam conhecer o Senhor. Israel se apresentava como mensageiro, a fim de levar a salvação a todos os povos (cf. Is 49,6). Assim,

[...] judeus e gentios formariam um só povo debaixo da direção do Messias (cf. Is 2,2-4; 49,1-6; Jl 2,28; Am 9,12; Mq 4,1). Os judeus, como é obvio, conheciam

perfeitamente essas profecias, porém interpretavam-nas sempre no sentido de que os gentios deveriam se sujeitar à circuncisão e observar a Lei mosaica<sup>5</sup>.

Desta forma, para acolher essa salvação, um caminho criterioso devia ser percorrido. Primeiramente, o pagão tornava-se um temente a Deus – um simpatizante da causa judaica, alguém que acreditava no Deus único, cultuado por Israel. Os tementes a Deus estavam ainda integrados ao grupo dos gentios, separados dos homens de Israel e dos filhos da raça de Abraão. Por isso, não estavam sujeitos às prescrições judaicas, especialmente as que se referiam à pureza cultual<sup>6</sup>, válida só para judeus. Depois disso, o temente a Deus dava mais um passo: recebia a circuncisão e passava a ser um prosélito. O prosélito estava submetido à lei. Havia aderido ao judaísmo. Renunciara à “sua nacionalidade para fazer-se judeu religiosa e nacionalmente”<sup>7</sup>: era membro do povo eleito. E, como tal, devia chegar à observância integral da Torá. Havia, pois, regras claras quanto à admissão dos pagãos no seio judaico e quanto à comensalidade com eles. No entanto, não havia nenhuma proibição quanto ao fato de eles receberem o batismo cristão – prática nova sem proibições na lei judaica.

### **3.1.2 A comensalidade com os pagãos**

Uma coisa é aceitar que a salvação de Deus é para todos, inclusive os pagãos. Desde os profetas, essa universalidade da salvação já havia sido anunciada. Jesus Cristo é a boa-nova universal de Deus e, ao aceitá-lo, o crente recebe o Espírito Santo, por meio do batismo. Outra coisa bem distinta é conviver fraternalmente com estes novos cristãos vindos do paganismo e sentar-se à mesa com eles (cf. At 11,2-3). Este segundo passo derrubava a primazia da lei judaica, cultivada zelosamente durante milênios, pois, com a vinda dos gentios, tornam-se obsoletas as prescrições rituais em torno da pureza. O fato de aceitar que os gentios são salvos não altera o ritmo de vida judaico; no entanto, comer com eles à mesa, viver juntos e hospedar-se na mesma casa são práticas que modificam substancialmente o modo de vida dos judeus. A mentalidade veterotestamentária acerca da necessidade de um pagão primeiramente fazer-se prosélito, aderindo às práticas judaicas, para depois entrar em comunhão com o povo judeu, eleito de Deus, prevalecia mesmo depois da conversão a Cristo. “Para um judeu, todo incircunciso, por mais simpatizante que fosse do judaísmo, como era o caso de Cornélio, era considerado como impuro, com o qual não se podia comer na mesma

---

<sup>5</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 99.

<sup>6</sup> Cf. Lv 11,1-47 com expressa proibição de comer alguns animais e extensa lista distinguindo os dois grupos: animais puros e animais impuros. Estes preceitos referentes à alimentação não são normas éticas, mas rituais, às quais os não-judeus não estavam sujeitos, assim como também não estavam obrigados a guardar o sábado.

<sup>7</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 99.

mesa”<sup>8</sup>. Então, para os cristãos, estava posto o problema: “Como harmonizar o preceito com o mandamento do Senhor de celebrar a eucaristia, por exemplo, que implicava a comida em comum?”<sup>9</sup>. Essa prática implicava em mudanças radicais, em rupturas fundamentais para o judeu, convicto de suas tradições. Ela prescindia desses escrúpulos de pureza legal, tradição milenar cultivada na lei de Moisés, como advinda da vontade de Deus.

Para enfrentar esse duplo desafio, o que Lucas vai fazer? Como ele vai convencer sua comunidade de que as novas práticas cristãs são sinais de Deus na história? Que tipo de discurso ele vai escolher? Que personagem veiculará a mensagem que ele quer passar? Pouco a pouco, estas questões serão respondidas.

### **3.2 A narrativa de At 10,1–11,18 como resposta**

O episódio da aceitação de Cornélio e dos seus na comunidade cristã recebe um destaque particular no livro dos Atos. Trata-se de um acontecimento ímpar que abre portas para a missão entre os gentios, mostrando que eles também são chamados a ser membros do novo povo de Deus. Assim, o jeito que Lucas encontra para tratar da questão da acolhida dos pagãos na comunidade e da comensalidade com eles é remeter a transgressão da lei judaica ao grande líder da Igreja: Pedro. Ele é o responsável pelas mudanças. Só uma testemunha de Jesus como Pedro pode legitimar tal inovação, ajudando a superar práticas judaicas milenares. Ele conheceu o Nazareno, viveu com ele, fez experiência de sua morte e ressurreição, e foi escolhido para continuar sua obra. Ele exercia liderança reconhecida sobre os apóstolos. Ele era o chefe dos doze, logo podia legitimar uma nova prática que se implantava na comunidade cristã.

Lucas criou desse modo um antecedente formidável de Pedro: num só acontecimento Pedro legitimou a recepção de pagãos na Igreja e impôs a convivência com eles e a participação de todos na mesma mesa, sobretudo na eucaristia<sup>10</sup>.

Para a pergunta se o velho e o novo podem conviver juntos, Lucas monta uma história intrigante, reorganizando “os diversos materiais segundo seu próprio plano teológico”<sup>11</sup>, e anuncia que em Cristo Jesus – Palavra viva do Pai – tudo ganha raízes antigas e toma ares novos. Ele é o segredo do equilíbrio desejado. No querigma anunciado no

---

<sup>8</sup> TURRADO, Bíblia comentada, p. 99.

<sup>9</sup> TOSAUS ABADÍA, José Pedro. *A Bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 216.

<sup>10</sup> COMBLIN, Atos dos Apóstolos, p. 194.

<sup>11</sup> TOSAUS ABADÍA, A Bíblia, p. 33.

discurso, Lucas encontra a solução para o impasse que a comunidade experimenta.

### **3.2.1 Os pagãos têm sede de Deus**

Lucas parece sempre simpático à causa dos pagãos, especialmente dos romanos. Essa simpatia de Lucas é revelada em vários textos (cf. Lc 7,1-10; 7,10-17; 10,29-37; 17,11-19; 20,9-19; 23,47-48), mas principalmente no personagem pagão que protagoniza essa cena.

Na figura de Cornélio, que teme a Deus, Lucas mostra todo estrangeiro que aprecia o monoteísmo judaico, cansado do politeísmo no qual sempre viveu. Cornélio tem sede de Deus: faz suas orações, vive piedosamente, aprecia os ideais éticos judaicos. Ele faz parte daquele grupo de estrangeiros que, atraídos pela grande luz de Israel, virá ao seu encontro à procura de Deus.

Cornélio não tem vínculos formais com o judaísmo, mas tem vínculos afetivos, manifestados nas práticas piedosas que ele cultivava: sinal da sede de Deus e do cansaço do politeísmo. Mesmo não aceitando o judaísmo, aceitava o Deus dos judeus: fazia suas orações, inclusive às três da tarde – hora judaica das preces (segundo Lucas, hora em que Jesus morreu – cf. Lc 23,44); dava esmolas ao povo; fazia suas ofertas. Cornélio é claramente alguém em busca do Senhor. Representa, portanto, todo pagão que se cansou do politeísmo e abre caminho para acolher Jesus, boa-nova universal do Pai.

Cornélio é um pagão, mas possui características de um autêntico judeu. O salmo 63, tão bem conhecido da comunidade judaica, parece encaixar com o que ele sente e com sua expectativa de encontrar o Senhor: “Ó Deus, tu és meu Deus, desde a aurora te procuro. De ti tem sede a minha alma, anela por ti minha carne” (Sl 63,2).

Esse desejo dos pagãos de encontrar o Senhor será a chave de leitura que Lucas precisa para abrir um precedente, mostrando que todo aquele que vai ao encontro de Deus não volta decepcionado.

### **3.2.2 Ouvir o Senhor é a maior lei**

Pedro sobe ao terraço para orar. Era meio-dia, hora de pleno sol e plena claridade. E Pedro entra em êxtase. Viu uma coisa estranha, como se fosse uma toalha ou um lençol, descendo até ele, presa no céu pelas quatro pontas. Neste pano, havia toda espécie de animais: puros e impuros. E Pedro recebe ordens de matar e comer.

A ordem vinda do céu, junto com o pano, é claramente reconhecida como voz de Deus. Pedro logo responde dizendo: “De jeito nenhum, Senhor!”. Pedro sabe que esta voz é “a Voz”, a única à qual ele deve obediência total. Mas Pedro se escandaliza com a ordem de Deus: “*De jeito nenhum!*” ou “*Deus me livre!*”. A reação de Pedro é de espanto total, para não dizer de aversão. Era inimaginável um judeu contaminar-se com animais impuros.

Pedro está diante de um dilema: de um lado a conhecida lei de Moisés com suas prescrições tão difundidas. De outro, a voz de Deus que ordena algo que contraria a lei mosaica. Deus considera o espanto de Pedro e lhe fala outra vez: “Não chames de impuro o que Deus tornou puro”. E o versículo 17 insiste: “Isso se repetiu três vezes”. Não resta dúvida a respeito do que a voz ordenava. Pedro precisava passar por cima da lei judaica e fazer algo inesperado.

Não é a primeira vez que Lucas fala sobre essa ruptura com as normas prescritas pela lei vigente. Em Lc 6,1-5, o relato das espigas colhidas em dia de sábado, o evangelista já havia enunciado esta coragem necessária para a subversão, em alguns casos especiais. Jesus fala sobre Davi, que, tendo fome, entrou com seus companheiros na casa de Deus e comeu os pães da proposição: pães que só os sacerdotes podiam comer. O que está em questão aqui ainda não é a subversão à lei do repouso sabático, mas o precedente que Lucas encontra para justificar a ruptura com a lei. Isso mostra que havia algo superior a ela. Ela não era absoluta, inflexível, inquestionável. Por vezes, dependendo da finalidade, a lei podia ser considerada como proscrita e caduca. Era hora, então, de repensar a lei.

Esta conclusão, porém, não será fácil para Pedro. Só com muito esforço e depois da insistência da voz, ele decide fazer o que lhe fora ordenado. Pedro começa a compreender que, acima da lei, está a voz daquele que ordenara a lei, aquele que é o motivo da própria lei, seu único fundamento.

O livro do Deuteronômio (cf. Dt 4,1; 5,1; 5,27) já havia definido a supremacia da voz de Deus e o mais importante mandamento judaico: a *Shemá*. Para se cumprir os preceitos dados por Deus, primeiramente era preciso ouvir o que o Senhor tinha a dizer a Israel. Os mandamentos só têm sentido em função daquele que os ordena e não por si mesmos. A voz, que falara ao povo do meio do fogo (cf. Dt 5,23-31), era maior que aquilo que ela havia falado.

Durante toda a trajetória de Israel, a obediência à voz de Deus é colocada como virtude máxima. E, como era de se esperar, a displicência e o descaso com esta voz era o

pecado maior. Um rápido passeio pelas Escrituras mostra isso. Adão e Eva não dão ouvidos à voz do Senhor e infringem suas prescrições. São capazes de ouvir seus passos no jardim, mas não são aptos a ouvir sua Palavra (cf. Gn 3,1-8). Abraão ouve a voz de Deus e, confiante nele, põe-se a caminho como o Senhor ordenara (cf. Gn 12,1-5). Moisés ouve a voz de Deus no meio da sarça ardente e, mesmo relutante, aceita obedecer ao Senhor (cf. Ex 3,1-6). O Salmo 95 alertava o povo: “Quem dera que hoje ouvísseis sua voz: ‘Não endureçais os corações, como em Meriba, como em Massa no deserto’” (Sl 95,7-8). E o profeta Jeremias dizia: “Eles têm ouvidos tapados, incapazes de escutar!” (Jr 6,10b).

Lucas é herdeiro dessa tradição da voz. Sabe que ouvir o Senhor é o preceito mais importante para um judeu. No batismo de Jesus, a voz de Deus falou: “Tu és o meu filho amado; em ti está o meu agrado” (Lc 3,21). Na transfiguração, ela disse aos discípulos: “Este é o meu Filho, o Eleito, escutai-o!” (Lc 9,35). Lucas sabia que a voz vale mais que a lei que ela ordena.

Pedro, então, tem duas opções: a fidelidade à voz de Deus ou a obstinação nas leis judaicas. A fidelidade ameaça, pois passa pelo limiar da instabilidade dos preceitos humanos. Não dá seguranças, a não ser a segurança da fé, aquela que é própria de quem arrisca a vida por causa da voz que o chama. A obstinação, ao contrário, dá seguranças, ainda que falsas e passageiras. Ela se baseia no atrevimento de recusar a voz, preterida em função da estabilidade que a lei prescrita oferece (cf. At 10,15; 11,9). Pedro precisa escolher. Assim, escolhe a lei maior – a voz que lhe fala. Prefere a Lei às leis. A primeira vem da voz do Senhor; a segunda é a configuração que esta voz toma ao longo da história. Mudando a história, mudam-se as configurações, mas permanece a voz daquele que ordena. Lucas sabe que a identidade judaica está na voz e não na lei.

### **3.2.3 Os pagãos vão em busca da palavra prometida**

Tendo recebido a mensagem do anjo, Cornélio prontamente envia os seus a Jope para chamar Pedro até sua casa. Os pagãos vão à procura da Palavra. A atitude de Cornélio de mandar enviados atrás de Pedro sinaliza a sede de Deus que o consumia e o esforço de buscar o Deus vivo. Sua atitude é de acolhida da mensagem do anjo e de total credibilidade à boa-nova recebida. Para receber essa Palavra em sua casa, Cornélio terá que desinstalar-se, ir atrás dela, seguir a luz que o fascina e que se encontra em Pedro, representante do Senhor. Não basta ficar em casa fazendo suas orações e crescendo em piedade. É preciso ir ao encontro

daquele que pode lhe revelar os mistérios de Deus. O anjo ainda parece não ter lhe falado muita coisa, mas, no versículo 22, os enviados explicitam a finalidade daquele encontro e do convite que é feito a Pedro de hospedar-se na casa de Cornélio. Pedro deve ir a Cesaréia, pois lá estão Cornélio e os seus, na expectativa de ouvir tudo o que ele pode dizer-lhes. Pedro é porta-voz da voz. Ele deve fazer a voz se tornar Palavra para todos aqueles que, tendo sede de Deus, se desestabilizam e vão ao encontro do Senhor.

### **3.2.4 Os pagãos estão prontos para acolher a Palavra de Deus**

Pedro parte com a comitiva de Cornélio e vai para Cesaréia. Já sabe que existe um público aguardando para ouvir o que ele tem a dizer. Começa a entender que ele é mensageiro da voz que há pouco ouvira no terraço em Jope.

Logo na chegada de Pedro, Cornélio tem um gesto significativo. Prostra-se aos pés do líder da Igreja que chega à sua casa. Cornélio entende que, com Pedro, vem algo mais ao seu encontro: vem a Palavra esperada do Deus ansiosamente desejado, aquela capaz de saciar sua sede. Por este gesto, Cornélio – que prefigura todos os pagãos – acolhe a Palavra de Deus, da qual Pedro é mensageiro. E, ao ser interrogado pelo apóstolo acerca do motivo de tê-lo mandado buscar em Jope, Cornélio diz: “Agora, portanto, estamos aqui na presença de Deus, prontos para ouvir o que o Senhor te encarregou de nos dizer” (At 10,33). Ele e os seus estão na expectativa de ouvir a Palavra de Deus. Aguardam ansiosamente por ela, não pelas leis judaicas. Estas eles já conheciam. Aguardam algo novo e maior: aquilo que Deus encarregou Pedro de lhes dizer.

Com tais expressões, Lucas revela que os pagãos estão esperando, como Abraão, contra toda esperança (cf. Rm 4,18). Esperam a Palavra de Deus que, a princípio, parece ser dirigida só aos judeus, não a eles. É preciso esperar contra tudo que faz crer no contrário. Mas a esperança não decepciona (cf. Rm 5,5). Os gentios estão preparados para receber a mensagem da salvação. Chegou o momento oportuno, a plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4). Não é possível esperar mais!

### **3.2.5 Jesus é a Palavra esperada**

Pedro começa o anúncio da boa-nova com a notícia esperada, que rompe as barreiras colocadas entre judeus e gentios: “Deus não faz acepção de pessoas. Ao contrário, em todas as nações, aquele que o teme e pratica [a] justiça é aceitável para ele” (At 10,34b-

35). Esta foi a conclusão a que Pedro chegou depois da visão da toalha, que descia do céu com os animais puros e impuros.

Pedro, porém, não foi até Cesaréia só para dar essa notícia. Ela parece boa demais, mas não estabelece ainda a fundamentação necessária para as mudanças na lei judaica. A boa-nova esperada pelos pagãos não é uma notícia, uma mensagem, um discurso, mas algo bem mais concreto, que é capaz de redimensionar suas vidas. Pedro sabe disso. Sua vida não foi reestruturada por uma pregação diferente, nem por uma nova interpretação da lei somente. Sua trajetória tomou novo sentido e novo rumo a partir de um evento que se deu na história, por meio de uma pessoa real que o afetou e impregnou nele uma marca profunda, da qual ele não pode se desfazer. Pedro professou sua fé não em uma doutrina, mas em um nome<sup>12</sup>, em uma pessoa (cf. Lc 9,20-21). É por essa pessoa – Jesus – que ele deixou tudo e enfrentou a instabilidade da fé (cf. Lc 18,28-30).

Sendo assim, Pedro vai anunciar aquela Palavra que ele mesmo recebeu: Jesus Cristo, Palavra viva do Pai. É ele a boa-nova que fora esperada desde o Antigo Testamento e que se cumprira nos últimos dias. É ele a Palavra que agora os discípulos anunciam. É ele o evangelho vivo pelo qual os corações sedentos de Deus anelam.

### **3.2.6 O Espírito rompe as barreiras da lei**

*O Espírito Santo atualiza e continuará atualizando até o fim dos tempos a salvação em Jesus Cristo (Antonio Alves Melo).*

Pedro mal tinha terminado de anunciar Jesus, a Palavra de Deus, quando, de repente, o Espírito irrompe sobre todos que acolhiam a boa-nova.

A descida improvisada do Espírito Santo atrapalha a ordem normal da evangelização, que previa o dom do Espírito pelo batismo recebido em nome de Jesus (cf. At 2,38). Os relatos lucanos de conversão apresentam uma ordem natural dos fatos: arrependimento, fé em Jesus e batismo, perdão dos pecados, dom do Espírito Santo, incorporação à Igreja, salvação (cf. At 2,1-13; 2,38-40; 8,14-17; 9,1-6). São etapas lógicas

---

<sup>12</sup> Sobre o nome de Jesus Cristo, Melo afirma: “no nome de Jesus acha-se contido todo o cristianismo. Em sua pessoa não se justapõem um nome próprio e um sobrenome, mas se interpenetram um nome próprio e um título. Referidos ambos ao mesmo sujeito, o nome diz quem este sujeito é, ao mesmo tempo em que o situa na história e na geografia. O título diz o que ele é. Jesus é o Cristo. O Cristo, o Messias, um outro ao lado dos incontáveis outros que compõem a raça humana, é simultaneamente o Outro, o Filho preexistente desde sempre e estabelecido com poder após sua ressurreição dentre os mortos” (MELO, A evangelização, p. 104).

que se sucedem, muito mais que algo cronológico. Se, na casa de Cornélio, a lógica do esquema fosse mantida, logo após a pregação de Pedro, teria vindo o arrependimento, a fé expressada no desejo do batismo (como o eunuco da Etiópia – cf. At 8,26-40), o perdão e, só depois, o batismo. A descida do Espírito antes do batismo rompe com a linearidade dos fatos previstos<sup>13</sup>.

O derramamento do Espírito sobre os pagãos não pode causar outra coisa senão espanto. O público judeu fica estarrecido. Então, o pentecostes que eles haviam experimentado (cf. At 2,1-4) era também para os gentios? Dias Mateos<sup>14</sup> lembra que uma virada teológica se deu: o dom do Espírito reservado aos que crêem em Jesus é dado também aos incircuncisos. Deus derrama o Espírito Santo antes do batismo: rompe esquemas teológicos e barreiras religiosas. Pedro não tem alternativa a não ser acolher mais uma vez a iniciativa de Deus, que comandou toda a história até agora. Lucas mostra sua perspicácia de escritor e teólogo, colocando na boca de Pedro uma pergunta retórica: “Por acaso, podemos negar a água do batismo a estas pessoas que receberam, como nós, o Espírito Santo?” (At 10,47). Pedro entendeu rápido que, se o Espírito é dom de Deus reservado aos que crêem e se arrependem, fazendo uma adesão livre e espontânea a Jesus, então, certamente os pagãos ali presentes já passaram por essa etapa, ou Deus não estaria derramando com tal liberalidade seu dom sobre eles. O derramamento do Espírito é o testemunho da parte de Deus da sincera conversão de Cornélio e sua gente, que, a partir do momento em que acolheu Pedro, aderiu também à Palavra anunciada (cf. At 10,44b). Desde então, Pedro está convencido da dignidade dos pagãos. Quer queira quer não, eles já são membros da comunidade. Deus assim o decidiu. O batismo com água, que ele vai mandar realizar, é só para “ajeitar” aquela situação anômala, criada pela pressa do Espírito. Como lembra Mosconi, desde então, “receber o Espírito se tornou condição indispensável para pertencer à comunidade dos seguidores e seguidoras de Jesus”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> O Espírito rompe não só com a linearidade dos fatos previstos por Lucas, mas com a lógica judaica. “A seqüência normal que um pagão devia seguir para tornar-se cristão era assim concebida: primeiro, começava a fazer parte do sistema judaico, por meio da circuncisão e do batismo dos prosélitos; depois, era introduzido na Igreja por meio do batismo cristão no nome de Jesus. Ora, a ação do Espírito rompe esta ordem, que corresponde a uma ideologia de privilégio cultural e racista” (FABRIS, *Os Atos*, p. 215).

<sup>14</sup> Cf. DIAS MATEOS, Lucas, p. 123.

<sup>15</sup> MOSCONI, Luís. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 95.

### **3.2.7 A Igreja acolhe a orientação divina**

Tudo parece resolvido entre Pedro e os pagãos. Estes são membros da comunidade, pois esta foi uma escolha do Espírito. Mas a comunidade de Cesaréia não é um grupo à parte, desvinculado do resto da Igreja. Apesar de Pedro representar a grande Igreja-mãe que se estabelecia em todo canto, as raízes do cristianismo estavam assentadas em Jerusalém, lá onde Jesus morrera e de onde a Palavra de Deus começara a se difundir. Esta Igreja ainda precisava ser convencida da novidade que se espalhava como estilhaço de pólvora: “Os de origem pagã haviam acolhido a Palavra de Deus” (At 11,1). E, como consequência, muitas práticas estavam mudando nas comunidades que acolhiam esses pagãos.

Quando Pedro sobe a Jerusalém, ele vai ter de se explicar. Sabendo que Pedro era uma autoridade para as comunidades, o versículo 3 parece mais uma interrogação que uma acusação: “Tu entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles?” (At 11,3). A Igreja de Jerusalém não estava acreditando no que ouvia contar a respeito de seu líder.

A comunidade ouve atenta a narrativa de Pedro e se acalma. De fato, parece muito mais importante ouvir a voz de Deus que as leis judaicas, ainda que elas tenham sido tomadas como vontade de Deus durante tanto tempo. Lucas já havia preparado o coração do leitor com o episódio de Pedro e João diante do Sinédrio. O legalismo judaico já estava posto em xeque a partir do momento em que os dois apóstolos afirmaram às autoridades judaicas em At 4,19: “Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedeçamos antes a vós do que a Deus!”. Obedecer a Deus era mais importante que obedecer ao Sinédrio, representante da lei judaica e responsável por seu cumprimento.

Por meio de Pedro, a Igreja acolhe a orientação divina e se submete a ela. Vale mais obedecer à voz que às palavras interpretadas a partir da manifestação dessa voz. Desde então, a Igreja se distingue do judaísmo. Ela não se deixa guiar por conveniências humanas, mas pelos sinais dos tempos que vêm da parte do Senhor. Ela é uma comunidade que se submete à vontade do Senhor e a ela sempre se dispõe.

### **3.3 O querigma de Jesus: núcleo da mensagem e da prática cristã**

*Jesus: o filho do abraço e do encontro de amor entre a carne e o espírito,  
entre os céus e os homens  
(Prudente Neri).*

Apesar de o discurso de Pedro na casa de Cornélio destoar do resto da perícope (At 10,1–11,18), por ter caráter discursivo dentro de num bloco narrativo, ele está em estreita

conexão com o todo. O texto de At 10,34-43 apresenta com clareza o querigma cristão. Jesus – morto, ressuscitado, glorificado – é o conteúdo da mensagem anunciada e o motivo da superação dos obstáculos. Para resolver o impasse acerca da evangelização dos pagãos e da acolhida destes na comunidade cristã, só aceitando Jesus e redimensionando a vida segundo seu modelo. Para o problema que é colocado desde o começo do episódio, Lucas dá uma resposta no discurso de Pedro.

Normalmente, os discursos querigmáticos apresentam estrutura semelhante. Anunciam Jesus como boa-nova de Deus. O Pregador da Galiléia, Jesus de Nazaré, depois da páscoa, torna-se o Jesus pregado até os confins da terra. O Jesus-evangelizador transformou-se em Jesus-evangelho. Para fazer este anúncio, alguns pontos estão sempre presentes nos discursos: o nome de Jesus ou outro título que ele recebe, sua morte, sua ressurreição como obra do Pai, sua glorificação e, por fim, o testemunho dos anunciadores. É bom comparar Atos 10,34-43 com os demais discursos querigmáticos, não só presentes em Atos, mas também com o Evangelho de Marcos e o importante texto de Paulo aos Coríntios (cf. 1Cor 15, 3-5).

### **3.3.1 At 10,34-43 e outros esquemas do querigma**

O esquema querigmático encontrado em At 10,34-43 não é algo isolado. Comunica-se de forma profunda com outros textos da Escritura.

#### **a) O Evangelho de Marcos**

Para anunciar o querigma cristão, Lucas narra um mini-evangelho, começando pelo ministério de Jesus na Galiléia, após o batismo pregado por João (cf. At 10,37-39a). Depois de deixar claro que Jesus foi ungido por Deus com o Espírito Santo, o que deu a ele autoridade para fazer sinais e prodígios por toda a Judéia, Lucas cita Jerusalém, introduzindo o tema da morte do Nazareno (cf. At 10,39-41). Encerra seu relato na ressurreição de Jesus e na manifestação do Ressuscitado, por obra de Deus, às testemunhas escolhidas antecipadamente.

O texto lembra a narrativa de Marcos, inaugurador do gênero evangelho.

O Evangelho, como gênero literário, é criação de Marcos. Partindo de diferentes tradições e coleções que transmitiam aspectos da vida de Jesus, Marcos elabora uma narração completa, que articula num todo os diversos aspectos da atividade, vida, morte e ressurreição do Senhor. O resultado final é o Evangelho (Mc 1,1), palavra que designa, ao mesmo tempo, o veículo que narra o acontecimento salvífico (gênero literário) e o conteúdo do mesmo, Jesus Cristo<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> DE MORI, O Evangelho, p. 208-209.

O relato de Marcos é sucinto, direto: começa com João Batista, termina na glorificação. Nada de relatos de aparições. Além disso, no discurso de Pedro, Lucas não anuncia uma boa-nova que é pregação ou um conjunto de enunciados, mas, ao contrário, como para Marcos, seu mini-evangelho representa e torna presente Cristo, que é um evento e uma pessoa, antes que uma doutrina<sup>17</sup>. Por causa dessa semelhança, alguns estudiosos afirmaram a existência de um esquema pré-lucano de pregação querigmática, que teria dado, mais tarde, origem ao gênero literário dito evangelho<sup>18</sup>. Os argumentos favoráveis seriam, entre outros, a forma e o conteúdo comum com 1Cor 15,1-11, a base escriturística do texto (cf. Is 61,1; Dt 21,22; Sl 106,20), as diferenças entre os discursos de Atos e o resto da obra lucana, a presença de expressões que não são tipicamente lucanas. Os argumentos, porém, não são suficientes para convencer da existência desse documento.

De fato, mesmo com toda semelhança com o Evangelho de Marcos, parece consenso que os discursos de Atos são uma composição original de Lucas, ainda que, certamente, não os tenha composto *ex nihilo*, uma vez que o contato com a tradição (especialmente Marcos) parece inevitável. Mas nada disso tira de Lucas a responsabilidade pela forma dos discursos e pela teologia neles elaborada.

### **b) 1Cor 15,3-5**

O texto da Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 15, versículos de 3 a 5 é considerado o querigma mais primitivo, o texto cronologicamente mais antigo que relata a morte e a ressurreição de Jesus, registrado nas Escrituras<sup>19</sup>. Nele estão presentes todos os pontos fundamentais do querigma cristão, como também em At 10,34-43, conforme indica o quadro comparativo abaixo:

	1 Cor 15,3-8	At 10,34-43
Jesus	v. 3	v. 38
Morto	v. 3-4	v. 39
Ressuscitado	v. 4	v. 40-41
Glorificado	v. 3	v. 36. 42b
Testemunhas	v. 8	v. 39

<sup>17</sup> “É uma característica marciana fundir numa unidade a pessoa e a mensagem de Cristo. É precisamente esta unidade que constitui seu evangelho” (ALGISI, Leone *et al.* Os evangelhos. In: BALLARINI, Teodorico (Org.). Introdução à Bíblia: Petrópolis: Vozes, 1972. v. 4, p. 154).

<sup>18</sup> Cf. LUKASZ, Evangelizzazione, p. 134-135.

<sup>19</sup> O texto é “um dos primeiros credos cristãos” (AS EPÍSTOLAS aos Coríntios. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 84).

Este texto paulino tem características muito parecidas com o discurso de Pedro na casa de Cornélio, apesar de ser muito mais uma profissão de fé que um discurso.

Ele está situado dentro do contexto da polêmica sobre a ressurreição. Paulo parece intrigado: algumas pessoas ainda estão com dúvidas acerca de sua própria ressurreição. Para abordar o tema da ressurreição humana, Paulo precisa, no entanto, abordar o tema da ressurreição de Jesus. Precisa anunciar o querigma. A exposição começa confessando solenemente a ressurreição de Cristo, com o refrão “conforme as Escrituras”, que acompanha cada afirmação.

Um dos traços mais marcantes do texto está no versículo 3: “Transmiti-vos o que eu mesmo recebi”. O que Paulo recebeu? O que mudou sua vida? O que o fez passar de perseguidor da Igreja para anunciador do evangelho? Uma notícia? Uma doutrina? Um conjunto de preceitos morais? Uma ideologia de vida? Não! Paulo mesmo responde: “Cristo!” Foi este que ele recebeu. E não um Cristo qualquer, mas Cristo que de fato experimentou a morte e foi sepultado, aquele que ressuscitou ao terceiro dia e apareceu aos apóstolos, mas também a ele. É este o único evangelho (cf. Gl 1,9) que Paulo conhece: Jesus, a boa-nova de Deus, o único mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). Agora, Paulo é como os demais apóstolos: uma testemunha do Ressuscitado. Não é um mestre que ensina verdades abstratas. É alguém que experienciou o Cristo vivo, passando por uma autêntica conversão. Paulo, tendo acolhido o querigma e redimensionado sua vida por ele, agora o anuncia aos irmãos. Na vida do apóstolo dos gentios, Jesus é o conteúdo da mensagem que ele recebeu e a medida da prática que ele adota.

### **3.3.2 At 10,34-43 e os discursos querigmáticos de Atos**

Os discursos lucanos não são um resumo da pregação primitiva. São textos bem elaborados, “compostos com rara habilidade, usando processos oratórios habituais e aos quais nada falta”<sup>20</sup>. Eles mostram todo o talento de Lucas para escrever e refletem sua compreensão da fé. Por meio deles, torna-se conhecida a teologia lucana, principalmente sua cristologia.

O livro dos Atos dos Apóstolos apresenta ao todo vinte e quatro discursos: oito de Pedro, nove de Paulo e sete de outros personagens. Veja a seguir:

---

<sup>20</sup>UMA LEITURA, p. 50.

Discursos de Pedro	Discursos de Paulo	Discursos de outros
At 1,16-22	At 13,16-41	At 7,2-53 (Estêvão)
At 2,14-36	At 14,15-17	At 15,13-21 (Tiaço)
At 3,12-26	At 17,22-31	At 5,35-39 (Gamaliel)
At 4,8-12	At 20,18-35	At 19,25-27 (Demétrio)
At 5,29-32	At 22,1-21	At 19,35-40 (Escrivão)
At 10,34-43	At 24,10-21	At 24, 2-8 (Tertulo)
At 11,5-17	At 26,6-23	At 15, 24-27 (Festo)
At 15,7-11	At 27,21-26	
	At 28, 17-20	

Os discursos formam a trama do livro, cujo vocabulário está intimamente referido à pregação cristã. Por todo canto, vocábulos deste campo semântico se fazem presentes: proclamar, dizer, anunciar, dar uma boa notícia, testemunhar, ensinar, crer, escutar, aceitar, etc. E essa não é só uma característica dos Atos. O Evangelho de Lucas também está impregnado desses termos.

Dentre essas prédicas, ganham destaque os chamados discursos querigmáticos, cujo tema central é Jesus Cristo – sua vida, morte e ressurreição. Cinco deles são atribuídos a Pedro (cf. At 2,14-36; 3,12-26; 4,9-12; 5,29-32; 10,34-43) e um a Paulo (cf. At 13,16-41). Alguns pontos comuns – que são eixo norteador do querigma cristão – podem ser observados nestes discursos, conforme se mostra a seguir:

	Pedro					Paulo
	At 2, 14-39	At 3,12-26	At 4, 9-12	At 5, 29-32	At 10, 34-43	At 13, 16-41
Jesus	v. 22	v. 13	v. 10	v. 30	v. 38	v. 23
Morto	v. 23	v. 15.18	v. 10	v. 30	v. 39	v. 27-29
Ressuscitado	v. 24	v. 26	v. 10	v. 30a	v. 40-41	v. 31.34
Glorificado	v. 33.36	v. 13-15	v. 11	v. 31	v. 36. 42b	v. 23
Testemunhas	v. 32	v. 15	v. 20	v. 32	v. 39	v. 31

Por meio destes discursos, Lucas mostra a originalidade cristã, razão da rápida difusão da mensagem. Acontece que essa mensagem anunciada não é uma doutrina ou um

complexo ideológico, mas uma pessoa real, viva e atuante na história, que traz a salvação esperada: Jesus, a Palavra de Deus. O Pai enviou seu Filho ao mundo, não uma teoria espiritual<sup>21</sup>. Trata-se da encarnação do Verbo, da presença de Deus na história humana. Mais concreto impossível!

Para anunciar o querigma, Deus conta com evangelizadores. Os doze são testemunhas qualificadas de Jesus Cristo para esse fim. Eles partilharam de sua trajetória terrena, estiveram com ele depois de sua ressurreição (cf. At 10,41; 13,30) e foram capacitados pelo próprio Espírito para esta obra (cf. At 1,8; 24,48). Por meio deles, uma ponte é construída entre o antes e o depois da Páscoa, assegurando que a fé cristã não é invenção da comunidade primitiva, mas fundamenta-se em um fato real, concreto, seguro, certo, público, conhecido de muitos. Não se trata de um mito ou de uma revelação secreta. Mas de um evento, um acontecimento histórico<sup>22</sup> conhecido e documentado: Jesus, o Nazareno, foi resgatado por Deus da morte. Deus tomou seu partido e lhe deu vitória. É isso que os apóstolos atestam.

Pedro é o porta-voz dos doze. Quando ele toma a palavra, traz consigo todos os outros com os quais faz comunhão. Fala como líder dos herdeiros de Jesus. É autoridade no assunto. Fez a experiência do Crucificado-Ressuscitado. Não é à toa que ele será escolhido por Lucas para protagonizar o episódio da admissão dos pagãos na Igreja. Ele será aquele que Deus vai convencer primeiro, para depois convencer os demais membros da comunidade.

Outro porta-voz importante da mensagem será Paulo, que não conviveu com Jesus, mas reivindica para si o direito de apóstolo. A ele é atribuído o último discurso querigmático dos Atos, em Antioquia. Será ele o grande evangelizador dos pagãos. Pedro, na casa de Cornélio, tornará legítima essa prática já adotada por Paulo, botando um ponto final na discussão que girava em torno deste assunto.

A Palavra de Deus, no entanto, não é privilégio de Pedro e Paulo, nem mesmo dos doze. Ao lado deles, muitos outros – que não pronunciam os discursos querigmáticos em Atos

---

<sup>21</sup> “A encarnação marca o início da evangelização porque, com ela, começa a ressoar a Palavra da qual todas as outras foram apenas murmúrio” (MELO, A evangelização, p. 108).

<sup>22</sup> Sobre a questão da ressurreição como fato histórico, diversos teólogos já se debruçaram sobre o tema, não havendo total comunhão entre eles. Há posturas extremas. Desde aqueles que afirmam a ressurreição como uma experiência subjetiva dos apóstolos (Bultman, Pesch, Marxsen e outros), até aqueles que procuram harmonizar a historicidade da ressurreição com a experiência dos apóstolos (Barth, Pannenberg, Rahner e outros). Quando se diz que a ressurreição é um fato real, histórico, não se está pensando na revivificação de um cadáver, mas num evento histórico-escatológico, certamente não reduzido à materialidade do corpo.

– anunciam a boa-nova: os sete diáconos, Filipe, cristãos dispersos pela perseguição, Barnabé, outros tantos anônimos. Todos são mensageiros do querigma. Todos que acolheram o Ressuscitado são multiplicadores deste anúncio recebido. Então, a todo o momento, novos protagonistas aparecem no cenário da evangelização. De todos os cantos e pelos mais diversos motivos, inclusive a perseguição, eles entram em cena, contribuindo para a difusão rápida e crescente da semente da Palavra por campos antes não imaginados.

Se há liberdade em relação aos protagonistas do anúncio, o mesmo pode ser dito com ainda mais veemência em relação aos destinatários. Deus chama a todos, judeus e gentios. E não só isso! A todos envia prontamente sua Palavra: povo simples (cf. At 4,1-2; 5,15-18), pessoas ligadas ao culto (cf. At 6,7b), fariseus (cf. At 15,5), senhoras de alta sociedade (cf. At 17,12), etc. Isso pode ser imediatamente notado no público diversificado do primeiro discurso (cf. At 2,5.7-11). Ainda que, nos Atos dos Apóstolos, a evangelização siga uma ordem progressiva – Jerusalém toda a Judéia e a Samaria, e os confins do mundo –, a Palavra é, desde o começo, destinada a todos. É por meio do Cristo anunciado que Deus unifica os povos, dando a todos sua salvação.

Mudam-se os modos de evangelizar: ora pregação às multidões, ora catequese para grupos pequenos. Ora primeiro anúncio para quem não conhece a Palavra, ora aprofundamento para quem já aderiu a esta Palavra. Mas, apesar da diversidade de pregadores e destinatários e dos estilos de pregação, o conteúdo do anúncio tem sempre a mesma coluna cervical: o querigma cristão: a pessoa de Jesus Cristo, que faz tornar realidade o Reino de Deus por ele anunciado. “O que os discípulos viram foi a realidade do Reino de Deus chegado definitivamente em Jesus Cristo, *através de sua morte*; perceberam o resplendor da glória de Deus no rosto do *Crucificado*”<sup>23</sup>. Ou ainda, lembrando Mosconi: “O começo de tudo, portanto, está na pessoa e na obra de Jesus Cristo”<sup>24</sup>.

### **3.4 A teologia de Lucas e a pregação de Jesus**

Os discursos de Atos não são caso isolado, fora do pensamento geral desenvolvido por Lucas ao longo de sua obra. Um olhar atento que considera a unidade dos seus escritos pode captar pontos comuns entre a pregação e a práxis de Jesus no Evangelho de

---

<sup>23</sup> KASPER, Walter. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1976. p. 173.

<sup>24</sup> MOSCONI, Atos dos Apóstolos, p. 14.

Lucas e os demais discursos de Atos dos Apóstolos<sup>25</sup>, especialmente o discurso de Pedro na casa de Cornélio.

### 3.4.1 O discurso de Jesus na sinagoga (Lc 4,14-30)

Jesus está de volta à Galiléia e vai à sinagoga dos judeus, onde lê o profeta Isaías. Seu discurso é um anúncio de seu programa, indicando o desenrolar de seu ministério evangelizador.

O sumário proposto nesta passagem tem características tipicamente lucanas:

- a) a força do Espírito: tema-chave e fio condutor dos escritos de Lucas;
- b) o ensinamento de Jesus: a atividade de Jesus é descrita como ensinamento, anúncio, assim como a missão primeira dos apóstolos é anunciar a Palavra recebida;
- c) o universalismo da Palavra: a mensagem de Jesus é para todos, para a totalidade das gentes: sua fama se espalhava por toda a região e todos o elogiavam.

Percebe-se certa semelhança entre os relatos de Jesus em Nazaré (na sinagoga) e Pedro em Cesaréia (na casa de Cornélio):

a) O querigma anunciado por Pedro na casa de Cornélio é o mesmo entregue à comunidade de Nazaré que ouvia o discurso de Jesus. Jesus é o próprio querigma. Ele se dá sem reservas a todos que o escutam. Ele é a boa-nova que os discípulos mais tarde vão anunciar.

b) Os versículos 25 a 27 revelam a abertura de Jesus aos pagãos. Rejeitado pelos seus, Jesus oferece salvação aos humildes e pobres entre os gentios<sup>26</sup>. Sua mensagem não havia convencido Israel<sup>27</sup> e isso leva Jesus a se abrir aos pagãos. Para fundamentar seu programa missionário, Jesus recorda os feitos de Elias e Eliseu em favor de estrangeiros. Pedro concretiza na casa de Cornélio o que Jesus previa nesta passagem. O líder da Igreja nascente, assim como o mestre Jesus, é o novo Elias que rompe as barreiras do judaísmo, indo ao encontro dos pagãos. Os gentios não estão mais viúvos, abandonados, sem esposo e sem filho. Seu filho morto será ressuscitado. Sua esperança renascerá por mãos de um verdadeiro profeta, que não tem medo de romper os limites culturais para ir ao encontro do sofridor. Pedro é também o novo Eliseu, aquele que tira a lepra da discriminação dos pagãos,

---

<sup>25</sup> Cf. FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio segun Lucas*: traduccion y comentário. Madrid: Cristiandad, 1987. p. 418.

<sup>26</sup> Cf. STUHLMUELLER, Carrol. *Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1975.

<sup>27</sup> Cf. PIKAZA, Xabier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1985.

inserindo-os no seio da Igreja-mãe. Os dois profetas citados por Jesus “se envolvem com os pagãos porque seu próprio povo não estava disposto a escutar suas palavras”<sup>28</sup>. Pedro é porta-voz da boa-nova para os pagãos, pois os judeus não se apresentam receptivos ao querigma anunciado.

c) O anúncio de Jesus em Nazaré indica o início de sua atividade pública, assim como o episódio na casa de Cornélio inaugura o começo de uma atividade missionária estendida a todos os povos. Uma nova fase se inicia para Jesus, no Evangelho de Lucas, e para os apóstolos que o anunciam, no livro dos Atos. O discurso de Jesus é nitidamente um discurso programático. Ele prepara o leitor para a atividade missionária de Jesus, exercida em favor dos pobres e excluídos, incluindo os pagãos. A pregação de Pedro na casa de Cornélio também é construída com o objetivo de justificar o que vem a seguir no capítulo 13: a acolhida dos pagãos no interior da Igreja e a legitimação da atividade missionária de Paulo junto aos excluídos: os gentios.

d) O Espírito é autor e mentor das duas tramas. Em Lucas, o Espírito conduz Jesus (cf. Lc 4,14.18) e leva-o a assumir sua missão em favor dos oprimidos. Em At 10, o mesmo Espírito impulsiona Pedro a agir. Na casa de Cornélio, é ele o protagonista principal do enredo, aquele que inverte a ordem normal dos acontecimentos e antecipa-se ao batismo dos apóstolos.

e) A referência às Escrituras é notável nas duas passagens. O profeta Isaías é claramente referido nos dois textos (cf. Is 61,1).

f) Os destinatários da boa-nova segundo Lc 4,18-19 são os pobres, os presos, os cegos, os oprimidos: expressões muito mais apropriadas para os pagãos que para os judeus, cuja consciência de eleição não condiz com os nomes acima referidos. Sabendo-se que o discurso se dá em uma sinagoga, lugar de judeus, não é impossível pensar que Lucas mostra a indigência dos judeus, aproximando-os dos pagãos. Também os judeus são pobres, presos, oprimidos, etc. E, em Atos, ao falar das características de Cornélio, Lucas aproxima os pagãos dos judeus. Também os gentios são tementes a Deus, piedosos, zelosos da fé (cf. At 10,1-2). As barreiras que separam estes dois grupos vão se dissolvendo à medida que Lucas vai identificando um grupo com o outro.

g) O motivo do conflito entre Jesus e os judeus no relato de Lucas é a defesa que Jesus faz dos pagãos, quando cita o ministério de Elias e Eliseu em favor dos estrangeiros. Em At

---

<sup>28</sup> OPORTO, S. G. *et al.* *Comentario al Nuevo Testamento*. Madri/Salamanca/Estella: PPC/Sigueme/Verbo Divino, 1995. p. 201.

10,1–11,18, o motivo do conflito com os cristãos de origem judaica é o mesmo: o ministério de Pedro junto aos gentios, eliminando toda barreira entre os povos.

h) A sinagoga, que em Lc 4 é o lugar do anúncio das Escrituras, agora, dá espaços para novos ambientes onde a Palavra de Deus deve ser proclamada. A casa de Cornélio é a nova sinagoga. Nela estão reunidos seus parentes, vizinhos e amigos à espera do ensinamento de Pedro. Onde tem alguém sedento de conhecer o Senhor aí é sinagoga.

i) O discurso de Pedro na casa de Cornélio refere-se a *Jesus de Nazaré* (cf. At 10,38). Esta expressão faz clara alusão a Lucas 4.

j) O léxico dos dois textos se aproxima. Há diversas palavras comuns como Espírito, sinagoga, unção, boa-nova, Galiléia, proclamar, Nazaré, profeta, etc. Nos dois discursos, termos e temas afins muito importantes podem ser encontrados.

Abaixo, os sublinhados são **termos** iguais: a unção com o Espírito, a missão de anunciar, o “agrado” de Deus (dekto, j), o testemunho dos presentes.

Os pontilhados indicam **temas** conexos: o “hoje” (em At dito em outros termos), Deus não faz acepção de pessoas, o testemunho dos profetas (em Lc: Isaiás)

#### Lc 4,18-27

<sup>18</sup> pneu/ma kuri,ou evpV evme. ou- ei[neken e;crise,n me euvaggeli,sasqai ptwcoi/j( avpe,stalke,n me( khru,xai aivcmalw,toij a;fesin kai. tufloi/j avna,bleyin( avpostei/lai teqrausme,nouj evn avfe,sei(

<sup>19</sup>khru,xai evniauto.n kuri,ou dekto,nÅ

<sup>20</sup> kai. ptu,xaj to. bibli,on avpodou.j tw/| u`phre,th| evka,qisen\ kai. pa,ntwn oi` ovfqalmoi. evn th/| sunagwgh/| h=san avteni,zontej avtw/|Å

<sup>21</sup>h;rxato de. le,gein pro.j avtou.j o[ti sh,meron [ [cf. At 10,44-47]peplh,rwtai h` grafh. au[th evn toi/j wvsi.n u`mw/nÅ

<sup>22</sup> Kai. pa,ntej evmartu,roun avtw/| kai. evqau,mazon evpi. toi/j lo,goij th/j ca,ritoj toi/j evkporeuome,noij evk tou/sto,matoj avtou/ kai. e;legon\ ouvci. ui`o,j evstin VIwsh.f ou-tojÈ

<sup>23</sup> kai. ei=pen pro.j auvtou,j\ pa,ntwj evrei/te, moi th.n parabolh.n tau,thn\ ivatre,( qera,peuson seauto,n\ o[sa hvkou,samen geno,mena eivj th.n Kafarnaou.m poi,hson kai. w-de evn th/| patri,di souÅ

<sup>24</sup> ei=pen de,\ avmh.n le,gw u`mi/n( o[ti ouvdei.j profh,thj dekto,j evstin evn th/| patri,di auvtou/Å

<sup>25</sup> evpV avlhqei,aj de. le,gw u`mi/n( pollai. ch/rai h=san evn tai/j h`me,raij VHli,ou evn tw/| VIsrah,l( o[te evklei,sqh o` ouvrano.j evpi. e;th tri,a kai. mh/naj e[x( w`j evge,neto limo.j me,gaj evpi. pa/san th.n gh/n(

<sup>26</sup> kai. pro.j ouvдеми,an auvtw/n evpe,mfqh VHli,aj eiv mh. eivj Sa,repta th/j Sidwni,aj pro.j gunai/ka ch,ranÅ

<sup>27</sup> kai. polloi. leproi. h=san evn tw/| VIsrah.l evpi. VElisai,ou tou/ profh,tou( kai. ouvdei.j auvtw/n evkaqari,sqh eiv mh. Naima.n o` Su,rojÅ

#### **At 10,34-43**

evpV avlhqei,aj katalamba,nomai o[ti ouvk.....e;stin proswpolh,mphj o` qeo,j [cf. Lc 4,25-27](

<sup>35</sup> avllV evn panti. e;qnei o` fobou,menoj auvto.n kai. evrgazo,menoj dikaiosuhn dekto.j auvtw/| evstinÅ

<sup>36</sup> to.n lo,gon ÎolnÐ avpe,steilen toi/j ui`oi/j VIsrah.l euvaggelizo,menoj eivrh,nhn dia. VIhsou/ Cristou/( ou-to,j evstin pa,ntwn ku,rioj(

<sup>37</sup> u`mei/j oi;date to. geno,menon r`h/ma kaqV o[lhj th/j VIoudai,aj( avrxamenoj avpo. th/j Galilai,aj meta. to. ba,ptisma o] evkh,ruxen VIwa,nnhj(

<sup>38</sup> VIhsou/n to.n avpo. Nazare,q( w`j e;crisen auvto.n o` qeo.j pneu,mati a`gi,w| kai. duna,mei( olj dih/lqen euvergetw/n kai. ivw,menoj pa,ntaj tou.j katadunasteuome,nouj u`po. tou/ diabo,lou( o[ti o` qeo.j h=n metV auvtou/Å

<sup>39</sup> kai. h`mei/j ma,rturej pa,ntwn w-n evpoi,hsen e;n te th/|  
 cw,ra| tw/n VIoudai,wn kai. ÎevnÐ VIerousalh,mÅ o]n kai.  
 avnei/lan krema,santej evpi. xu,lou(  
<sup>40</sup> tou/ton o` qeo.j h;geiren ÎevnÐ th/| tri,th| h`me,ra| kai.  
 e;dwken auvto.n evmfanh/ gene,sqai(  
<sup>41</sup> ouv panti. tw/| law/|( avlla. ma,rtusin toi/j  
 prokeceirotanhme,noij u`po. tou/ qeou/( h`mi/n( oi[tinej  
 sunefa,gomen kai. sunepi,omen auvtw/| meta. to. avnasth/nai  
 auvto.n evk nekrw/n\  
<sup>42</sup> kai. parh,ggeilen h`mi/n khru,xai tw/| law/| kai.  
 diamartu,rasqai o[ti ou-to,j evstin o` w`risme,noj u`po. tou/  
 qeou/ krith.j zw,ntwn kai. nekrw/nÅ  
<sup>43</sup> tou,tw| pa,ntej oi` profh/tai marturou/sin [cf. Lc 4,17] a;fesin  
 a`martiw/n labei/n dia. tou/ ovno,matoj auvtou/ pa,nta to.n  
 pisteu,onta eivj auvto,nÅ

Tantos temas e expressões comuns não fazem pensar em uma mera coincidência, mas em uma construção literária planejada, que quer colocar o discurso de Pedro em comunhão com a pregação de Jesus, ainda mais quando se compreende o Evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos como uma obra única.

### 3.4.2 Jesus Cristo suplanta a lei judaica

A ruptura com o judaísmo apresentada por Lucas no relato de Pedro em Cesaréia, de certa forma, foi sinalizada por Jesus no seu discurso inaugural e, logo em seguida, foi concretizada por sua práxis evangelizadora. Durante todo o seu ministério, Jesus mostrou a relatividade da lei e a supremacia do ser humano. Ele infringiu normas, relativizou práticas e costumes antigos: olhou a vida e a religião sob um ângulo inovador. Reinterpretou as Escrituras e afirmou que sua hermenêutica levava a lei à plenitude. Não quis abolir a lei judaica, mas não se deixou emoldurar por ela. Ao contrário, sua vida e sua missão foram dimensionadas exclusivamente pela prática do amor aos irmãos e da fidelidade ao Pai. Veja abaixo alguns aspectos em que Jesus claramente suplanta a lei judaica.

#### a) Jesus acolhe pecadores

*Hoje aconteceu a salvação para esta casa, porque também este é um filho de Abraão.  
Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido  
(Lc19, 9-10).*

A remissão dos pecados foi vista desde o começo do Evangelho de Lucas como uma missão do Salvador (cf. Lc 1,77), sinalizando a misericórdia de Jesus para com os pecadores e seu futuro comportamento em relação a eles.

A primeira visita que Jesus recebe é de uns pastores da redondeza: gente mal vista e pecadora que não se dedicava à prática da lei judaica, conforme prescrito (cf. Lc 2,1-20). Logo no começo de seu ministério, Jesus perdoa os pecados do paralítico que descera pelo telhado com a ajuda de seus companheiros (cf. Lc 5,17-26). Depois, come com pecadores na casa de Levi (cf. Lc 5,29-32), o que serve de escândalo para muitos fariseus e escribas. A resposta de Jesus foi clara: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores!” (Lc 5,32).

A vida pública de Jesus é demarcada pelo contato com pecadores e pela acusação das autoridades acerca desta prática. Em Lc 7,34, Jesus reconhece que o chamam de glutão, bebedor e amigo de publicanos e pecadores. Em seguida, o evangelista narra o episódio da pecadora perdoada (cf. Lc 7,36-50). O fariseu que convidou Jesus para jantar em sua casa escandalizou-se com a cena da mulher pecadora junto a Jesus, chorando a seus pés e derramando neles um caro perfume. Aos olhos do conviva, Jesus não sabia de quem se tratava, por isso tolerava tal fato. Enganou-se! É exatamente porque sabia quem era aquela mulher que Jesus aceitava seu gesto. A paciência de Jesus com os pecadores e seu contato com eles é algo proposital, pensado, planejado para romper barreiras, vencer o “ostracismo que lhes acarretava o ‘pecado’ público”<sup>29</sup> e demonstrar a misericórdia incondicional de Deus.

A parábola do pai misericordioso é exemplar para mostrar a paciência de Deus com os pecadores (cf. Lc 15,11-31). Não é o filho mais velho que permanece na casa do pai que será festejado com entusiasmo, mas o filho pródigo que dissipou seus bens e retornou.

A parábola do fariseu e do publicano mostra essa definitiva inversão de valores (cf. Lc 18,9-14), e a entrada de Jesus na casa de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10), que faz um coroamento desta prática de acolhida dos pecadores. Assim, Lucas sinaliza Jesus subvertendo costumes e garantindo novas práticas, baseadas na misericórdia de Deus e não na lei judaica.

## **b) Jesus transgride a lei do sábado**

---

<sup>29</sup> SEGUNDO, J. L. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 200.

*O Filho do Homem é Senhor também do sábado  
(Lc 6,5).*

Entre as leis judaicas, a que impunha o descanso sabático foi provavelmente a que mais ganhou vigor. Ela era uma espécie de distintivo do povo judeu dentre os outros povos. Um verdadeiro israelita cumpria a observância do sábado: dia em que não se podia fazer praticamente nada, a não ser uma ou outra atividade absolutamente necessária. No dia de sábado, todo trabalho era proibido. A partir da sexta-feira, ao cair da tarde, o sábado havia começado. Toda atividade comercial, todo trabalho manual, agrícola, doméstico, tudo estava cancelado. Era preciso desvincular-se de toda atividade para dedicar-se exclusivamente ao Senhor e ao seu culto. Acontece, porém, que a lei foi endurecendo demais. Se alguém precisasse de socorro em dia de sábado, a lei proibia socorrê-lo. A misericórdia fora acorrentada pelo legalismo. A pessoa humana fora tirada do centro da lei, e a lei se tornara centro de si mesma.

Jesus vai protestar: “O Filho do homem é senhor também do sábado!” (Lc 6,5). Por este motivo, os discípulos podem arrancar espigas em dia de sábado e comê-las (cf. Lc 6,1-5); o homem da mão atrofiada deve ser curado, sem esperar o dia seguinte para ser beneficiado pela ação poderosa de Jesus (cf. Lc 6,6-11); a mulher encurvada deve ficar logo livre do espírito que a atormentava durante dezoito anos (cf. Lc 13,10-17); o hidrópico deve voltar curado para sua casa (cf. Lc 14,1-6). Em Jesus, o sábado ganhou nova hermenêutica: ele está em função do bem<sup>30</sup> e não do cumprimento da lei religiosa.

### **c) Jesus rompe com as leis da pureza**

*O que torna alguém impuro não é o que entra pela boca,  
mas o que sai da boca, isso é que o torna impuro  
(Mt 15,11).*

As prescrições referentes à pureza cultural eram traduzidas em múltiplas leis que determinavam o que tornava impuro o ser humano e como este devia se purificar. Era difícil não se tornar impuro. Tocar um cadáver, uma mulher menstruada ou um leproso tornava a pessoa impura. Entrar em contato com um estrangeiro, dar à luz, não cumprir o ritual da lavagem das mãos e vasilhames na hora das refeições acarretavam em impureza. A lista é imensa. Certo é que os pobres, as mulheres, os doentes, os marginalizados da sociedade estavam sempre inaptos para o culto, num estado constante de impureza e sempre obrigados a

---

<sup>30</sup> J. L. Segundo lembra que o sábado é relativizado não por um motivo qualquer, mas porque o bem do homem é absolutizado. Assim, quem leva a sério tal argumentação de Jesus deve saber o que é bom para o homem. Cf. SEGUNDO, A história, p. 218-219.

fazer oferendas de purificação no templo.

Lucas mostra a lei da pureza em pleno vigor: Maria, após dar à luz, vai ao templo com seu esposo e o menino para cumprir o ritual da purificação (cf. Lc 2,22-24); Jesus manda o leproso curado ir ao templo, mostrar-se ao sacerdote e oferecer o sacrifício conforme prescreveu Moisés (cf. Lc 5,14). Paralelamente, Lucas mostra Jesus violando a lei da purificação referente às abluções antes das refeições (cf. Lc 11,37-44), o que causava grande constrangimento junto aos fariseus e doutores da lei. Não deixa de ser paradoxal. Ao mesmo tempo em que Jesus manda o leproso cumprir o prescrito, ele próprio viola a prescrição. No primeiro caso, o leproso precisava do reconhecimento de sua purificação para ser integrado de novo na comunidade, algo que só o sacerdote podia atestar. No outro, Jesus mostra às autoridades judaicas as contradições presentes nos seus costumes e a extrema necessidade de reinterpretá-los. J. L. Segundo lembra que “o Reino de Deus não pode estabelecer-se de maneira estável e profunda em Israel, se esse não aprende o caminho para interpretar sua vontade, para seguir seu plano, para interpretar o que quer dizer sua palavra”<sup>31</sup>. É preciso sensibilidade histórica para se perceber o percurso do Espírito, que é traçado por Jesus de Nazaré.

#### **d) Jesus deixa um novo legado**

*Este é o meu mandamento:  
Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei  
(Jo 15,12).*

Tudo o que Jesus faz é por amor. A correnteza do amor, que emana de Deus, reclama espaços. O amor quer correr solto como um rio. Não admite ficar represado pelas barragens da lei judaica. Por isso, Jesus sinaliza as mudanças necessárias. É preciso superar as leis judaicas para mirar um outro alvo: o novo legado que ele deixava aos seus seguidores. Todos os que pertencem a ele estão sujeitos à nova lei, com novas práticas e novos costumes. Essa nova lei ganha sua expressão máxima no legado do amor que ele deixou: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam” (Lc 6,27), confirmado em Lc 10,25-28 que resume os mandamentos no amor a Deus e ao próximo.

### **3.5 Conclusão**

Se é verdade que todo grupo humano tem necessidade permanente de manter viva

---

<sup>31</sup> SEGUNDO, A história, p. 225.

sua memória, não impulsionado por mero saudosismo<sup>32</sup>, ainda mais a Igreja sente a necessidade de conservar viva a sua identidade<sup>33</sup>. A Igreja, cujas raízes estão bem fincadas no universo judaico – com suas celebrações, que recordam a intervenção de Deus em favor do povo –, mantém essa característica memorial, podendo “ser considerada uma comunidade da narrativa”<sup>34</sup>. Toda sua evangelização, sua vida pastoral em geral, está alicerçada sobre a narratividade. “Ela anuncia a verdade sobre Jesus Cristo como quem narra uma história. Expõe o passado de maneira sempre nova, o repressencializa e, no vigor desse passado repressencializado, provoca o futuro”<sup>35</sup>. Taborda chega a afirmar que a “Igreja só tem sentido, só é Igreja, enquanto comunidade reunida em torno da memória de Jesus”<sup>36</sup>. Essa memória se mantém viva em cada celebração do povo de Deus, na evangelização que a Igreja continua a realizar.

Assim sendo, a fé cristã, que nasce do anúncio da Palavra narrada, ou seja, da catequese narrativa do Novo Testamento, nada mais é que a história do evento Cristo contada e recontada pela Igreja, transmitida de geração em geração. O próprio Filho de Deus fez de sua trajetória de fé na fidelidade ilimitada ao Pai uma narrativa, deixando os apóstolos com a tarefa de continuar essa missão. Tendo recebido dos apóstolos a fé, a Igreja, comunidade da narrativa, continua a missão apostólica e participa como protagonista daquilo que ela própria narra<sup>37</sup>.

Nessa dinâmica da memória do evento Cristo, a Igreja vai buscando caminhos e atualizando a mensagem narrada. Não porque a narrativa caduque ou perca sua força, mas, ao contrário, na sua vivacidade, exige constante interação com a história na qual se encarna.

Desde o começo do cristianismo foi assim. A Igreja, na urgência de anunciar a fé recebida, narra os grandes feitos de Jesus, proclama a boa-nova recebida. Não foi, porém, sem dificuldades que ela o fez. Seu percurso é cheio de percalços. Era preciso discernir os caminhos do Espírito, tarefa nem sempre tão fácil.

Lucas, pastor e teólogo, quer por meio da narratividade sinalizar a presença de Deus na história. Não será fácil fazer a comunidade primitiva de tradição judaica perceber os sinais de Deus no meio dos gentios. A Igreja nascente resiste – e não é sem razão! – a abrir-se aos

---

<sup>32</sup> Sobre o saudosismo, nada como a afirmação de um grande autor: “Toda saudade é uma espécie de velhice” (ROSA, Grande Sertão, p. 56).

<sup>33</sup> Cf. LIBANIO, A volta à grande disciplina, p. 19.

<sup>34</sup> MELO, A evangelização, p. 122.

<sup>35</sup> MELO, A evangelização, p. 122.

<sup>36</sup> TABORDA, Francisco. Eucaristia e Igreja. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 17, p. 31, 1985.

<sup>37</sup> MELO, A evangelização, p. 122.

pagãos. Não são razões arbitrárias que ela tem para se manter apegada às suas tradições. Os motivos estão apoiados nas Escrituras – lugar da expressão máxima da vontade divina. Não teria a Igreja razões suficientes para pensar que já era suficientemente fiel à vontade de Deus? A proibição alimentar não era desejável desde os patriarcas? A circuncisão não era prática ratificada e legitimada como vontade de Deus e sinal de pertença a seu povo? Como entender que a vontade de Deus mudou? Por que Deus, agora, declarava puro o que antes tinha declarado impuro? Por que a circuncisão caía por terra? O que se tornou mais importante para fazer algo tão fundamental se tornar tão insignificante?

Lucas está consciente de tudo isso. Mas não pode deixar de perceber que, no movimento da história, Deus tem dado sinais de que algo mudou, especialmente por meio da prática inovadora de Jesus Cristo. Sua pregação e sua práxis também não seguiam o esquema convencional da lei mosaica. Uma novidade se instaura com Jesus de Nazaré, que mostra o dinamismo da lei, dando-lhe novo vigor. A Torá, antes absolutizada e hipostasiada como vontade de Deus, ganha de novo seu caráter histórico. Deixa de ser divinizada, de ser camisa de força que tudo prevê, dando a cada gesto diário sua determinação<sup>38</sup>.

Além do mais, os pagãos, que vêm chegando em grande número para as comunidades, fazem repensar a vontade divina, antes interpretada dentro de um contexto exclusivamente judaico. Outros elementos surgem no cenário da fé e não é possível ignorá-los. Os pagãos que abraçam a fé vêm para ficar e querem encontrar um recanto acolhedor para se aninhar. Querem ser ouvidos e acolhidos. Querem ser cristãos, não judeus.

Lucas vai precisar de muito talento para mostrar à sua comunidade que a vontade de Deus não é algo fixo, estático, parado, mas que exige adaptação aos contextos, às épocas e às culturas. Afinal, “Deus não cessa de ser ao longo da História: Mistério, Surpresa, Maravilha”<sup>39</sup>. Em meio ao movimento da história, Deus se faz presente e se encaixa nela, transformando-a por dentro. Para mostrar essa dinâmica, Lucas, narra um belo episódio. Assim, primeiramente, faz Pedro ouvir a voz de Deus. É este o pivô da trama. A iniciativa da acolhida dos pagãos não vem de homens, mas de Deus. Vem da voz divina que ressoa desde o Antigo Testamento, orientando seu povo no caminho, e dando a Pedro autonomia em relação às autoridades judaicas e a seus

---

<sup>38</sup> Cf. BOFF, Clodovis. *Sinais dos tempos: princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979. p. 39.

<sup>39</sup> BOFF, Sinais dos tempos, p. 39.

costumes<sup>40</sup>. Depois, Lucas faz Pedro anunciar o querigma cristão. Por meio de Jesus, Filho de Deus encarnado na história, é possível perceber que Deus “muda de idéia”, que se adapta ao esquema humano, que se faz um com a humanidade. Jesus, feito homem em meio às fraquezas humanas, mostra a relatividade de todas as coisas. Mostra que, se Deus pode se adaptar à história por meio da quemose, nada mais é importante a não ser esta radicalidade com a humanidade. E, se nada mais separa o homem de Deus, como podem os homens manter-se separados entre si, uma vez que todos foram abarcados pela encarnação, morte e ressurreição de seu Filho? Nele, todos os homens foram feitos filhos de Deus. Todos foram salvos e santificados. A humanidade foi radicalmente afetada por sua ação e não é possível mais ser como antes. A imparcialidade de Deus, que Pedro anuncia na casa de Cornélio, tem um pressuposto: em Cristo, a humanidade foi feita de novo. Agora, sem divisões, sem separações, sem judeu ou grego. Somente novas criaturas refeitas por obra do Ressuscitado.

Então, Pedro terá que dizer: “Quem sou eu para me opor a Deus?” Se Deus, em todo o tempo, tomou a iniciativa e conduziu a história até esse ponto, resta apenas obedecer a ele. Pedro é figura da Igreja que questiona, mas não resiste por muito tempo à ação do Espírito. Percebe que “não há evangelização numa Igreja sem docilidade ao Espírito”<sup>41</sup>. Sabe que ele sopra e, mesmo não entendendo bem o que ele quer, cede ao seu encanto, aceita sua sedução. Como Pedro, a Igreja não tem mais nada a fazer a não ser perceber os sinais do Espírito e aceitar ser movida por sua leveza. Afinal, “não é a Igreja que julga o evangelho, mas o evangelho que julga a Igreja”<sup>42</sup>. O difícil é ter, depois de dois mil anos de pesada história, a flexibilidade necessária para ser moldada pela ação de Deus, aceitando o juízo do evangelho.

---

<sup>40</sup> Cf. OLIVA, José Raimundo. Atos e Evangelhos: o anúncio de Jesus no terceiro milênio. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 70, p. 101, 2001.

<sup>41</sup> DIAS MATEOS, Lucas, p. 151.

<sup>42</sup> GOPEGUI, J. A. R. *Conhecimento de Deus e evangelização: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977. p. 195.

## 4 LUCAS: A TEOLOGIA DA RUPTURA

*[O falso profeta] sabe que seu dever consiste em proclamar que Deus quis uma nova vontade, uma nova vida, porém deixa reinar o espírito do medo, do engano de Mamon, da violência – a muralha construída pelo povo (Ez 13,10), o muro oscilante e manchado. Ele disfarça-o pintando com cores suaves e consoladoras da religião para o contentamento de todo mundo  
Eis aí o falso profeta!  
(Karl Barth).*

Se há algo em voga hoje em dia é o desejo de romper com a grande narrativa e valorizar as micro-estruturas. A pós-modernidade não tolera mais o peso das grandes instituições, e o homem deste tempo quer romper com as cadeias da tradição. Quanto mais leveza institucional e menos peso organizacional, parece melhor. Este é o *slogan*.

A Igreja, em seus mais recentes documentos, tem observado essas mudanças sociais e tem tentado ajustar seu discurso a esse novo sujeito eclesial que vai se apresentando em seu interior. A Igreja no Brasil se sabe composta de um público diferente. Ela percebeu a mudança do sujeito com o qual ela trabalha e do qual ela é formada<sup>1</sup>.

Não é, então, uma questão de modismo ou coisa afim falar sobre ruptura versus continuidade. É uma questão de fidelidade ao Espírito que vai soprando novos caminhos na história da humanidade, tornando seus sinais visíveis, de forma que sua Igreja possa continuar sua ação evangelizadora no meio do mundo.

A partir do estudo do episódio de Cornélio, faz-se mister tratar desse tema. Não é possível estudar tal texto – aliás, todo o livro dos Atos dos Apóstolos – sem se fazer a pergunta sobre o devido equilíbrio entre o velho e o novo, entre a leveza do Espírito que conduz a Igreja e a força das estruturas e normas que a constituem. Não é aqui o lugar de um estudo exaustivo deste tópico; teólogos renomados já deixaram seu legado neste campo<sup>2</sup>. O objetivo desta pesquisa é apenas ver como os acontecimentos relatados em At 10,1–11,18 podem iluminar o dinamismo atual da Igreja, especialmente de seu discurso evangelizador. A amarra com o pensamento lucano será o tema dos *sinais dos tempos* e da *dinamicidade da fé*.

---

<sup>1</sup> Os documentos da CNBB deixam clara essa nova posição da sociedade. É só conferir as DGAE nos últimos vinte anos. A linguagem mudou. O estilo mudou. Trata-se de um novo quadro eclesial, composto por homens e mulheres com novas exigências.

<sup>2</sup> Um exemplo bem conhecido é Leonardo Boff, com sua polêmica obra *Igreja, Carisma e poder*. São Paulo, Loyola, 1981. p. 82-109. 228-249.

## 4.1 Lucas lê os sinais dos tempos

*Deitarão por terra a ti e a teus filhos no meio de ti,  
e não deixarão de ti pedra sobre pedra,  
porque não reconheceste o tempo em que foste visitada  
(Lc 19,44).*

Um dos temas centrais da teologia lucana é o tempo. Lucas deu importância a ele como nenhum outro evangelista. A obra de Conzelmann<sup>3</sup>, já citada anteriormente, se debruça sobre a literatura lucana, a partir dessa vertente. Para o evangelista, dois tempos são distintos e concatenados: o *tempo de Jesus* (Evangelho) e o *tempo da Igreja* (Atos dos Apóstolos), ou ainda, como preferem alguns, o *tempo da espera da promessa* (AT), o *tempo do cumprimento da promessa* (Evangelho) e o *tempo da expansão da promessa* (Atos dos Apóstolos). Parece consenso que Lucas organiza sua obra em torno do eixo temporal.

O tempo é sempre precioso para o autor dos Atos dos Apóstolos. No seu Evangelho, ele chama a atenção para a importância de saber discernir o tempo (cf. Lc 12,54-56) e mostra que Jesus acusou Jerusalém de não saber reconhecer o tempo em que foi visitada por ele (cf. Lc 19,44).

O episódio de Cornélio pode ser lido a partir dessa categoria dos sinais dos tempos, presente na obra lucana. A ruptura que se deu entre o cristianismo e o judaísmo no primeiro século da era cristã é consequência da leitura desses sinais, presentes na história. Deus, que outrora dera a lei de Moisés acerca do puro-impuro e da circuncisão, agora declara a abolição da lei mosaica, em nome de algo maior. Deus toma a iniciativa e dá seus sinais para que seus seguidores acompanhem os tempos novos que despontam no horizonte da história.

O primeiro aspecto a ser ressaltado é o profundo enraizamento evangélico da categoria *sinais dos tempos*, inclusive em Lucas. Mesmo que sejam mínimas as passagens em que este termo aparece, perpassa a obra lucana um convite para discernir o momento e saber dar uma resposta apropriada a Deus em cada circunstância.

---

<sup>3</sup> Cf. CONZELMANN, El centro.

#### 4.1.1 Compreendendo a categoria dos sinais dos tempos

A pregação e a práxis de Jesus continuamente priorizam os sinais dos tempos<sup>4</sup> como uma plataforma hermenêutica a partir da qual é percebida a presença de Deus no mundo e seu apelo é evidenciado. Os Evangelhos chamam a atenção diversas vezes para os sinais que se fazem presentes na história. Os discípulos são convidados a saber ler esses sinais e aqueles que os ignoram são criticados por sua insensatez. Isso porque os sinais dos tempos remetem ao cultivo da sensibilidade histórica diante da realidade. Essa sensibilidade, conforme a experiência humana de Jesus, é mais que mero sentimento. Trata-se de uma postura existencial que nele se manifestou como amor concreto por seu rebanho e como luta contra toda forma de desumanização (cf. Lc 4,18-19; 38-41; 5,12-16; 17-26; 6,6-11; 7,11-17; 36-50; 8,26-39; 40-56; 9,37-43; 10,25-37; 11,52; 12,13-21, etc). Em todos os Evangelhos, percebe-se que “Jesus renovou a religião, dando-lhe a sua verdadeira e definitiva dimensão em que o amor a Deus é declarado equivalente ao amor para com o próximo”<sup>5</sup>.

Concretamente, os sinais dos tempos constituem o eco da Palavra de Deus que ressoa fortemente, esperando que a humanidade a acolha. Eles são o jeito de Deus continuar falando ao mundo. J. L. Segundo dirá: “os sinais dos tempos constituem algo assim como o lugar humano onde a Palavra de Deus pode ser *ouvida* e dita”<sup>6</sup>. Assim, “longe de assumir uma orientação a-temporal e a-histórica, a evangelização relaciona-se com os sinais dos tempos, pois eles constituem lugares teológicos e interpelações de Deus”<sup>7</sup>.

Deus mesmo fala por meio da história. Ele não se faz indiferente ou alheio ao trajeto humano, ao contrário, torna-se presente e deixa suas marcas, sempre convidando seu povo a discernir seus sinais.

---

<sup>4</sup> Um dos grandes teólogos que tem tratado da categoria dos *sinais dos tempos* na atualidade é Juan Luis Segundo. As considerações que seguem estão alicerçadas na teologia deste autor. Ele será ponto de partida para outras inferências, especialmente sua obra *Teología abierta para el laico adulto*, Buenos Aires, Carlos Lohhlé, 1970. v. 1, 3. Conforme Murad, a categoria de sinais dos tempos “ocupa lugar de destaque na obra de J. L. Segundo, não tanto pela quantidade de citações, mas pela importância do conceito para sua reflexão teológica. Ela pode ser resumida em quatro pontos principais: a função paradigmática dos sinais dos tempos, na revelação de Deus em Jesus, o papel dos sinais dos tempos na Igreja e sua relação com o Espírito, a decisividade dos sinais dos tempos no diálogo Igreja-mundo, e a relação de interdependência entre revelação e sinais dos tempos no círculo hermenêutico do processo de aprender a aprender” (MURAD, Afonso. *Este cristianismo inquieto: a fé encarnada*, em J. L. Segundo. São Paulo: Loyola, 1994. p. 125-126).

<sup>5</sup> MESTERS, Carlos. *Palavra de Deus na história dos homens*. Belo Horizonte: O Lutador, 1969. p. 151.

<sup>6</sup> SEGUNDO, Teología abierta III, p. 169.

<sup>7</sup> MELO, A evangelização, p. 65.

A noção teológica de *senal dos tempos* tem um ponto de partida: a *fé* na ação misericordiosa de Deus, presente na história de toda a humanidade. A *fé* em que a história do homem é, por conseguinte, uma história santa<sup>8</sup>.

Estes sinais de Deus, porém, só são percebidos por aqueles que estão imbuídos de seu Espírito. É pela presença e atuação do Espírito que a Igreja perscruta e interpreta os sinais dos tempos. É o Espírito da verdade que capacita para essa compreensão (Jo 16,14) e essa interpretação não se restringe a uma melhor compreensão intelectual do dado da fé, confrontado com os fatos reais, mas é abertura a uma práxis que interage com a realidade em vista da humanização do mundo.

A ação do Espírito consiste não em “dizer de uma vez” todo o conteúdo da revelação, mas em fazer com ele um contínuo diálogo com novos problemas suscitados pela história. E ali, interrogações e respostas, busca e revelação, se prestam “mútuo serviço”<sup>9</sup>.

Assim, a partir dos sinais dos tempos, estabelece-se o diálogo entre a Igreja e o mundo<sup>10</sup>. A fé na ação de Deus presente na história desvela os sinais como uma interpelação dirigida não só à Igreja, mas ao mundo. Os sinais dos tempos brotam do dinamismo da própria história. Ele é “um tempo que não nos tira do mundo, mas que nos relaciona expressamente com Deus, pois consiste em dar mais atenção à sua palavra transmitida pelo acontecer temporal”<sup>11</sup>. Cabe à Igreja a missão de interpretar tais sinais e de oferecer tal interpretação como um serviço de amor à humanidade.

É uma conquista para a teologia e para a práxis eclesial considerar os sinais dos tempos não só como o elemento final a ser iluminado pela reflexão que parte da lógica *revelação-fé-tradição-sinais dos tempos*, mas tomá-los também como um ponto de partida invertendo a referida ordem, considerando-os numa seqüência antropológica ou existencial. Cria-se uma abordagem que não é oposta, mas complementar à primeira e preenche de potenciais e novas perspectivas.

É sabido que cada nova geração humana traz consigo o desejo de sentido, realização e felicidade para a sua própria existência. Este desejo se desenvolve em meio às variações de cada momento histórico e clama não só por imediata satisfação, mas por interlocutores que desejem compreendê-lo sem querer impor suas censuras, receios e manipulações. Assim, a atenção e a reflexão sobre os sinais dos tempos convertem os cristãos

---

<sup>8</sup> SEGUNDO, Teología abierta I, p. 150.

<sup>9</sup> SEGUNDO, Teología abierta III, p. 115, nota 25.

<sup>10</sup> Cf. SEGUNDO, Teología abierta III, p. 46-50.

<sup>11</sup> SEGUNDO, Teología abierta III, p. 49.

em interlocutores entre a Igreja e o mundo, em leitores do momento presente da história que suplica por interpretação.

Diante da reflexão sobre os sinais dos tempos de J. L. Segundo, é mister lembrar que coube ao Papa João XXIII o mérito de ter resgatado essa categoria para o discurso atual da Igreja. O contexto desse resgate era o da convocação do Concílio Vaticano II. O Papa, na bula convocatória, assim se expressou:

Apropriando-nos da recomendação de Jesus, de saber identificar os sinais dos tempos, acreditamos descobrir, em meio a tantas trevas, numerosos sinais que nos infundem esperança sobre os destinos da Igreja e da humanidade (AAS 54).

A ênfase assumida por João XXIII era a da abertura da Igreja para o diálogo com a modernidade, o empenho ecumênico e o desejo de apresentar ao mundo atual o Evangelho de forma significativa. Para concretizar este apelo, a expressão sinais dos tempos, presente na pregação de Jesus (cf. Mt 16,3; Lc 12,54-56), se encaixou de forma perfeita na motivação para o Concílio. Um dos documentos de maior repercussão do Vaticano II afirmou que, para a Igreja cumprir bem sua missão, precisa,

[...] em todas as épocas, perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para ser capaz de oferecer, de forma apropriada ao modo de ser de cada geração, respostas às eternas perguntas do ser humano a respeito do sentido da vida presente e futura e as relações de ambas (GS 4).

Esta categoria obteve uma recepção ampla e crescente não só no discurso magisterial, mas também no seio da reflexão teológica. J. L. Segundo é um dos teólogos que maior expressão e aprofundamento conferiu ao resgate dos sinais dos tempos como referencial irrenunciável não só da teologia, mas de toda a vida eclesial.

Uma primeira abordagem, vinda do Magistério, vê os sinais dos tempos como um apelo lançado por Deus, interpretado pela Igreja e proclamado ao mundo de forma profética. Os sinais são eventos históricos por meio dos quais a Palavra de Deus ressoa procurando acolhida no coração humano. Neles manifesta-se o agir salvífico do Deus libertador na história. À Igreja cabe o serviço de hermeneuta desses sinais. Afinal, “a Igreja não possui o monopólio da ação de Deus, mas é uma serva dessa ação que a excede, extraordinariamente”<sup>12</sup>. Ela é a voz que traduz o apelo de Deus que traz libertação para os seus. A evangelização parte dessa interpretação dos sinais e culmina no anúncio da Palavra.

---

<sup>12</sup> SEGUNDO, Teología abierta I, p. 150.

Afinal, a fidelidade a esses sinais é um dos critérios que permite julgar a autenticidade da ação da Igreja no mundo<sup>13</sup>.

J. L. Segundo faz perceber com sua reflexão teológica que os sinais dos tempos são também para a Igreja. Mais do que isso: são principalmente destinados à Igreja. Sendo “evangelizadora, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (EN, 15). Ela é a primeira destinatária da comunicação de Deus. Para cumprir sua missão de interpretar os sinais, a Igreja necessita criar aquela disponibilidade aos apelos da Palavra, que continuamente a desinstala e a converte em sinal de salvação para a humanidade. “Em cada situação, necessita descobrir em que está sendo chamada à conversão, à renovação a fim de que, fiel ao Evangelho que proclama, evangelize o mundo com credibilidade”<sup>14</sup>. Sendo assim, parece evidente que a rigidez institucional, o abafamento do carisma e o apego a determinadas configurações históricas dificultam ou impedem a Igreja de cumprir com fidelidade a sua missão de intérprete e anunciadora dos sinais dos tempos.

Num cenário em que a Igreja se configura ao evangelho, nota-se um incrível dinamismo para distinguir e discernir os sinais dos tempos e, diante deles, se apresentar como uma espécie de vanguarda do processo de humanização querido por Deus. Exatamente o contrário aconteceu – e acontece – nos campos dominados por posturas reacionárias e autoritárias. E, como tal distorção se deu muitas e repetidas vezes na história, tornou-se comum associar o testemunho eclesial àquilo que de mais atrasado e anti-humano se possa imaginar. Não são poucos os que fazem esse tipo de associação. Atitudes de imprudente condenação, avaliações preconceituosas, decisões autoritárias desfiguraram a Igreja diante do homem de hoje, que tem dificuldade em crer e confiar no modo como a Igreja se põe diante da realidade. Recolocar os sinais dos tempos como foco da atenção e sensibilidade cristã e interpretá-los na perspectiva da humanização a partir de Deus é um caminho a ser feito para que a Igreja cumpra plenamente a sua missão<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Cf. MELO, A evangelização, p. 74.

<sup>14</sup> MELO, A evangelização, p. 175.

<sup>15</sup> Cf. SEGUNDO, Teología abierta I, p. 148-153.

#### 4.1.2 Dois grandes sinais dos tempos no começo do cristianismo

*A fidelidade à Palavra inclui a fidelidade ao momento histórico, isto é a fidelidade à ação de Deus oculta em nosso tempo  
(Juan Luis Segundo).*

Lembrando o discurso de Pedro em casa de Cornélio, importa lembrar os sinais que Lucas interpreta como apelo para uma nova prática. Considerando os sinais dos tempos como o lugar onde a Palavra de Deus pode ser dita e ouvida, e consciente de que estes sinais são a matéria-prima do diálogo entre a Igreja e o mundo, podem ser elencadas duas realidades do começo do cristianismo que emergem como autênticos sinais dos tempos: *a rejeição da Palavra por parte dos judeus e a acolhida da Palavra por parte dos pagãos.*

##### **a) A rejeição da Palavra por parte dos judeus**

Em textos diversos, Lucas destaca a universalidade da salvação de Deus. Não só Israel é povo eleito, chamado a conhecer a boa-nova de Jesus Cristo, mas também os gentios. Ninguém é excluído da salvação que Deus oferece em seu Filho, Jesus Cristo. Esse viés perpassa tanto o Evangelho quanto o livro dos Atos dos Apóstolos.

Em Pentecostes, uma multidão sem fim ouve a Palavra. Pedro lembra o que profetizou o profeta Joel: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo!” (Jl 2,21). Para realçar, no final do discurso, Pedro diz: “A promessa é para vós e para vossos filhos, e para todos que de longe ouvirem a voz do Senhor” (At 2,39). Há quem diga que esta referência diz respeito aos judeus dispersos pelo mundo, mas sempre fica a possibilidade de ser uma alusão aos pagãos. Em At 3,5, lê-se “todas as famílias da terra”, logo, judeus e pagãos. E os textos não param aí. Quando Lucas interpreta a missão de Paulo sob a ótica de Is 49,6, enfatiza essa universalidade da salvação de Deus, que desde o princípio também chamou os pagãos para junto dele. Não há nada de estranho, então, no fato de Lucas querer legitimar a missão de Paulo entre os gentios, pois Deus, em seu amor, já havia assim determinado. É parte integrante do projeto de Deus que a boa-nova de Jesus Cristo chegue aos pagãos.

Como já é sabido, a missão de Paulo só toma corpo, nos Atos dos Apóstolos, depois de legitimada por meio de Pedro, no episódio de Cornélio (At 10,1–11,18), e defendida no Concílio de Jerusalém (cf. At 15,6-21).

Com o *imprimatur* dado por Pedro quando da conversão do pagão Cornélio, o caminho cristão no mundo dos pagãos vai se consolidando com a fundação da primeira Igreja num grande centro pagão: Antioquia. Se Cesaréia é a sede da

autenticação teológica da missão dos pagãos, Antioquia é a sede da sua concretização histórica<sup>16</sup>.

Lucas segue sua narrativa depois do episódio de Cornélio, mostrando como a Igreja da Antioquia crescia, estimulada pela pregação dos que se dispersaram por ocasião do martírio de Estêvão. Lá chegando, estes discípulos anunciaram a Palavra aos pagãos, propondo a eles a boa-nova de Jesus (cf. At 12,20). Uma reviravolta histórica se dá em Antioquia. Um grupo misto de cristãos – judeus e gentios – foi constituído. Dali, as missões para os gentios se difundem e vão ganhar expressão significativa com a entrada de Paulo no cenário da evangelização.

Porém, como se vê, historicamente, a questão é bem diferente dessa “sistematização” de Lucas em Atos. Os cristãos não esperam Pedro para anunciar a Palavra aos pagãos. Paulo muito menos! As cartas paulinas, bem anteriores aos Atos (50 a 62 dC), dão informações bem diferentes. Com toda certeza, a missão de Pedro e Paulo são simultâneas e não consecutivas. Quando Lucas escreveu Atos, Paulo já estava em plena atividade missionária entre os pagãos (cf. Gl 2,7-8 em que Paulo se apresenta como apóstolo dos incircuncisos), uma escolha feita – ou pelos menos reforçada – em consequência de os judeus terem rejeitado a Palavra de Deus<sup>17</sup>, por ele anunciada.

O texto mais revelador dos Atos dos Apóstolos acerca da rejeição é sem dúvida o episódio de Paulo em Antioquia da Psídia (cf. At 13,13-51). Lucas narra que, Paulo, após anunciar a Palavra aos judeus daquela cidade, percebe uma clara rejeição. Paulo decide, então, anunciar a boa-nova aos pagãos. Esse é o centro da crise que se desencadeia. No versículo 45, Lucas diz que, vendo aquela multidão, os judeus se encheram de *z, h, l ou*, termo que pode designar tanto algo negativo, como ciúme e inveja, quanto algo positivo, como o zelo por Deus. A difusão da Palavra de Deus para os povos gentios parece insuportável aos judeus de Antioquia.

---

<sup>16</sup> FABRIS, Os Atos, p. 224.

<sup>17</sup> Marguerat lembra que há duas interpretações inconciliáveis em torno da obra lucana. Uma que perdurou até 1970, mostrando os judeus como os grandes culpados da morte de Jesus, um povo que de eleito passa a inimigo de Deus. E outra mais recente, que, em vez de desatar o cristianismo do judaísmo, se esforça para reforçar seus laços. No caso deste trabalho, não é preciso escolher um dos dois paradigmas. O objetivo é só mostrar que Lucas terá de interpretar os fatos acontecidos, vendo neles um sinal de Deus na história. Ainda que se assuma a tese de que os judeus já tinham acolhido a Palavra e, só depois desta acolhida, a boa-nova extrapolou os limites para atingir os pagãos, o que importa é que as dificuldades encontradas entre os judeus – que vão desembocar na ruptura entre judaísmo e cristianismo – servem de estímulo para o anúncio entre os pagãos. Cf. MARGUERAT, A primeira história, p. 154-160.

Como Paulo interpreta a recusa desses judeus? Certamente, eles eram os primeiros destinatários da Palavra de Deus, pois era conhecida a prioridade de Israel. Mas eles se acharam indignos da vida eterna (cf. At 13,46), pensando já possuí-la. O anúncio aos pagãos, no entanto, já era previsto pela Escritura. Ele será o caminho para tornar a salvação de Deus universal.

## **b) A acolhida da Palavra por parte dos pagãos**

*Destinada a todos os homens, a evangelização precisa levar em conta os seres humanos aos quais se dirige (Antônio Alves de Melo).*

Se, por um lado, a Palavra anunciada pelos apóstolos encontrava barreiras entre as autoridades judaicas; por outro, ela se difundia amplamente entre os gentios que, cansados das religiões pagãs, estavam sedentos de algo consistente e novo. Os pagãos vão formar com os judeus que aderiram a Jesus “o povo definitivo de Deus que adquire dimensões do mundo. Desta forma, partilham com os judeus as promessas bíblicas que se realizaram com o advento do Messias”<sup>18</sup>.

Como foi visto, fica claro no livro dos Atos dos Apóstolos que o endurecimento dos judeus estimula Paulo a abandoná-los à sua própria sorte (At 13,46). Em Roma, Paulo declara que desistiu de convencer Israel como um todo que Jesus é o Messias esperado. Assim,

[...] a recusa dos judeus constitui a “ocasião histórica” para que a missão seja dirigida mais rapidamente aos gentios e se torne exclusiva para eles, sendo o povo judaico pervertido nos seus sentidos e incapaz de aceitar o anúncio da boa-nova de Jesus. O endurecimento de Israel funciona como um “acelerador”, fazendo com que os tempos do anúncio aos pagãos sejam antecipados e definitivamente abertos<sup>19</sup>.

Lucas vai insistentemente mostrar que a Palavra de Deus ganha terreno e se difunde entre os pagãos. Os pagãos, que sabem bem pouco sobre as promessas messiânicas judaicas, recebem o anúncio do querigma: Jesus, o Senhor: morto, ressuscitado, glorificado. É este Senhor que os livra de todos os pseudo-senhores, a quem antes eles rendiam adoração. O anúncio tem sucesso. E a cada dia aumenta mais o número dos que aderiam à Palavra de Deus.

---

<sup>18</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 443.

<sup>19</sup> CASALEGNO, Ler os Atos, p. 443-444.

### 4.1.3 Uma necessária releitura da história

*Mestre não é quem ensina, mas quem, de repente, aprende.  
(Guimarães Rosa).*

Diante das evidências dos fatos, Lucas relê a história. Como historiador e homem de fé, narra os fatos e explica-os teologicamente, por via da ação divina. Sob as aparências da história banal, cheia de incógnitas e incertezas, Lucas vê a ação do Espírito. Discerne os sinais dos tempos, como ele próprio já havia escrito em seu Evangelho. Para Lucas, a ação do Espírito não é uma explicação cômoda para fatos constrangedores. O Espírito

[...] é visto agindo no próprio curso da história, numa história feita de todas as fraquezas dos homens, de todos os imponderáveis, de tudo o que ela tem de imprevisível, mas em cujo interior o Espírito age eficazmente, mesmo se o fiel não consegue reconhecê-lo senão no fim de um longo itinerário<sup>20</sup>.

Sendo assim, Lucas vai ver em cada fato – tanto na rejeição dos judeus quanto na sede dos pagãos – o sinal de Deus para as mudanças necessárias que efetivam a acolhida dos pagãos. Mas não basta, entretanto, a consagração teológica, a certeza da ação de Deus, de que tudo estava inscrito em seu projeto original. Lucas vai buscar o reconhecimento eclesial da missão entre os gentios. Os sinais dos tempos exigem que a Igreja se mexa. Afinal, como lembra J. L. Segundo, “é ‘dever’ da Igreja perscrutar os sinais dos tempos para ‘poder’ atendê-los de maneira exata”<sup>21</sup>. Os sinais dos tempos indicam que a Igreja deve não somente “anunciar” o evangelho. Ela precisa, no fundo, aderir a ele. Assim, os sinais dos tempos levam não só a anunciar a boa-nova aos povos para que estes se convertam, mas implicam também na conversão da própria Igreja<sup>22</sup>. Parafrazeando o grande Guimarães Rosa: Evangelizador não é aquele que anuncia a conversão, mas aquele que, de repente, se converte.

### 4.1.4 De olhos bem abertos para perceber os sinais dos tempos

No vai-e-vem do balanço das tumultuadas águas da história, a barca de Pedro se vê agitada, quase a naufragar. Os discípulos sabem que é preciso contar com o mestre para acalmar a tempestade. Jesus parece indiferente ao sufoco que seus discípulos passam: dorme tranqüilo sobre um travesseiro (Mc 4,38). Mas ele vai ser despertado e vai calar vento e mar.

---

<sup>20</sup> AS EPÍSTOLAS, p. 105.

<sup>21</sup> SEGUNDO, Teología abierta I, p. 150.

<sup>22</sup> Em sua tese de doutorado sobre a as dimensões teológicas e os desafios pastorais da evangelização no Brasil, Melo afirma: “Partindo da sempre renovada evangelização de si mesma, a Igreja entrega-se à evangelização do mundo, dos povos, das culturas e de cada pessoa” (MELO, A evangelização, p. 84).

Não há como negar: a agitação do mar da vida afeta a Igreja, que não está imune ao balanço das águas. Está no mundo, mesmo não sendo dele<sup>23</sup>. Navega nele, transita nele e – por que não? – é parte dele. Toda sua caminhada de evangelização está cadenciada pelo ritmo dessas águas. Mudando-se o batido das ondas, muda-se o ritmo da barca. Para novos tempos, nova catequese se faz necessária. Assim,

[...] a renovação da catequese participa das transformações pelas quais passam o mundo e a Igreja que vive no mundo de hoje. Vivendo na carne as mutações de uma época de transformações muito rápidas, sentimos que nossa catequese precisa adaptar-se profundamente ao homem de hoje. A palavra adaptação talvez não seja a mais feliz para exprimir a orientação que deve tomar o esforço catequético. Tendo se “reconciliado com o mundo”, a Igreja precisa seriamente auscultar e perscrutar o coração do homem, o coração dos grupos humanos, o sentido do projeto de felicidade desses mesmos homens para poder dar-lhes luz na caminhada através do tempo, na construção do Reino<sup>24</sup>.

Nas entrelinhas da história, Deus se revela e mostra à Igreja o caminho do Espírito. Para acolher a orientação de Deus, é preciso, porém, estar atento aos seus sinais. É preciso ficar de olhos e ouvidos bem abertos para ver e ouvir o que o Espírito está a dizer à Igreja (cf. Ap 2,7). É preciso ficar sintonizado: sair da rotina e se colocar em oração, no desejo de acolher o que Deus tem para falar<sup>25</sup>.

Pedro subiu ao terraço para orar. Cornélio estava rezando quando recebeu a visita do anjo. A oração dá o ritmo da caminhada lucana e assinala as mudanças mais importantes da expansão da Palavra: na escolha dos missionários (cf. At 1,24; 6,6; 13,3; 14,23; Lc 6,12); nos momentos de crise e perseguição (cf. At 4,23-30; 12,5.12; 16,25; 20,36; 21,5); nos momentos de acolhida dos dons de Deus e de discernimento de sua vontade (cf. At 1,14; 8,15; 10,9.30; 11,5; 22,17, 28,8).

Lucas coloca a oração como o lugar privilegiado no qual Deus se revela e manifesta sua vontade a respeito da salvação. Cada um que se põe em oração coloca-se ao dispor do Senhor para acolher o que ele tem a mostrar, para mudar de rumo, se preciso for. Esta atitude constante de oração realçada nos Atos dos Apóstolos indica a postura orante que Lucas espera da comunidade nascente, que não deve caminhar por si mesma, mas precisa estar sempre bem atenta aos sinais do Espírito que a conduz. A atitude orante da Igreja

---

<sup>23</sup> O papa insiste na pertença do leigo ao mundo, mas não só do leigo, como também dos cristãos em geral. Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*: Exortação apostólica *Christifideles laici*. São Paulo: Paulinas, 1990.

<sup>24</sup> GUIMARÃES, Almir Ribeiro. Prefácio. In: SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*: teoria e prática da catequese. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 5.

<sup>25</sup> Cf. SEGUNDO, Teología abierta III, p. 46-50.

coloca-a como dependente de Deus. É ele quem conduz a história. É ele quem faz o projeto de expansão da Igreja. É ele quem comanda a grande orquestra, que, regida por seu Espírito, ento a mesma e única melodia. A atitude de oração ajusta a sintonia entre o céu e a terra. Possibilita ler os sinais dos tempos e deixar o Espírito conduzir a história por caminhos nunca dantes imaginados.

## **4.2 Lucas compreende a dinâmica da fé**

Para acolher os pagãos na comunidade cristã e adaptá-la aos novos convertidos, Lucas precisou compreender a dinâmica da fé, isto é, da lei de Deus e de sua manifestação entre o seu povo. Não é de hoje que há uma tendência de congelar a fé, como se mumifica um corpo, no desejo de preservá-lo. A intenção é boa, mas os resultados podem ser funestos.

A dinâmica dos Atos dos Apóstolos mostra Lucas como um teólogo atento ao novo, de olho nos sinais dos tempos, mas com os pés bem firmes na história de Israel. Lucas nunca perde a chance de frisar que Israel é terra boa onde a semente da Palavra germina, fazendo brotar a comunidade primitiva. Os cristãos freqüentam o templo (cf. At 2,42.47; 4,21.33; 5,13), os apóstolos anunciam a boa-nova nas sinagogas (cf. At 13,5.14-15; 14,1; 17,1-20), a fundamentação da evangelização é sempre escriturística (cf. At 2, 14-36; 7, 1-53). Lucas conhece bem a fé do povo de Israel e nela se fundamenta. Conhece a lei judaica e valoriza-a. Mas evita uma abordagem errônea que congele a lei como uma formulação fixa e intocável. Não engessa uma expressão histórica, pois sabe que ela é sempre rerepresentada em contextos distintos daquela em que foi formulada. Afinal, cada expressão da lei, da fé tematizada, é capaz de responder com eficácia somente ao seu tempo. Mudando o contexto da legislação, mudam-se as compreensões. Uma nova hermenêutica se faz necessária para ser mantida a fidelidade à lei, mas sempre a partir da tradição que a formulou.

Para ser fiel a Deus, Lucas vai romper com uma tradição milenar. A interpretação rígida da Lei não estava mais de acordo com a vontade de Deus, tão misericordioso e desejoso que todos se salvem. Por isso, Lucas vai reinterpretar a lei da pureza que vigorava há anos e impedia a comensalidade com os gentios. Vai redizer a misericórdia do Senhor, não mais a partir do zelo de Deus por Israel, mas sim do amor apaixonado pela humanidade inteira, predestinada para a salvação.

O episódio de Cornélio sinaliza o processo de ruptura que se deu na comunidade nascente. Não é absurdo afirmar que tal mudança acontece a partir de uma necessidade dos

pagãos, do povo, e não de uma percepção da “hierarquia” da Igreja nascente. Há sinais disso no texto. Cornélio vê o anjo e manda mensageiros atrás de Pedro. Reúne os seus e fica na expectativa de receber a Palavra que Deus prometeu anunciar-lhe por boca do apóstolo, testemunha do Senhor. A comunidade dos pagãos, simbolizada em Cornélio e seus amigos, recebe o Espírito antes do batismo. Lucas parece ter compreendido bem que a reinterpretação de uma lei, de um dogma, de uma verdade da Igreja, nasce muitas vezes nas bases e só depois é ratificada pelas autoridades. Acontece que o povo está sempre mais livre para o novo que a hierarquia da Igreja – especialmente o Magistério, cuja função é zelar pela preservação da verdade, evitando que ela encontre descaminhos. Mas Lucas vai sinalizar o processo de releitura da lei judaica com muita sabedoria: o povo sentiu sede de Deus, o Espírito não aceitou os limites da lei, a hierarquia deu seu *imprimatur*. Lucas abre novos horizontes para a Igreja nascente dialogar com o mundo. Num momento em que novos pensamentos eram somados ao mundo judaico,urgia a necessidade de saber acolher a novidade do Espírito, sem, no entanto, desvalorizar a história de Israel.

O episódio de Cornélio aponta para três questões centrais da fé, que garantem seu dinamismo. *Primeiramente*, supera-se uma visão da lei e da história de Israel que se centrava mais no conteúdo da lei, na verdade que ela revelava, que no processo educativo inerente ao fato de Deus dar a lei a seu povo. *Depois*, retoma-se a pedagogia divina, pois a infalibilidade da lei, vista como algo factual, pontual, atestava contra a dinamicidade da revelação. *Por fim*, mostra que é própria da fé a experiência da caducidade dos valores, que precisam ser acolhidos e corrigidos na cadência da existência humana.

Essa acolhida da fé implicava, na comunidade nascente, em sérias rupturas com a leitura vigente da lei judaica, que Jesus Cristo já tinha sinalizado em seu ministério.

#### **4.2.1 Compreendendo a dinamicidade da fé**

*Os dogmas são símbolos [...] de um mundo que aprende  
(Juan Luis Segundo).*

Já virou lugar comum pensar que a fé é algo estabelecido desde tempos mais remotos e que os dogmas são verdades absolutas, inquestionáveis, a não ser sob pena de grave heresia. Essa rigidez teológica gerou em alguns cristãos o desejo de uma religião sem dogmas, uma religião *light*, em que basta “só fazer o bem”... Mas será possível pensar a fé

integralmente sem algumas definições dogmáticas? Ou será necessário “repensar os dogmas”<sup>26</sup> e recolocá-los em seu lugar original?

Falar de dogma em tempos modernos é sempre complicado<sup>27</sup>. Para a maioria dos cristãos de hoje, o termo dogma lembra algo já engessado, cristalizado, fruto de decisões impostas por autoridades religiosas. Algo que pode ter sido útil no passado, quando a Igreja estava em pleno embate na Idade Média, mas não hoje em que o ritmo da história é outro.

O melhor caminho para se pensar os dogmas é o da volta ao seu lugar original. J. L. Segundo propõe repensar os dogmas, compreendendo-os como um fato humano significativo, algo que nasce da necessidade humana. Assim, urge retomar a experiência do povo de Deus na Bíblia e identificar a linguagem que a viabilizou.

É bem sabido que todos os grupos humanos elaboram verdades centrais que exprimem sua identidade e dão coesão à sua gente. Cada povo tem seus dogmas e estes estão sujeitos a uma revisão crítica e a um necessário aperfeiçoamento. Estas verdades são trampolins que possibilitam a aprendizagem, especialmente o processo de aprender a aprender<sup>28</sup>. Assim entendidos, os dogmas passam a ser vistos como o resultado de um processo lento, natural e gradual de buscar a verdade humanizadora. Rompe-se, então, com a visão de dogma como algo isolado, contendo verdades intemporais e imutáveis, coisas misteriosas nas quais se deve crer sem explicações maiores. “Os dogmas são símbolos do mundo dos valores, e certamente de um mundo em movimento, de um mundo que aprende”<sup>29</sup> Para J. L. Segundo, o dogma é um componente essencial do processo de aprendizagem, iniciado com a revelação e sempre aberto ao novo da história, e a Bíblia é reveladora da dinâmica do dogma<sup>30</sup>. Tal dinâmica mostra que o processo de aprendizagem abarca erros e acertos, articulando, ao mesmo tempo, a expressão da vontade divina e a transitoriedade da experiência humana. Nesta corda bamba atua o Espírito Santo, capacitando os seres humanos a interpretarem a Palavra de Deus, ampliando seu sentido, superando seus elementos caducos, atualizando sua mensagem para o tempo presente. É o aspecto hermenêutico da fé, lembrado

---

<sup>26</sup> Esta expressão vem do título de uma conhecida obra de um dos mais destacados teólogos dos últimos tempos. Cf. RAHNER, Karl. *O dogma repensado*. São Paulo: Paulinas, 1970.

<sup>27</sup> Mais uma vez, o teólogo J. L. Segundo será a base da reflexão aqui elaborada, especialmente com suas obras *El dogma que libera: Fe, revelación y magisterio dogmático*. Santander: Sal Terrae, 1989 (trad. bras., Paulinas, 2000) e *El hombre de hoy ante Jesús de Nazaret*. Madrid: Cristiandad, 1982. v. 1 (trad. bras., Paulinas, 1985).

<sup>28</sup> Cf. SEGUNDO, El dogma, p. 141.

<sup>29</sup> SEGUNDO, J. L. El hombre, p. 98.

<sup>30</sup> Cf. SEGUNDO, El dogma, p. 49-123.

por Libanio.

O aspecto hermenêutico da fé é uma decorrência interna da estrutura humana de conhecer. A fé é conhecimento segundo nossa maneira de conhecer. Evidentemente nessa tarefa somos todos assistidos pelo Espírito Santo. [...] A fé é interpretação, porque, além de compromisso, é conhecimento de Deus e de seu projeto salvífico<sup>31</sup>.

Partindo dessa concepção teológica, já se foi o tempo em que se pensava o dogma como algo que deve ser crido, mesmo sem ser entendido, um tempo em que a linguagem do dogma era de tal forma fossilizada que não se podia retrabalhá-la, como se a linguagem esgotasse o mistério que o dogma contempla.

#### 4.2.2 Considerações importantes sobre os dogmas

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.  
Por isso aprendemos sempre  
(Paulo Freire).*

a) Há uma mensagem mais profunda nas formulações dogmáticas que a própria formulação.

Se a linguagem é símbolo e, por isso, aponta para algo além de si, toda formulação dogmática certamente quer levar à compreensão de algo que é maior do que ela mesma. A verdade mais profunda de um dogma, com certeza, está para além de sua enunciação formal. Está bem mais no processo educacional<sup>32</sup> da busca do dogma que nele mesmo. Isso não porque o processo seja a soma de verdades descobertas, mas porque cada novo fator que entra em jogo modifica as informações anteriores, multiplicando a capacidade de compreensão dos dogmas já enunciados<sup>33</sup>.

b) Certa maneira de entender a infalibilidade do dogma condena-o ao engessamento e atenta contra o caráter pedagógico da revelação de Deus.

È fato notável na Bíblia a paciência de Deus e sua pedagogia com seu povo. Pouco a pouco, Deus vai se revelando e se dando a conhecer. Deus entra de mansinho na dinâmica humana, porque é o Deus da história, e não uma aparição mirabolante, sem raízes no chão do seu povo. Assim, se considerada de forma pontual, a infalibilidade do dogma fica fora dessa pedagogia. Escapole ao ritmo divino da revelação no qual a verdade se situa. J. L.

---

<sup>31</sup> LIBANIO, João Batista. *Introdução à Teologia*: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 162.

<sup>32</sup> Cf. SEGUNDO, El dogma, p. 175-178.

<sup>33</sup> MURAD, Este cristianismo, p. 136.

Segundo lembra que o “aprender a aprender” é mais que a aprendizagem definida. O caráter irrevogável de um dogma arranca-o do processo de sempre buscar a verdade.

c) A verdade da fé não está esgotada e pronta

A experiência da imperfeição da verdade é uma característica da fé. Cada experiência acolhida corrige a anterior, possibilitando redizer a verdade de forma sempre nova e mais compreensível. Ao se deparar com novos desafios, a pessoa de fé percebe os limites das formulações postas e se vê impelida a buscar novas compreensões, na tentativa de se aproximar cada vez mais da verdade. E esse processo não pára: é algo dinâmico, fluido, que vai no ritmo da música humana. Tentar esgotar a verdade sem abertura para o novo que ela contém seria esvaziá-la de sua máxima potencialidade. Seria empobrecê-la.

#### **4.2.3 Uma necessária releitura do dogma**

Uma compreensão errônea cristalizou o dogma como uma verdade fixa e imutável. Colocou-o dentro de molduras, tomou-o como algo sagrado que revela a vontade de Deus, mas tão fixo e tão cristalizado que nem mesmo suas formulações deveriam ser tocadas. Com isso, engessou-se uma expressão histórica pontual, congelou-se a tradução de uma verdade como a própria verdade, impossibilitando que ela fosse repensada em novos contextos, chegando a definição dogmática a ser vista como o produto final do longo processo de acolhida eclesial da revelação.

O que parece, porém, é que, nessa cristalização dogmática, ficou esquecido que cada definição dogmática fala somente ao homem de seu tempo, agente e destinatário dessa expressão. Uma vez alterado o contexto e surgido um destinatário diferente, urge reinterpretar o dogma diante de novas experiências, atualizando a linguagem para manter sua significação existencial. Caso contrário, o risco é o dogmatismo, um fechamento ao dinamismo que é próprio da história humana.

Ao longo da história do cristianismo, torna-se fundamental reconhecer os limites de um pensamento que sacralizou a linguagem filosófico-teológica como a expressão mais apropriada do dogma: uma linguagem digital, quase matemática, minuciosamente exata. Em contrapartida, a revelação parece ganhar maior expressão e maior força quando veiculada por uma linguagem icônica<sup>34</sup>, nada exata, mas ampla em seus significados. Nesta nova

---

<sup>34</sup> Cf. SEGUNDO, El dogma, p. 173; SEGUNDO, A história, p. 43-44.

perspectiva, os dogmas são compreendidos como formulações que tematizam a fé, em determinados momentos da história. A hermenêutica dos axiomas dogmáticos evita que a letra mate o significado original do mesmo. Surgindo novos desafios, novas interpretações são propostas, complementando e ampliando as anteriores. Porém, essa hermenêutica dogmática tão necessária não se faz a partir do nada, como uma criação *ex nihilo*, mas retomando um “antes”, representado pela Tradição, atendendo aos apelos dos sinais dos tempos.

Lucas não desmerece a fé dos antepassados, nem sequer a crítica. Apenas repensa as formulações que encontra, arrancando-lhes novo significado. Não inventa novos dogmas: reelabora o que já tem. Mantém os laços com a comunidade de origem, mas sem escrúpulos de romper formulações caducas. Na pessoa de Pedro, faz a Igreja nascente se abrir para o processo de educação da fé. Relê os dogmas sob outra ótica, partindo de elementos novos, os sinais dos tempos, que multiplicam a capacidade de compreensão da revelação. Afinal, é tarefa da Igreja “traduzir e interpretar a revelação”<sup>35</sup>. É próprio da fé esse dinamismo.

#### **4.2.4 De coração bem aberto para dialogar com o mundo**

Se, para Lucas, foi necessário estar de olhos bem abertos para ver o que o Senhor mostrava por meio dos sinais dos tempos, mais importante ainda foi manter o coração escancarado para acolher o novo que veio surgindo por meio desses sinais. De nada adiantaria perceber a rejeição dos judeus e a sede dos pagãos, se ele não estivesse disposto a arriscar em Deus, a confiar de que ele fala por meio da história. Mais que ler os sinais dos tempos é preciso acolher o que eles significam: abrir-se para o mundo numa atitude corajosa e desarmada, sem medos e fantasias.

O gesto de Pedro de batizar os pagãos e de hospedar-se com eles, comendo do mesmo pão em suas casas, revela a abertura da Igreja lucana. Não bastava ver a chegada dos pagãos e até achar necessário acolhê-los, mas ficar estarecido diante da formulação da lei judaica que proibia a comensalidade com os não-judeus. Era preciso mais. Era urgente romper com a formulação dogmática que vigorara até então, dando-lhe novo significado. O texto dos Atos dos Apóstolos mostra essa atitude desafiadora de Lucas, que provoca sua comunidade a dialogar com o mundo e a repensar seus “dogmas”, tão antigos e enraizados!

---

<sup>35</sup> MURAD, Este cristianismo, p. 159.

É o que Lucas faz com a lei judaica do puro-impuro. Baseado na prática libertadora de Jesus, Lucas percebe o apelo do momento: abrir-se para os pagãos. Sabendo que todo grande processo de mudança começa não com uma pessoa ou uma elite, mas brota de um dinamismo comunitário, Lucas vê nas novas comunidades mistas – de origem paulina – o sinal necessário para repensar os valores orientadores da acolhida no seio da Igreja. A formulação dogmática do puro-impuro deve ser repensada. O dogma da eleição judaica será revisto. A força libertadora das comunidades nascentes exige que os grilhões institucionais sejam removidos. Lucas vai colocar em Pedro a responsabilidade pela decisão final, mas só depois que o Espírito já impôs sua novidade por meio do povo. O Líder da Igreja legitima e ratifica uma mudança que nasce no meio do povo. Surge, então, um novo jeito de ser Igreja: não mais baseado no modelo judaico, mas segundo uma nova cultura que se impõe.

### **4.3 Conclusão**

Ao ler os sinais dos tempos – a rejeição da Palavra de Deus por parte dos judeus e a acolhida evidente dos pagãos –, Lucas faz uma releitura da história e percebe que não é coerente com a fé cristã ficar insensível a esses sinais. Ele compreende a dinamicidade da fé e percebe que a lei judaica é um dogma que precisa ser reinterpretado. Lucas “não quis o que estava no ar, [por isso, mandou] vir uma idéia de mais longe”<sup>36</sup>. Uma hermenêutica da lei judaica se fez necessária e urgente.

Lucas está de olhos bem abertos para ver os sinais dos tempos e de coração receptivo para acolher a novidade do Espírito que o põe em diálogo com as novidades do seu tempo.

---

<sup>36</sup> ROSA, Grande Sertão, p. 56.

## 5 CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICO-PASTORAIS

*Deus não substitui o velho pelo novo:  
faz do velho novo  
(Leonardo Boff).*

Diante do precedente aberto pelo mestre Jesus (cf. 3.4.2), Lucas vê a possibilidade concreta de dar razão à atividade missionária de Paulo entre os pagãos. O que ainda impedia a comunidade nascente de radicalizar suas atitudes, assim como fez Jesus? O que impedia a comensalidade com os pagãos, se Jesus já havia comido com os pecadores? O que proibia a convivência fraterna entre judeus e gentios, se Jesus já tinha deixado um novo legado que unia amigos e inimigos pela mesma corrente do amor? Lucas percebe que os ensinamentos de Jesus e sua vida doada sustentam a trama da vida embrionária da comunidade. Por isso, intui a necessidade de compaginar o que o mestre fez e ensinou com o clamor do tempo presente.

Lucas terá coragem suficiente para sinalizar caminhos não pensados até aquela hora. Para isso, nada mais eficaz que uma *nova catequese* capaz de impulsionar uma *nova prática pastoral*.

### 5.1 Uma catequese ousada

*Digas tudo o que dizes, o que quer que narres,  
faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia e,  
crendo, espere e, esperando, ame  
(Santo Agostinho).*

É sabido que o querigma cristão constitui a grande novidade da pregação primitiva. Mas o que chama a atenção não é só o conteúdo do discurso de Pedro na casa de Cornélio. Também a forma como ele é anunciado traz elementos importantes para a reflexão da Igreja hoje.

#### 5.1.1 Para o tempo de Lucas

*A hermenêutica é a arte da interpretação fiel,  
isto é, não meramente verbal, mas criativa, poética  
(Johan Konings).*

O discurso de Pedro aos pagãos em Cesaréia tem, sem dúvida, um conteúdo em comum com as demais prédicas neo-testamentárias que abordam o querigma. Sua novidade consiste em apresentar Jesus como aquele que traz o cumprimento da promessa, aquele que faz o reino esperado acontecer. A salvação anunciada passa a ter um nome: Jesus. É por meio

dele e nele que o Pai efetiva sua salvação, tornando-a real para todos os povos. Ele é a boa-nova universal de Deus.

Para anunciar esse conteúdo, Lucas começa pela vida pública de Jesus, desde os tempos de João Batista. Passa por sua missão, sua vida entre os pobres, sua entrega na cruz, com a conseqüente morte e ressurreição. Afirma sua glorificação e garante que é por meio dele que se obtém o perdão dos pecados e o dom do Espírito. Agora, tendo sido glorificado pelo Pai, Jesus é juiz de vivos e mortos, juiz de todos, sem exceção.

Esse evangelho anunciado por Lucas, colocado na boca do apóstolo Pedro, é boa-nova para todos: judeus e gentios. Para gentios, porque agora são povo de Deus, irmanados na mesma fé e no mesmo batismo. Para judeus, porque caducou a prescrição legal, e o fardo que pesava sobre eles foi retirado por aquele que carregou o madeiro sobre seus próprios ombros. Ninguém mais está sozinho! Ninguém está oprimido pela lei: nem pela lei que discrimina e exclui o pagão, nem pela lei que amarra e escraviza o judeu na prática de rituais legais. Uma vez libertados, todos estão obrigados a uma única lei: o amor incondicional, testemunhado na cruz de Jesus.

O conteúdo do querigma é universal e universalizante: arranca tanto os gentios da ignorância do paganismo quanto os judeus do obscurantismo legal. Liberta aqueles que já se entendem conhecedores da lei e aqueles que nem sequer ousavam pensar merecê-la. É um elo entre os já iniciados e aqueles que desejam se aproximar. É o motivo da chegada dos que vêm e a garantia da fidelidade dos que já estão na Igreja. É a motivação e a luz daqueles que de longe percebem a beleza da fé e ultrapassam os umbrais da casa do Senhor, e a garantia de forças daqueles que por anos têm se mantido no seu santuário. É a mais simples das verdades anunciadas, mas, como dizia Santo Agostinho, “quanto mais solicitamente desce às verdades mais simples, tanto mais firme volta às mais profundas”<sup>1</sup>.

Toda teologia precisa ser querigmática: precisa estar à serviço da evangelização, do anúncio da boa-nova. Mas toda teologia também deve estar atenta à “sistematicidade e coerência de seu discurso”<sup>2</sup>. São igualmente importantes tanto o conteúdo quanto a forma. Lucas mostra isso ao anunciar seu conteúdo querigmático, mas de forma sistemática, concatenada, lógica.

---

<sup>1</sup> SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos*: teoria e prática da catequese. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 56.

<sup>2</sup> LIBANIO, Introdução à teologia, p. 144.

O querigma anunciado por Lucas não é uma colcha de retalhos mal costurada. Lucas é sistemático: parte do evento Jesus Cristo, mas concatena as idéias de tal forma que sintetiza a profissão de fé dos cristãos.

Quando se fala em centralidade de Jesus Cristo, muitos logo se põem a pensar num cristocentrismo que anula – ou pelo menos minimiza – o caráter trinitário da fé. Esse risco não parece estar presente no discurso querigmático de Lucas. Tendo Jesus como centro (cf. At 10,36), faz-se o anúncio do Pai que enviou seu Filho (cf. At 10,34-35) e do Espírito (cf. At 10,38) que o ungiu para andar pelo mundo fazendo o bem e curando a todos. O querigma não existe senão sob a vertente trinitária. O Filho não é sozinho, mas há entre as três pessoas uma relação de amor e intercomunicação. Quando se fala em querigma e catequese cristocêntrica<sup>3</sup>, pensa-se, a partir do evento Jesus Cristo, no Pai de amor que o enviou para vencer todo pecado e no Espírito que Jesus derramou, capacitando os seus a vencerem toda fraqueza humana (dimensão trinitária)<sup>4</sup>.

A partir daí, está indicada também a presença da Igreja (dimensão eclesial), o grupo dos seguidores de Jesus, daqueles que aderem ao Deus uno e trino. Tendo acolhido a pessoa de Jesus Cristo e se tornado um dos “com Jesus”, cada pessoa evangelizada é convocada a ser testemunha autorizada, anunciando a boa-nova (dimensão missionária) e investindo forças na construção do reino (dimensão social). Como Jesus mandou Pedro e os demais apóstolos evangelizarem e darem testemunho de que em seu nome se recebe o perdão dos pecados, cada pessoa que adere a Cristo torna-se multiplicadora dessa notícia. Todas as dimensões da fé são abordadas a partir de Jesus Cristo, princípio e autor da fé.

### **5.1.2 Para os tempos atuais**

Certamente o querigma não é uma fórmula mágica, capaz de resolver todos os problemas da Igreja e apresentar solução para todas as aporias dos tempos hodiernos. O movimento querigmático protagonizado por teólogos de Innsbruck, na Áustria, já constatou há tempos “a ignorância e a mediocridade da vida cristã dos fiéis, atribuída à deficiência da pregação dos pastores, formados numa teologia abstrata, seca e teórica” e, nem por isso, a

---

<sup>3</sup> Helena Teresinha Rech lembra que a presença amorosa do Ressuscitado é a presença da Trindade habitando o coração humano. Cf. RECH, H. T. A experiência cristã de Deus: uma realidade trinitária. In: FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia em Mosaico*. Aparecida: Santuário, 1999. p. 107.

<sup>4</sup> Cf. MELO. A evangelização, p. 115-121.

solução foi encontrada. Ao fazerem a proposta<sup>5</sup> de criar e desenvolver duas teologias diferentes, uma querigmática – destinada à pregação, e outra erudita – destinada à formação dos pastores, parece que “a teologia querigmática diagnostica corretamente a doença no corpo da teologia, mas prescreve medicação equivocada”<sup>6</sup>. Se não é possível, nem mesmo aconselhável, trabalhar duas teologias distintas, uma coisa é certa: é possível e aconselhável tornar a teologia mais querigmática. Como disse Mosconi, “podemos ser tentados a ficar mais no cristianismo que na pessoa de Jesus”<sup>7</sup>. Um discurso teológico – tanto para o povo quanto para os pastores – que não parta do conhecimento de Jesus só pode ser inoperante. Afinal,

a revelação cristã não se apresenta como o desvelamento e a comunicação de dados eternos e imutáveis, de verdades intemporais, por exemplo, uma nova concepção de Deus ou a idéia de caridade, nem como o desencadear de uma experiência religiosa ou a proclamação de um dogma da Igreja, mas refere-se estritamente a um acontecimento histórico concreto, mais precisamente a um personagem histórico concreto. Não se pode possuir a verdade cristã independentemente desta pessoa [...], pois a mensagem consiste justamente na história dessa pessoa, com seu nascimento, sua vida, seu ensinamento, sua morte e sua ressurreição. A fé cristã funda sua certeza sobre os acontecimentos concretos da história. A verdade anunciada por ele consiste nesta “loucura” que Deus falou e agiu no homem Jesus Cristo<sup>8</sup>.

Palavras não mudam vidas, muito menos estruturas massacrantes. Só a força de alguém “mais forte que a morte” (Ct 8,6b) é capaz de provocar mudanças substanciais. A motivação para o seguimento de Cristo nunca foi e não será jamais “o elevado nível ético do ensino do Mestre. Jesus atrai seguidores por causa do mistério de sua pessoa a transparecer em sua pregação e em sua prática”<sup>9</sup>. O atrativo de Jesus de Nazaré nunca foi a alteridade de sua ética, apesar de isso ser da máxima importância para seus seguidores. É a pessoa de Jesus de Nazaré que seduz e atrai.

Vale lembrar o que disse Gauthier:

Importa evangelizar antes de catequizar<sup>10</sup>. Evangelizar é anunciar a feliz nova de uma presença que salva tudo, é revelar alguém que aí está e que é Amor: “há entre vós alguém que não conheceis” (Jo 1,26). Esse alguém já está aí, incógnito. Ele sustenta tudo pela sua palavra criadora. Dá a todos o ser e o agir. É mais íntimo ao homem que o próprio homem<sup>11</sup>.

---

<sup>5</sup> LIBANIO, Introdução à teologia, p. 144.

<sup>6</sup> LIBANIO, Introdução à teologia, p. 144.

<sup>7</sup> MOSCONI, Atos dos Apóstolos, p. 14.

<sup>8</sup> ZHRNT, H. *Aux prises avec Dieu: la théologie protestante au XXe siècle*. Paris: Cerf, 1969. p. 269-270.

<sup>9</sup> MELO, A evangelização, p. 110.

<sup>10</sup> É bom lembrar que neste trabalho esses dois verbos estão sendo usados com o mesmo sentido, mas nem sempre foi assim.

<sup>11</sup> GAUTHIER, Paul. *O evangelho de justiça*. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 40.

Assim sendo, uma doutrina coerente não parece suficiente para arrebanhar a multidão de católicos dispersos à procura de sua identidade. A não ser que o ponto de partida para a determinação da singularidade da utilização cristã do termo doutrina seja outro: “Jesus Cristo, evento sempre renovado da Palavra libertadora de Deus na história”<sup>12</sup>.

Diante da realidade da Igreja atual, torna-se urgente anunciar o querigma: o Cristo vivo e ressuscitado. A doutrina católica – tão importante! – não é mais capaz de unificar, pois há diversas teologias convivendo no interior da Igreja. Um exemplo simples, mas significativo, é o fato de o papa Bento XVI desativar oficialmente o limbo. Ora, se isso se fez necessário, possivelmente é porque o limbo ainda consta em alguns discursos. Parece evidente a presença de múltiplos discursos teológicos. Se por um lado isso revela uma riqueza imensa, por outro gera situações conflitantes.

Só um anúncio mais centrado no querigma unifica as tendências espiritualizante e socializante, que percorreram caminhos acentuadamente divergentes até agora, pois o querigma é o anúncio de *alguém* e não de *algo*.

O querigma não anuncia verdades genéricas, uma idéia atemporal, seja ela uma idéia de Deus ou de um redentor, e sim um fato histórico. [...] O próprio querigma faz parte do fato. É o mesmo que se aplica a Cristo; ele tomou a forma de *sarx* não para que um ente celeste tivesse a possibilidade de trazer doutrinas e criar iniciações, mas pela razão de a revelação ser constituída pelo fato, pelo aqui e agora, pela realidade factual da pessoa. Mas bem por isso também o querigma não é nem portador de idéias atemporais nem transmissor de conhecimento histórico-factual; o decisivo nele é, antes, seu fato, sua presença aqui e agora, na qual aquele aqui e agora de Jesus Cristo é atualizado pela interpelação<sup>13</sup>.

Sendo assim, não é o caso de escolher uma catequese mais centrada na doutrina, na espiritualidade ou na libertação social. As três vertentes são igualmente importantes e fundamentais para o anúncio integral da boa-nova de Jesus. Não é possível preterir uma sem prejuízo de outra. Como afirma Guimarães, “a catequese em nossos dias não pode se perder em detalhes, mas precisa ir ao essencial. Precisa tocar os pontos mais querigmáticos”<sup>14</sup>. Urge anunciar o Cristo integral, não apenas algumas faces dele.

O cristão maduro se caracteriza, possivelmente, como aquele que conhece Jesus Cristo e por ele se deixa afetar (aspecto espiritual); como aquele que aceita a formação para saber dar as razões de sua fé (aspecto doutrinal), e aquele que abraça a causa do reino,

---

<sup>12</sup> GOPEGUI, J. A. R. A catequese após Puebla. *Síntese Nova Fase*, São Paulo, v. 7, n. 8, p. 8, 1980.

<sup>13</sup> BULTMANN, Rudolf. O significado do Jesus histórico para Paulo. In: \_\_\_\_\_. *Crer e Compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 101-102.

<sup>14</sup> GUIMARÃES. In: SANTO AGOSTINHO, A instrução, p. 5.

tomando partido dos excluídos, como fez Jesus (aspecto social). Esse tripé dá boa sustentação ao seguidor de Jesus, tornando-o uma autêntica testemunha: converter-se, formar-se, engajar-se. Três verbos fundamentais na vida dos seguidores de Cristo. E, além destes, outros com certeza são importantes. É preciso estar atento para não sacrificar um aspecto da fé em nome da própria fé.

Não convém, então, que o discurso catequético-evangelizador contemple uma vertente e relegue as outras a um segundo plano. É o caso de, em meio a vozes tão dissonantes de um mundo tão plural, a Igreja encontrar um discurso capaz de assimilar diferenças. E isso não se dá com palavras, mas com a força unificante de Jesus<sup>15</sup> que fez de dois povos um só.

O discurso não são palavras, mas o próprio Nazareno que deu sua vida por todos. O evangelista tem razão: “A lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,17-18).

E não é coerente que este anúncio tão primordial conte apenas com arroubos de boa vontade e iniciativas de alguns. Uma catequese eficiente precisa ser sistematizada, planejada, organizada. Precisa de metas, de lógica, precisa ser epistemológica. Precisa de traços da academia. Não é cair num academicismo que gera uma teologia de gabinete, dedutiva – por que não escolástica? –, mas é unir teologia querigmática e erudita numa só teologia. O discurso teológico da Igreja é maravilhoso, mas poucos têm acesso a ele. Infelizmente, a maioria dos católicos – maioria esmagadora – desconhece de fato sua fé. E não é por falta do desejo de conhecê-la. O problema é que há um descompasso entre a reflexão acadêmica e a pastoral, entre a bela teologia proposta pelos teólogos de ponta e o anúncio que chega aos ouvidos do povo. O que o povo ouve geralmente não é de boa qualidade. Católicos com um mínimo de conhecimento, mesmo o mais piedoso, sentem este descompasso. Fica difícil participar de uma missa, ouvir uma homilia, tolerar um programa católico na televisão ou no rádio, participar de cursos ou eventos. O discurso da Igreja não convence mais quem já tem um mínimo de base teológica e capacidade reflexiva. A princípio, ele parece suficiente para o povo mais simples, mas também isso pode não ser verdade. O católico que está aí enchendo as igrejas não está tão satisfeito assim com o que tem escutado. Há uma sede gritante de algo melhor, um desejo muito grande de receber o Ressuscitado e

---

<sup>15</sup> Cf. GOPEGUI, Catequese após Puebla, p. 17.

conhecê-lo mais de perto.

É comum se ouvir que a transmissão da fé precisa de uma nova roupagem. Está certo, mas na situação atual isso não basta. Os termos novos devem fazer surgir o sentido fundamental da mensagem de sempre. *É preciso redescobrir as próprias raízes na narrativa antiga*, para fazer ecoar o mesmo sentido na vida de hoje com palavras novas e adequadas. Para que se possa traduzir o sentido do ser cristão num contexto novo é preciso ser iniciado nas palavras e nos símbolos cristãos fundadores. Introduzir novas formas de expressão sem cuidar da continuidade com a tradição viva é separar a flor de sua raiz, qual rosa de corte num vaso: graciosa para o olho, mas incapaz de se procriar<sup>16</sup>.

Então, o que fazer? Muitos, desanimados, dizem que não há solução, que o povo reclama, mas na hora em que os pastores convocam para um compromisso mais sério, as pessoas tiram o corpo fora. A prática pastoral tem mostrado que não é bem assim. Há paróquias que têm se dedicado à formação do povo de Deus com considerável sucesso. Depende muito da habilidade do pastor e do que ele oferece. Ninguém tem mais tempo, nem paciência, para ficar assentado ouvindo um discurso de somenos importância. Diagnosticada a doença, resta acertar na medicação. O povo deseja encontrar no discurso da Igreja um remédio mais eficaz e não uma pregação simplista, que não oferece as respostas de que as pessoas necessitam. Não convém tratar de questões existenciais e sociais tão profundas, de temas teológicos tão importantes, de questões de fé tão vitais, com teologias ingênuas ou com fórmulas prontas. O povo quer algo com conteúdo. Algo sistemático, planejado, organizado, lógico. Não um curso sem mais. Hoje, por exemplo, fala-se muito em formação permanente: uma evangelização semanal que parte do querigma e vai aprofundando todas as outras dimensões da fé. Parece ser uma alternativa: degrau por degrau vai-se construindo o edifício da fé, até que o cristão tenha a plena maturidade de Cristo (cf. Ef 4,13).

## 5.2 Uma pastoral ousada

Há muitas idéias boas, mas as estruturas pastorais estão emperradas. Em cada comunidade, há espaço para pensar, refletir, debater, mas nem sempre as mudanças são possíveis. Uma coisa é a reflexão teológica que tem avançado de forma galopante e, ainda que a passos lentos, altera o discurso da Igreja. Outra coisa é a prática pastoral: algo mais estrutural que depende de decisões diversas, de diferentes instâncias.

---

<sup>16</sup> KONINGS, Ser cristão, p. 16. Grifo nosso!

Há uma incógnita no ar. Uma questão mal resolvida: Se existe uma reflexão teológica tão avançada que a própria Igreja elaborou, por que a prática pastoral ainda está emperrada? Na perícopes de Cornélio, esta questão também está presente.

### **5.2.1 Para o tempo de Lucas**

Uma coisa é Pedro pregar para os pagãos e até mesmo batizá-los. Outra situação bem diferente é hospedar-se com eles e formar com eles uma comunidade que é “um só coração e uma só alma” (At 4,32). A conseqüência imediata da acolhida dos gentios no seio da comunidade nascente é a vivência fraternal com eles. Mas isso não será tão fácil de entender!

Lucas deixa claro que, após a descida do Espírito Santo e do batismo de Cornélio e dos seus, Pedro foi convidado a ficar uns dias hospedado entre os pagãos. Ora, a lei judaica proibia a comensalidade com os gentios, pois estes eram considerados impuros. Vendo que os pagãos acolheram Jesus e foram selados com o mesmo Espírito que eles receberam em Pentecostes, Pedro compreende que não há mais divisão entre os povos. Toda nação é aceitável para Deus. Deus não é parcial. Ele acolhe em seu coração tanto judeus quanto pagãos. Compreendido isso, Pedro se vê diante de um desafio. Tendo sido convidado para hospedar-se na casa de Cornélio, precisa ir além do anúncio da boa-nova aos gentios. Precisa agora ter práticas pastorais condizentes com a sua nova descoberta teológica. Precisa hospedar-se na casa de Cornélio e deixar definitivamente claro para todos que a lei da pureza está superada.

Esse passo seguinte é sempre complicado. Implica em muitos conflitos e tensões, em decisão firme e coragem para enfrentar o novo, em audácia e ousadia para fazer as rupturas necessárias. Lucas vai articular seu relato de forma a mostrar a conveniência dessa nova postura pastoral, uma vez que ela já foi ratificada por Deus, que tomou a iniciativa de todas as cenas que desembocaram na acolhida dos pagãos.

Uma interessante característica deste relato é a importância que Lucas dá a Pedro. Pedro é uma figura única, singular, que representa a hierarquia da Igreja<sup>17</sup>. Assim sendo, as novas práticas pastorais surgidas no meio do povo devem ter seu aval. As mudanças podem e

---

<sup>17</sup> Ao falar que Pedro representa a hierarquia da Igreja, nem de longe se quer insinuar algo parecido com a organização eclesial da Igreja atual, mas apenas indicar a liderança de Pedro e seu importante papel na comunidade cristã nascente.

devem surgir do meio do povo que tem sede de algo novo, mais apropriado para sua vida diária. Mas estas práticas devem ser legitimadas pelo líder da Igreja, representada por Pedro. A hierarquia da Igreja, representada por Pedro, mostra sua conversão quando aceita uma prática pastoral diferente, o que implicava em sérias mudanças. Essas práticas, de fato, sinalizam a acolhida do Espírito Santo, que guia a Igreja. Vale a pena insistir em algo já afirmado anteriormente:

Ironicamente, Cornélio não é o único que é objeto de conversão. A visão de Pedro dos animais impuros, repetida duas vezes, mas dita como acontecida três vezes (At 10,16), indica que ele, também, precisa aprender: “o que Deus tornou puro, você não deve chamar de impuro!” (At 10,15). Esta história é mais sobre a conversão de Pedro que compreende que “Deus não apresenta parcialidade” (At 10,34) que a conversão de um temente a Deus e de sua casa a Jesus<sup>18</sup>.

Pedro vai precisar de muita coragem para enfrentar esse processo de mudança. Afinal, a lei judaica, cuja autoria era atribuída a Deus, proibia práticas que ele agora começava a autorizar. Como entender que coisas antes declaradas impuras passaram, agora, a ser declaradas puras, por iniciativa divina? Será que Deus mudou de idéia? Se assim o for, por que ele mudou de idéia? Pedro vai ter de se explicar em Jerusalém. A comunidade de fé tem dificuldades para acreditar que seu líder esteja agindo assim. Afinal, pessoa tão idônea como Pedro deve ter uma explicação razoável para justificar sua nova prática pastoral.

Chegando a Jerusalém, Pedro terá de se entender com a comunidade de lá. Ele acolheu o novo, o diferente. Isso implicou em mudanças concretas na vida comunitária, como a comensalidade com os pagãos. Tendo sido questionado, Pedro explica ponto por ponto o que aconteceu (cf. At 11,2). Ao relatar sua experiência em Cesaréia, ele deixa clara a iniciativa divina e a acolhida generosa da Palavra de Deus por parte dos pagãos. Pedro não atirou pérolas aos porcos (cf. Mt 7,6). Não trabalhou em vão! A antiga promessa de Deus de fazer sua Palavra conhecida entre todas as nações estava sendo cumprida. Israel é luz para todas as nações e a ela acorriam todas as gentes (cf. Is 60,1-7). Então, uma lei formatada – mesmo que divina! – não podia ser mais importante que a grandiosa missão de acolher os povos. Pedro compreendeu que toda ruptura tem riscos, mas implica em ganhos gigantescos. Compreendeu que “Deus é gratuidade, acima do sistema”<sup>19</sup>. Era preciso arriscar, ainda que isso gerasse confusão. Toda novidade não é mesmo assimilada de imediato por todos. Mas, pouco a pouco, a comunidade iria compreendendo que a vontade divina estava se revelando

---

<sup>18</sup> WITHERUP, R. *Conversion in the New Testament*. Collegeville: The Liturgical Press, 1994. p. 68.

<sup>19</sup> PIKAZA, Xabier. *Anunciar a liberdade aos cativos: Palavra de Deus e catequese*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 61.

na história. A vontade divina não mudou: era uma questão de saber reinterpretá-la. Para cada tempo, um jeito próprio de compreender o que Deus quer falar.

### **5.2.2 Para os tempos atuais**

Não há como negar que o novo amedronta um pouco. O que é velho e já conhecido dá estabilidade e segurança, dá chão para se fincarem os pilares da fé. Mas a fé não é algo tão “fincado” assim. Não é algo estático, parado. Ao contrário, a fé é dinâmica como a vida, e Deus está sempre desinstalando seus seguidores, colocando-os em um novo ritmo. Sempre foi assim, desde o começo. Abraão estava tranqüilo com sua família quando Deus disse: “Sai da tua terra e vai para a terra que eu vou te mostrar!” (Gn 12,1). Moisés estava sossegado no seu mundo confortável quando Deus disse: “Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10). Amós estava acomodado na sua vida rural, cuidando de suas vacas, quando Deus o impele a profetizar. Ele próprio vai dizer: “Não sou profeta, nem discípulo de profeta. Sou vaqueiro e cultivo sicômoros. Foi o Senhor que me tirou de detrás do rebanho e me ordenou: Vai profetizar contra Israel, meu povo!” (Am 7,14-15). Maria estava confortável em sua casa, prometida em casamento a José, quando o anjo lhe aparece com uma mensagem surpreendente: ser mãe do filho de Deus (Lc 1,26-38). Toda a sua estabilidade caiu por terra. Seu casamento ficou comprometido. Sua reputação ficou ameaçada. Mas era preciso arriscar.

Deus sempre desinstala. É característica divina arrancar do marasmo e empurrar para a dinamicidade da vida. A fé implica em riscos, em adaptações, em novas hermenêuticas, em novas compreensões. Uma vez acolhida a vontade de Deus que se revela, nada mais pode impedir as novas práticas que daí decorrem. É um risco que a Igreja tem de correr.

Num mundo tão plural, os sinais dos tempos apontam para a acolhida do diferente na Igreja. Uma Igreja que seja um bloco estático e monolítico não fala mais ao cristão de hoje. De fato, crer não é mais tão fácil assim – se é que já foi fácil um dia! Mas nos tempos hodiernos, alguns complicadores se apresentam no quadro geral da profissão de fé. Além da questão teológica, ou seja, do discurso catequético – particularmente importante! – ainda há a problemática da vida eclesial e sua prática pastoral. Certamente não é possível pensar um crente sem comunidade de fé. Seria pensar uma cabeça sem corpo, ou, no mínimo, um corpo mutilado, como teologia sem práxis pastoral.

Este problema se apresentava mais ameno há algum tempo atrás. Não havia na Igreja tantas vozes ecoando. Conviver com o diferente e assimilar evangelicamente essas diferenças, como fez Lucas no texto de Cornélio, não é tarefa das mais fáceis. Percebe-se, por exemplo, no interior da Igreja uma variedade de posturas em relação a temas bastante polêmicos. E não é só algo *ad intra*. O mundo questiona algumas posições da Igreja que se apresentam como já definidas, tais como: questões referentes à sexualidade e ao uso de preservativos; ao sacramento do matrimônio e a legislação canônica a seu respeito; à divisão de funções e competências entre a hierarquia e os leigos; ao papel da mulher no que concerne à sua participação não somente nas reflexões teológicas, mas também numa inserção mais profunda na vida pastoral e institucional; à obrigatoriedade do celibato; entre outros temas. O homem atual exige uma religião dinâmica, com uma moral aberta ao diálogo. Corajosamente, Gauthier afirmou:

Nas massas atéias muitos recusam uma apresentação de Deus que eles julgam grosseira. O desenvolvimento da cultura popular conduz a esta exigência. Já se não acredita em Papai Noel, e desconfia-se das representações de um Deus de barba grande que prodigaliza recompensas ou correções terrenas [...] Rejeitando as caricaturas de Deus, não é justamente ao próprio Deus que se busca sob os nomes de Verdade, Justiça e de Amor? Aliás, é menos Deus do que as religiões que está em causa, é menos a religião do que as religiões. *Em lês deus sources de la morale et de la religion*, Bergson distingue entre moral fechada e moral aberta, entre religião estática e religião dinâmica. A rejeição da moral fechada e da religião estática pode significar uma procura da religião dinâmica e da moral aberta<sup>20</sup>.

A comunidade cristã pode concordar ou não com as questões levantadas pelo mundo em geral, mas não pode ignorar que há uma sede de mudança, um clima propenso – no mínimo – a um diálogo construtivo. O mundo não tem medo da ruptura. E o Espírito impele a Igreja, como vimos em Lucas, à ousadia, tanto no discurso catequético quanto na prática pastoral.

Não basta apenas um bom discurso! É necessária uma práxis que lhe corresponda. Qualquer católico que lê os documentos mais recentes da Igreja logo vem com a pergunta: “Se é assim na teoria, por que na minha paróquia as coisas acontecem de outra forma?” Há um notável descompasso entre a reflexão e o ritmo pastoral. Acontece que mudar o compasso pastoral significa arriscar, perder algo para se ganhar outra coisa. Então, é preciso avaliar riscos, pensar as conseqüências. A Igreja se organizou de tal forma que está comprometida com um tipo de prática pastoral que favorece o engessamento e a continuidade.

---

<sup>20</sup> GAUTHIER, *O Evangelho*, p. 20-21.

Talvez fosse bom retomar aqui a questão da pastoral de conjunto, entendida não como engessamento de práticas pastorais ou mero “equipismo” organizacional, mas como uma linguagem coerente que vigore no interior da Igreja e seja capaz de unificar, não como uma camisa-de-força, mas pela coerência do discurso e por um conjunto básico de práticas pastorais que confira uma identidade à ação da Igreja.

Vale lembrar que Pedro, mesmo correndo riscos – como, por exemplo, perder os judeus mais radicais, adeptos ao cristianismo –, não vacilou. Sabia do dinamismo da fé. Quanto a essa dinamicidade, a impressão que se tem é que não há dúvidas sobre essa questão. Os católicos sabem que a fé é dinâmica. A Igreja não pensa sempre da mesma forma. O papa João Paulo II pediu perdão por muitas práticas da Igreja. A condenação pronunciada contra Galileu Galilei foi removida. A oposição à teoria de Darwin sobre a evolução das espécies foi revogada e a Igreja se mostrou favorável a ela, vendo que não se opõe à criação como obra de Deus. O limbo, antes presente na pregação popular, foi eliminado da doutrina católica. São pequenos exemplos que revelam o dinamismo constante da Igreja, que precisa estar sempre atenta ao sopro do Espírito.

O que antes parecia ser vontade de Deus passou a ser visto sob outra ótica. É a dinamicidade da fé. Há um revezamento de compreensões e práticas. Umas vão saindo do estádio da fé e passando o bastão para outras que entram em jogo<sup>21</sup>. Mas nenhuma delas é independente. Uma só é possível porque a outra lhe deu sustentação, criou as condições para seu surgimento. Afinal, ninguém inventa a fé. Ela é tradição: algo entregue por gerações antigas.

Longe de ser uma mecânica repetição do que é morto, a Tradição da fé é vida que transmite a vida. A autocomunicação divina, realizada na Revelação, suscita o povo de fé que – de testemunha em testemunha – transmite a todas as gerações a memória do Eterno, ligada ao texto da Escritura fixado no cânon, mas também ligada ao contexto do anúncio e da práxis da fé, em quem o Espírito opera para conduzir a Igreja em direção à plenitude da verdade divina<sup>22</sup>.

E a geração atual também vai dar sua colaboração e entregá-la modificada, certamente, à geração vindoura. Uma corrente ininterrupta e dinâmica de recepção e transmissão da fé se estabeleceu. Basta não engessar o recebido, como Palavra de Deus

---

<sup>21</sup> GONZÁLEZ FAUS lembra a dinamicidade dos decretos dos papas, alertando para o perigo de “transformar em irrevogável e definitivo algo que (por sua própria natureza teológica) não o é” (GONZÁLEZ FAUS, José Ignácio. *A autoridade da verdade: momentos obscuros do magistério eclesiástico*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 42).

<sup>22</sup> FORTE, Bruno. *Teologia in dialogo: Per chi vuol saperne di piu e anche per chi non ne vuole sapere*. Milão: Raffaello Cortina, 1999. p. 45.

imodificável, fazendo daquilo que é naturalmente dinâmico algo estático e parado. E confiar no Espírito. Afinal, na sua sabedoria, “a Igreja coloca no centro de sua caminhada para o Pai, não um livro mas uma pessoa: Jesus de Nazaré, que nos ‘seduz’ e convida a seguir seus passos”<sup>23</sup>.

Faz-se mister lembrar: mudam-se os contextos, mudam-se os costumes, mudam-se até os discursos, mas permanece o centro da fé: o querigma de Jesus, o evento Cristo no qual a Igreja deposita toda a sua confiança, o responsável por toda a ação pastoral da Igreja.

### 5.3 Conclusão

Na perícopé de Pedro na casa de Cornélio, Lucas arrisca uma catequese atrevida. De forma narrativa, parte do evento Jesus Cristo e anuncia com coragem a universalidade da fé, rompendo com a lei judaica do puro-impuro.

Lucas apresenta uma catequese querigmática, cristocêntrica: um discurso bem elaborado, simples, mas sistemático e com idéias bem concatenadas. Um discurso ao alcance de todos: judeus e gentios. Um discurso para todos: judeus e gentios. Jesus é a boa-nova universal de Deus que rompe todas as barreiras, fazendo de todos os homens um só povo.

O discurso petrino que Lucas elabora conduz a iniciativas pastorais inusitadas: a acolhida dos pagãos no seio da Igreja e a comensalidade com eles. De novo, o mestre Guimarães Rosa: “Toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”<sup>24</sup>. Assim, uma nova pastoral catequética se inicia com um discurso teológico consistente. Uma evangelização inovadora quer estruturas e práticas que a subsidiem. Não basta só anunciar. Torna-se urgente romper as barreiras que costumem antigos impõem para acolher o novo que o Espírito sopra aos ouvidos da Igreja.

Como no tempo de Lucas, a Igreja atual é desafiada a ler os sinais dos tempos e inovar sua catequese e sua prática pastoral. Interpelada por novos sujeitos eclesiais, ela se vê impelida a repensar sua prática catequética milenar, sua ação pastoral tão antiga. Terá a Igreja de hoje a coragem lucana, presente em At 10,1–11,18, para romper com antigos costumes e abrir-se à novidade do hoje da história?

---

<sup>23</sup> GRUEN, Wolfgang. A Bíblia na era da internet. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 61, p. 82, 1999.

<sup>24</sup> ROSA, Grande Sertão, p. 127.

## CONCLUSÃO GERAL

*O saber a gente aprende com os mestres e com os livros.  
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes  
(Cora Coralina).*

Um longo caminho foi percorrido.

Nota-se que a atual práxis evangelizadora da Igreja tem características diversas. Coexistem várias alternativas pastorais no desejo de encontrar o melhor caminho em tempos de mudanças, pluralismo religioso, retorno do sagrado e emergência da subjetividade. A situação leva a pensar em uma perplexidade pastoral, sinalizando boa vontade e esperança dos católicos, mas, ao mesmo tempo, mostrando que não há clareza quanto ao caminho a seguir, pois a própria identidade da Igreja se vê claramente ameaçada. A *identidade tridentina* não se sustenta mais e a *identidade do Vaticano II* ainda não se implantou definitivamente. Sobrevivem, mesmo com as contradições que isso implica, as duas vertentes conciliares. Assim, uma Igreja multifacetada se apresenta ao mundo: ganham espaços novas maneiras de evangelizar, novos discursos, novas tendências teológicas e novos modelos catequéticos, que ora se complementam, ora se afrontam.

Ao final da pesquisa, algumas conclusões parecem necessárias:

a) A perícopes em estudo é uma criação lucana, com bases em tradições diferentes, e com a finalidade de legitimar a prática evangelizadora de Paulo entre os pagãos, principalmente a comensalidade entre judeus e cristãos. É uma *catequese narrativa* que, partindo do núcleo da fé – o relato da vida, morte e ressurreição de Cristo –, leva ao rompimento com antigos costumes e impõe novas práticas evangélicas. A narratividade garante o acesso do leitor ao texto, facilitando sua penetração na teologia lucana e garantindo a continuidade da história de Jesus. Isso leva a pensar a catequese da Igreja como algo fluido, solto, uma criação teológica a partir de seu tempo e suas reais necessidades, de seus apelos pastorais, que levam em conta os sujeitos eclesiais que se apresentam no cenário da Igreja, e não como um manual de doutrina a ser ensinado, ou um conjunto de verdades escolásticas a ser repassado para o ouvinte.

b) O centro da perícopes é o discurso de Pedro na casa de Cornélio, que tem como coluna dorsal o *querigma cristão*. Jesus Cristo é o argumento principal de sua evangelização. Para fazer parte do povo de Deus, é preciso mais que cumprir práticas culturais ou obedecer as leis judaicas. Faz-se mister acolher o Cristo morto e ressuscitado, anunciado pelas testemunhas

que viveram com ele. Ele é a ponte que unifica os povos divididos e elimina toda separação, formando o novo povo eleito pelo batismo. O discurso petrino empurra o leitor a repensar o conteúdo catequético e seus métodos. Sem dúvida, a catequese atual já superou em muito os manuais de Trento, mas a fixidez nos temas do *Catecismo dos Párocos* (Símbolo dos Apóstolos, Sacramentos, Mandamentos, Oração Cristã) ainda é hoje observável. O cristocentrismo da evangelização foi diluído. O evento Jesus Cristo cedeu sua vaga para doutrinas e ensinamentos periféricos, sejam eles de tendência espiritualista ou socializante. Além disso, não é só um problema de conteúdo. A narratividade da evangelização está há muito ameaçada pelos manuais – tanto por uma teologia bem elaborada no caso da catequese com adultos, quanto por uma teologia ingênua, no caso das crianças. Os manuais substituíram a narrativa. A catequese infantil virou aula de catecismo – com livro e tudo! – e a evangelização dos adultos virou curso de teologia para leigos – com direito a formatura! Já não se percebe mais a preocupação com o evento Jesus Cristo – como algo que interpela o ouvinte e o impele a novos rumos. Preocupa-se muito com questões periféricas. O querigma cristão parece ter perdido sua força.

c) A pregação de Pedro é ao mesmo tempo *querigmática e sistemática*. A centralidade do querigma dá ao discurso leveza e consistência ao mesmo tempo. Leveza, porque não está baseado em uma doutrina ou um conjunto de leis, mas em uma pessoa concreta a quem o ouvinte deve aderir incondicionalmente. Consistência, porque essa pessoa a quem se deve aderir é o próprio Deus que ama e interpela o ouvinte. Assim, Jesus é o conteúdo anunciado e o autor do anúncio. Quando Lucas escreve o mini-evangelho que Pedro anuncia na casa de Cornélio, ele o faz com rigor e precisão. Não é uma reflexão improvisada, mas uma teologia elaborada, com seqüência de temas concatenados e com rigor lógico.

d) A *teologia da ruptura* presente em Atos tem raízes na pregação de Jesus e na sua práxis evangelizadora. Ao afirmar que Jesus suplanta a lei mosaica e se sente livre em relação às autoridades judaicas, Lucas, no começo de sua obra (Evangelho), abre precedentes para fazer rupturas importantes para o trajeto da Igreja. Seguindo este mesmo pensar, desde o princípio dos Atos dos Apóstolos, coloca Pedro como alguém que tem liberdade para agir e obedecer a Deus, ainda que esta obediência destoe do que as autoridades judaicas dele esperam (cf. At 4,19). O cristão inquieto se verá impelido a pensar nas rupturas que se fazem fundamentais para a Igreja hodierna. Conjugiar o novo e o velho – ou ainda, fazer do velho algo novo – é uma arte que Lucas soube cultivar. Importa repensar a catequese, buscando caminhos

diferentes para anseios tão próprios deste tempo. A narrativa de Pedro na casa de Cornélio, com seu discurso aos pagãos e consecutiva acolhida dos mesmos no seio da Igreja, leva a *repensar a prática evangelizadora e pastoral* da Igreja. O Espírito de Deus, que sinalizou as necessárias mudanças na interpretação da lei judaica, quer trazer sua leveza para a caminhada da Igreja atual. Não convém que tanta estrutura – crescida por necessidade ao longo da história – venha a sufocar o Espírito que sustenta a missão. Afinal, lembra a CNBB, “por fidelidade ao próprio Cristo, [...] a Igreja tem a estrita responsabilidade de oferecer em cada época, o acesso à Palavra de Deus”<sup>1</sup>. A liberdade de Lucas para pensar teológica e pastoralmente inspira a buscar alternativas para os desafios de hoje, sejam eles *ad intra* ou *ad extra*. Uma doutrina cuja formulação é irrevogável leva a uma evangelização e a uma pastoral engessadas, sem diálogo com o mundo, sem abertura para os sinais dos tempos, logo, sem fidelidade ao Deus da história.

Está posta a pesquisa e, certamente, não sem conseqüências para a práxis catequética de hoje. A obra lucana preenche muitas lacunas do discurso catequético atual. O *caráter narrativo* de seu texto, minuciosamente arquitetado com fins teológicos, e a *centralidade de Jesus Cristo*, boa-nova universal de Deus que elimina todas as barreiras entre os povos, iluminam a prática evangelizadora atual. Nada melhor que um pouco de luz da Escritura para se perceber o que ainda é treva no espaço eclesial.

Oxalá não falte aos evangelizadores a coragem necessária para seguir os impulsos do Espírito que guia a Igreja, fazendo as rupturas importantes para dar espaço ao novo, sem, no entanto, desprezar o tesouro precioso da fé, conservado com zelo pela Igreja durante esses milênios.

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu  
(Fernando Pessoa).*

---

<sup>1</sup> CNBB. Doc. CNBB 71, p. 19.

# REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

## 1. Instrumentos

A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista. São Paulo: Paulus, 2002.

ALAND, Barbara *et al.* *The Greek New Testament*. 4. ed. revis. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; USA: United Bible Societies, 1993.

BÍBLIA Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

BÍBLIA Sagrada: Tradução da CNBB. Introdução ao Evangelho de Lucas. 3. ed. revis. Brasília: CNBB, 2006.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo/Petrópolis: Vozes/Loyola/Ave Maria, 1992.

CNBB. *Catequese para um mundo em mudança – Estudos 73*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Diretório Nacional da Catequese*. Brasília: CNBB, 2005.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – Documento 71*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil – Documento 45*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Evangelização e missão profética da Igreja – Documento 80*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas – Documento 62*. São Paulo: Paulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sou católico, vivo a minha fé*. Brasília: CNBB, 2007.

COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2005.

COMPÊNDIO do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1986.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO II. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*. Conclusões. Medellín. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO III. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO IV. *Nova Evangelização – promoção humana – cultura cristã*. Conclusões. Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 1992.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

FLORISTÁN SAMANES. Cassiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.

FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy (Ed.). *Analytical Greek New Testament*. Michigan: Baker Book House, 1989.

PAULO VI, Papa. *A Evangelização no mundo contemporâneo: Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Loyola, 1976.

JOÃO XXIII, Papa. *Constitutio apostolica Humanae salutis: Acta Apostolicae Sedis 54*. Vaticano, 1962. p. 5-13.

JOÃO PAULO II, Papa. *A missão do Redentor: Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, Papa. *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo: Exortação apostólica Christifideles laici*. São Paulo: Paulinas, 1990.

RITUAL da Iniciação Cristã de Adultos. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORÍGENES. *Contra Celso*. Madri, La Editorial Católica, 1967.

## **2. Bibliografia básica**

TOSAUS ABADÍA, José Pedro. *A Bíblia como literatura*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALGISI, Leone *et al.* Os evangelhos. In: BALLARINI, Teodorico (Org.). *Introdução à Bíblia*: Petrópolis: Vozes, 1972. v. 4.

ANTONIAZZI, Alberto. A pesquisa sobre os Atos dos Apóstolos. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 3, p. 76-86, 1989.

BARTHES, Roland. El análisis estructural del relato a propósito de Hechos 10-11. In: LEÓN-DUFOUR. *Exegesis y hermenéutica*. Madrid: Cristiandad, 1976. p. 143-163.

BROWN, Raymond E. *As Igrejas dos apóstolos*. São Paulo: Paulus, 1986.

CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Vozes/Metodista/Sinodal, 1988. v. 1.

CONZELMANN, Hans. *El centro del tiempo: la teología de Lucas*. Madrid: Ediciones Fax, 1974.

DIAS MATEOS, M. Lucas: evangelizar la Iglesia. In: \_\_\_\_\_. *Tudo lo hago nuevo: aportes bíblicos a la evangelización*. Lima: CEP, 1992. p. 113-131.

DUPONT, Jaques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991.

FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio según Lucas: traducción y comentario*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. A catequese após Puebla. *Síntese Nova Fase*, São Paulo, v. 7, n. 8, p. 8, 1980.

\_\_\_\_\_. *A história de Jesus: catequese para a Primeira Comunhão*. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Catequese e Tradição da fé. *Síntese Nova Fase*, São Paulo, v.4, n. 11, p. 4, 1977.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento de Deus e evangelização: estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1977.

GOURGUES, M. *Atos 1-12: missão e comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GRUEN, Wolfgang. A Bíblia na era da internet. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 61, p. 79-92, 1999.

LAMBRECHT, J. Jesus Christ is the lord of all. Acts 10,34-43. In: \_\_\_\_\_. *Understanding what one reads – New Testament Essays*. Leuven: Peeters, 2003. p. 132-141.

LUKASZ, Czeslaw. *Evangelizzazione e conflitto: indagine sulla coerenza letteraria e tematica della pericope di Cornélio (Atti 10,1-11,18)*. Frankfurt: Peter Lang, 1993.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.

MELO, Antônio Alves. *A evangelização no Brasil. Dimensões teológicas e desafios pastorais: o debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1996. Tese de doutorado.

MOSCONI, Luís. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 2001.

OLIVA, José Raimundo. Atos e Evangelhos: o anúncio de Jesus no terceiro milênio. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 70, p. 97-109, 2001.

OPORTO, S. G. *et al. Comentario al Nuevo testamento*. Madri/Salamanca/Estella: PPC/Sigueme/Verbo Divino, 1995.

PIKAZA, Xabier. *A teologia de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1985.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

SAOUT, Y. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *El dogma que libera: Fe, revelación e magistério dogmático*. Santander: Sal Terrae, 1989.

\_\_\_\_\_. *El hombre de hoy ante Jesús de Nazaret*. Madrid: Cristiudad, 1982. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Teología abierta para el laico adulto*. Buenos Aires, Carlos Lohhlé, 1970. v. 1, 3.

STORNILO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do evangelho*. São Paulo: Paulus, 1993.

STUHLMUELLER, Carrol. *Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1975.

TURRADO, Lorenzo. *Biblia comentada: Hechos de los Apóstolos y Epístolas paulinas*. Madri: La editorial catolica, 1965. v. 6, p. 94.

UMA LEITURA dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1983.

WITHERUP, R. *Conversion in the New Testament*. Collegeville: The Liturgical Press, 1994.

### 3. Bibliografia complementar

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, 1969.

ANTONIAZZI, Alberto; MATOS, Henrique Cristiano. *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*. São Paulo: Paulinas, 1996.

BARTH, Karl. *A proclamação do Evangelho*. São Paulo: Novo Século, 2004.

\_\_\_\_\_. *Chamado ao discipulado*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BERGER, Peter. *The Sacred canopy: elements of a sociological theory of religion*. Nova Iorque, Anchor Books, 1969 (trad. bras.: São Paulo: Paulinas, 1985).

\_\_\_\_\_. *Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *Una gloria lejana*. La búsqueda de la fe en época de credulidad. Barcelona: Herder, 1994.

BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, H; CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. *História da Igreja: Idade moderna*. São Paulo: Paulinas, 1965. v. 3.

BOFF, Clodovis. *Sinais dos tempos: princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BULTMANN, Rudolf. O significado do Jesus histórico para Paulo. In: \_\_\_\_\_. *Crer e Compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2003.

COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja II: do século XV ao século XX*. São Paulo: Loyola, 2001.

DANIEL-ROPS. *História da Igreja de Cristo: a Igreja do Renascimento e da Reforma*. Porto: Tavares Martins, 1962. v. 4.

DE MORI, Geraldo Luiz. O Evangelho segundo dona Lauricena: análise e interpretação de uma cristologia popular. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 25, n. 66, p. 197-227, 1993.

FORTE, Bruno. *Teologia in dialogo*. Per chi vuol saperne di piu e anche per chi non ne vuole sapere. Milão: Raffaello Cortina, 1999.

MIRANDA, Mário de França. *Um homem perplexo: o cristão na atual sociedade*. São Paulo: Loyola, 1992.

FRÖHLICH, Roland. *Curso Básico de História de Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987.

GAUTHIER, Paul. *O evangelho de justiça*. Petrópolis: Vozes, 1969.

GONZÁLEZ FAUS, José Ignácio. *A autoridade da verdade: momentos obscuros do magistério eclesiástico*. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *La Humanidad Nueva*. Santander: Sal Terrae, 1984.

GRANDI, D; GALLI, A. *História da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulistas, 1977.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro. Prefácio. In: SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 1978.

KASPER, Walter. *Jesús, el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1976.

KONINGS, Johan. Educação permanente da fé através da Bíblia na liturgia. *Revista de Cultura Bíblica*, n. 19-20, v. 5, p. 165-178, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ser cristão: fé e prática*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIBANIO, João Batista. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação: para a formação dos agentes de pastoral nos distintos ministérios e serviços da Igreja*. Valencia (Espanha): Siquem, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.

MARTINA, G. *História da Igreja de Lutero a nossos dias: a era da Reforma*. São Paulo: Loyola, 1995. v. 1.

MATOS, Henrique Cristiano. *Caminhando pela História da Igreja: uma orientação para iniciantes*. Belo Horizonte: O Lutador, 1995. v. 2.

MESTERS, Carlos. *Palavra de Deus na história dos homens*. Belo Horizonte: O Lutador, 1969.

MURAD, Afonso *Este cristianismo inquieto: a fé encarnada*, em J. L. Segundo. São Paulo: Loyola, 1994.

PESSOA, Fernando. *Poesias: seleção de Sueli Barros Cassal*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2001.

PIERINE, F. *A Idade Média: Curso de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997. v. 2.

PIKAZA, Xabier. *Anunciar a liberdade aos cativos: Palavra de Deus e catequese*. São Paulo: Loyola, 1985.

PRATES, Marilda. *Reflexão & Ação em língua portuguesa: 8ª série*. São Paulo: Editora do Brasil, 1984.

RAHNER, Karl. *Elemente der Spiritualität in der Kirche der Zukunft*. In: \_\_\_\_\_. *Schriften zur Theologie XIV*, Einsiedeln Benziger, p. 368-381, 1980.

\_\_\_\_\_. *O dogma repensado*. São Paulo: Paulinas, 1970.

RECH, Helena Teresinha. *A experiência cristã de Deus: uma realidade trinitária*. In: FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia em Mosaico*. Aparecida: Santuário, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUSTANG, F. *Le Troisième Homme. Christus*, França, v. 13, n. 52, p. 561-567, 1966.

SANTO AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja: fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.

TABORDA, Francisco. *Cristianismo e ideologia: ensaios teológicos*. São Paulo: Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. *Eucaristia e Igreja. Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 17, p. 29-62, 1985.

TÜCHLE, G.; BOUMAN, C. A. *Nova história da Igreja: Reforma e Contra-Reforma*. Petrópolis: Vozes, 1983. v. 3.

VALLÉS, Carlos González. *Viver em comunidade: sonho e realidade na vida religiosa*. São Paulo: Loyola, 1987.

VOLKMAN, Martin. Hebreus 4,12-13: a palavra de Deus, viva e eficaz. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 34, p. 41-47, 1992.

VORGRIMLER, Herbert. Indulgência e Purgatório. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus (ed.). *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Do tempo para a eternidade*. Petrópolis: Vozes, 1984. V/2.

ZAGHENI, G. *A Idade Contemporânea: Curso de História da Igreja IV*. São Paulo: Paulus, 1999.

ZAHRNT, H. *Aux prises avec Dieu: la théologie protestante au XXe siècle*. Paris: Cerf, 1969.